Diário de Lisboa

CÉU ENCOBERTO

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A. RUELLA RAMOS

SEXTA-FEIRA, 26 DE ABRIL DE 1974 N.º 18440 — ANO 54.º — PREÇO 2$50

CAXIAS CAIU

LIBERTOS OS PRESOS DETIDA A DGS/PIDE

Às nove e trinta de hoje um oficial dos Fuzileiros Navais comunicou aos jornalistas, na Rua António Maria Cardoso, que a PIDE-DGS acabava de render-se ao fim de uma noite inteira de resistência ao cerco. Milhares de pessoas assistiram, nas imediações à queda de um dos últimos redutos do regime.

Pouco depois, chefava ao local mais um contingente militar que ali tomou posições, vindo do Regimento de Infantaria 1.

Às 9 e 43 foram abertas as portas e entraram no edifício três oficiais das Forças Armadas. Passado um minuto saiu um indivíduo que abriu as portas das garagens, de onde, acto seguido saíram algumas dezenas de elementos da PIDE, em fila de dois. Traziam um ar carrancudo e dirigiram, mesmo, alguns impropérios aos circunstantes. Entraram no edifício principal.

Às 9 e 46, as forças militares ocuparam o edifício central da ex-PIDE-DGS.

A cadeia política da DGS/Pide em Caxias foi tomada pelas oito e meia da manhã de hoje, por uma força de pára-quedistas, que começaram imediatamente a libertar das celas os prisioneiros políticos, conduzindo-os para o pátio interior da prisão, onde aguardam ordem de saída para o exterior. Foram presos sem resistência os quarenta elementos daquela odiada Polícia secreta, que durante a noite tinham resistido no interior do cerco e que, apesar de ontem terem ameaçado matar os prisioneiros, se apresentaram aos pára-quedistas já desarmados e em atitude colaborante.

— **«Dentro de poucas horas espero libertar os prisioneiros políticos que não sejam acusados de delito comum. Aguardo apenas ordens superiores»** — disse-nos cerca das nove horas o comandante da força dos pára-quedistas, cap. Mário Pinto, que nos descreveu o entusiasmo dos seus soldados.

O assalto final à prisão da Pide começou às 6 e 30 da manhã, altura em que o forte foi sobrevoado por aviões da Força Aérea, que davam apoio às tropas terrestres. Às 8 e 15 entregaram-se os guardas da GNR que defendiam a prisão. Com a chegada de uma companhia de fuzileiros navais do Vale do Zebro (Barreiro) foi reforçada a força de intervenção. Eram 9 e 22 quando o director da cadeia, inspector Parra da Silva, foi preso.

Abertas as portas da prisão, vários jornalistas que tinham sido conduzidos de Lisboa em viaturas da companhia dos fuzileiros, puderam contactar com os prisioneiros políticos que iam chegando, em grupos, ao pátio da prisão, num entusiasmo indescritível. Soube-se então que só ontem à noite os prisioneiros se aperceberam de que algo de anormal se estava a passar no País.

Cerca das dez horas, foram abertas as portas do Hospital Prisional anexo à cadeia.

Muitas pessoas aguardaram no cruzamento do desvio da estrada durante toda a noite o momento da libertação dos seus familiares.

— **O que vão fazer aos pides?** — perguntámos ao comandante dos páras.

— **Temos que ter compaixão e humanidade para com eles** — respondeu-nos o capitão, que salientou o facto de se terem entregue sem combate.

Minuto zero: o "regime" vai cair

Este espantoso documento fotográfico documenta toda a emoção e expectativa popular na hora H da queda do chamado Estado Novo: um minuto depois, segundos talvez, sairia do quartel da GNR no Carmo o carro blindado onde se escondia o prof. Marcello Caetano, que acabava de cair com o seu Governo e com o Regime que oprimia o País há quase cinquenta anos. Neste momento dramático e histórico, que o nosso repórter fixou com enorme realismo, começava para o povo português uma nova etapa de esperança numa vida verdadeiramente nova

Proclamação da Junta de Salvação Nacional

Spínola às Forças Armadas

(Ler na ULTIMA PÁGINA)

RENDIÇÃO DE LANCEIROS-2

As três horas da madrugada, o Rádio Clube Português transmitiu o seguinte comunicado do Movimento das Forças Armadas: «Como é do conhecimento geral, foi há pouco transmitido pela Radiotelevisão portuguesa e pelas estações emissoras uma proclamação da Junta de Salvação Nacional dirigida ao País, onde são definidos os objectivos gerais do Movimento das Forças Armadas, que, interpretando o sentimento da Nação, acabam de derrubar o Governo. Entretanto, informa-se que a situação se encontra totalmente controlada, tendo-se rendido o Regimento de Lanceiros 2 e o G.D.A.C.I., em Monsanto, e encontrando-se os ex-membros do Governo sob custódia do Movimento. Continua a recomendar-se à população o acatamento estrito das indicações da Polícia Militar, Polícia de Segurança Pública e Brigadas de Trânsito, contribuindo assim para a manutenção da ordem que todos desejamos se mantenha inalterada.

Avisam-se as unidades de que algumas delas serão rendidas, na ocupação dos objectivos, por forças do Regimento de Caçadores Pára-Quedistas».

Hoje 28 páginas

DL/NACIONAL

"Situação totalmente controlada"

O Movimento das Forças Armadas difundiu, de madrugada, o seguinte comunicado:

«Aqui Posto de Comando do Movimento das Forças Armadas.

Como é do conhecimento geral foi há pouco transmitida na Radiotelevisão Portuguesa e pelas estações emissoras, uma proclamação da Junta de Salvação Nacional dirigida ao país, onde são definidos os objectivos gerais do Movimento das Forças Armadas que, interpretando o sentimento da Nação, acaba de derrubar o Governo.

Entretanto, informa-se que a situação se encontra totalmente controlada, tendo-se rendido o Regimento de Lanceiros 2 e o Grupo de Detecção, Alerta e Conduta de Intercepção em Monsanto, encontrando-se os ex-membros do Governo sob custódia do Movimento.

Continua a recomendar-se à população o acatamento estrito das indicações da Polícia Militar, da Polícia de Segurança Pública e das brigadas de trânsito, contribuindo assim para a manutenção da ordem que todos desejamos se mantenha inalterável.

Avisam-se as Unidades de que algumas delas serão rendidas na ocupação dos objectivos por forças do Regimento de Caçadores Pára-Quedistas».

COMUNICADO DIVULGADO ESTA MANHÃ:

Avisa-se a população que o Aeroporto da Portela continua fechado à navegação. Os passageiros e o pessoal das companhias serão avisados por esta via, com a antecedência devida, da hora de abertura.

Também se informa que, dado o facto de a situação se encontrar perfeitamente normalizada, a população poderá retomar as suas actividades habituais.

Reina a calma em todo o País».

A movimentação das Forças na Região Militar de Évora

Na Região Militar de Évora, aderiram ao Movimento, imediatamente à sua eclosão, o Regimento de Cavalaria 3, em Estremoz, e a Escola Prática de Artilharia, em Vendas Novas.

O comandante da primeira destas unidades aproveitou o facto de se ligar ao Movimento para dar voz de prisão, cerca das três horas da madrugada, ao general director da Arma de Cavalaria, que se encontrava em visita de inspecção ao aquartelamento. Deste regimento, partiram imediatamente companhias qus passaram por Arraiolos e ocuparam S. Gabriel.

Da Escola Prática de Artilharia, em Vendas Novas, partiram duas batarias equipadas com obuses, depois de terem detido o comandante, coronel Melo de Carvalho, o tenente-coronel Nascimento, um sargento-ajudante, oito sargentos e um cabo miliciano.

Estas forças, que partiram para Lisboa, ocuparam postos junto ao Cristo-Rei, apontando as peças para o Palácio de S. Bento e para as forças estacionadas em Monsanto.

Uma outra bataria ficou nas proximidades de Pegões, enquanto uma outra ainda ficava na zona de Vendas Novas.

Os oito sargentos e demais militares foram soltos pouco depois, por terem aderido ao Movimento.

No Regimento de Infantaria 3, estacionado em Beja, arrancaram forças com destino a Alcáçovas e outros pontos do Alentejo, ao que parece inicialmente para apoiar o Governo deposto.

Esta situação modificou-se a uma ordem do brigadeiro comandante do quartel-general de Évora.

Entretanto, em Tavira, no C. I. S. M. I., as forças actuaram tentando o controlo de entradas e saídas pela fronteira de Vila Real de Santo António.

Em Faro as Forças Armadas diligenciaram no sentido de dominar o aeroporto local.

O C. I. C. A. de Lagos tratou da dominação da zona onde está instalada a antena do canal de Foia.

Em Évora, onde estão aquartelados o R. A. L. 3 e o R. I. 6, as forças só saíram para a rua por volta das 18 e 55, emdirecção ao quartel-general, com o objectivo de obterem uma tomada de posição do respectivo comandante.

Membros do Movimento das Forças Armadas de ambos os aquartelamentos mantinham-se desde muito cedo em contacto com o brigadeiro da Região Militar, tentando obter uma decisão.

Por volta das 19 horas ocuparam posições junto da entrada de Lisboa e de outras saídas, posições que rapidamente foram abandonadas por não parecerem necessárias, já que o Movimento havia obtido o controlo da situação.

A Junta de Salvação Nacional

Individualidades de grande prestígio nas Forças Armadas, com largas folhas de serviços prestados ao País, os componentes da Junta de Salvação Nacional são os seguintes oficiaisi: capitão-de-fragata António Alba Rosa Coutinho; capitão-de-mar-e-guerra José Baptista Pinheiro Azevedo; general Francisco da Costa Gomes; general António de Spínola (que preside); brigadeiro Jaime Silvério Marques; coronel Carlos Galvão de Melo e general Manuel Diogo Neto (ausente da Matrópole).

General António de Spínola

O GENERAL SPÍNOLA

Personalidade de militar, político e administrador de inexcedível prestígio, o general António de Spínola, cuja acção como governador da Guiné foi notabilíssima, tem 64 anos e é natural de Santo André, Estremoz. Feitos os estudos secundários no Colégio Militar, ingressou, em 1930, na então Escola Militar, cujo curso de Cavalaria terminou em 1933.

Tendo iniciado a carreira de oficial no Regimento de Cavalaria 7, serviu depois noutras unidades e estabelecimentos, nomeadamente no Regimento de Lanceiros 2, de que foi comandante, e no Comando Militar dos Açores, integrado no corpo expedicionário que para ali foi destacado em 1945.

Entre Novembro de 1961 e 21 de Fevereiro de 1964, comandou um batalhão de cavalaria, em Angola, com o posto de tenente-coronel, tendo então merecido excepcionais louvores da parte do ministro do Exército pela acção que desenvolveu no Norte da província, onde se manteve até Maio de 1963.

Regressado de Angola, o general António de Spínola foi transferido para a Direcção da Arma de Cavalaria, onde, cumulativamente com outras funções, chefiou o Serviço de Preboste. Mais tarde, foi nomeado do 2.º comandante-geral da Guarda Nacional Republicana, assumindo, em 1968, com o posto de brigadeiro, o Governo da Guiné. A sua promoção a general verificou-se em Julho de 1969.

Nomeado vice-chefe do Estado-Maior Ceneral das Forças Armadas, após ter deixado o Governo da Guiné, viria a ser exonerado daquele cargo em 14 de Março último (exercera-o durante dois meses menos quatro dias).

Oficial e cavaleiro da Ordem Militar de Avis, foi agraciado com o grande-oficialato da Torre e Espada, em 7 de Junho do ano passado. Possui, igualmente, as medalhas de Mérito Militar e de prata dos Serviços Distintos e de ouro de Comportamento Exemplar. O Governo espanhol conferiu-lhe a cruz de 1.ª classe da Ordem do Mérito Militar, com o distintivo branco.

O GENERAL COSTA GOMES

Oficial dos mais distintos com que têm contado as Forças Armadas do País, o general Francisco da Costa Gomes nasceu em Chaves em 1914, tendo concluído o curso de oficial de cavalaria em 1935. Frequentou os cursos de Estado-Maior e de Altos Comandos no ano lectivo de 1963-64, sendo, neste último, promovido a brigadeiro e, quatro anos depois, a general.

Em 1944 licenciara-se, com distinção, em Ciências Matemáticas, na Universidade do Porto e, antes da promoção a oficial-general, serviu em várias unidades e estabelecimentos militares. Em Macau, foi notável a sua acção como chefe do Estado-Maior do Exército estacionado naquela província.

Professor do Curso de Altos Comandos, no Instituto de Altos Estudos Militares, foi também comandante da Região Militar de Moçambique, exercendo, igualmente, as funções de subsecretário de Estado do Exército, tendo, quando no exercício destas funções, em Abril de 1961, participado no fracassado movimento militar de que também fizeram parte o general Botelho Moniz e o brigadeiro Almeida Fernandes, entre outros.

Em 12 de Setembro de 1972, em substituição do general Venâncio Deslandes, que atingira o limite de idade, foi nomeado chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, cargo de que foi exonerado em 14 de Março deste ano, juntamente com o generalAntónio de Spínola.

Antes de assumir a chefia do Estado-Maior General, exerceu o cargo de comandante-chefe das Forças Armadas de Angola.

Comendador da Ordem de Avis, é condecorado com a medalha de prata de Comportamento Exemplar e a medalha comemorativa das Expedições a Moçambique.

Elementos da G. N. R. antes de se renderem

Conversa à porta com o general António de Spínola

«Estamos a guardar a casa do general, mas podem passar.»

Assim nos falou um tenente na Rua Rafael Andrade, ontem, às 10 e 20.

A casa guardada era a do general António Spínola.

Aproximámo-nos da porta e tocámos à campaínha. Um segundo, dois segundos — e a porta abriu-se.

Disse-nos a porteira:

«O senhor general habita no rés-do-chão e no primeiro andar.»

Subimos ao primeiro andar.

Um toque na porta.

Uma voz que vem do rés-do-chão:

«Façam favor.»

Descemos. À nossa frente — a esposa do general.

«Meu marido — diz-nos — está a dormir.»

Depois emenda e afirma:

«A dormir, não. Mas está deitado.»

Ouvia-se distintamente uma emissão do Rádio Clube Português. Findas as palavras — um fado de Coimbra. A senhora de Spínola sorri-nos, hesita, atenta nos cartões que testemunham a nossa qualidade de jornalistas.

«Só um momento» — acaba por dizer.

Afasta-se, deixando a porta aberta.

Regressa e diz:

«O meu marido só lhes pode dizer poucas palavras. Esse é o recado que o meu marido lhes pede para transmitir.»

Um minuto depois o general Spínola estava à nossa frente.

Encontrava-se já barbeado, muito direito, envergando um roupão de cor cinzenta.

»Então que há ...?» — perguntou-nos com um sorriso.

Nós dissemos:

«Está a passar-se qualquer coisa ... »

E o general António de Spínola com uma certa ironia:

«Onde?»

«Nas ruas ... »

O general afastou-se um passo, tornou-se subitamente sério. E disse:

«Assim como vieram aqui cumprimentar-me, eu também vos cumprimento. É tudo quanto posso fazer neste momento.»

Estendeu-nos a mão.

Entretanto chegava, apressado, um capitão.

«Agora — disse o general — tenho de falar com este senhor.»

E foi tudo: a porta fechou-se amavelmente sobre nós.

Na rua, de arma na mão, os soldados mostravam-se calmos. E o tenente que nos tinha indicado a casa do general António Spínola veio ter connosco e perguntou-nos:

«Então ... ?»

«Tudo certo» — dissemos.

Ele disse:

«Sim, acho que está tudo certo.»

Horas depois, de tarde, o general António de Spínola apresentava-se no Quartel do Carmo para a cerimónia de rendição do prof. Marcello Caetano.

Imagem expressiva do entusiasmo das pessoas que ocorreram ao Rossio

Jovens sobem o Chiado vitoriando as Forças Armadas

CLIMA DE APOTEOSE

A população oferece flores, bebidas, cigarros e lembranças aos soldados

Foi de verdadeira apoteose o clima que se viveu ao fim da tarde de ontem em Lisboa. Tendo-se apercebido de que o Movimento das Forças Armadas conseguira os intentos aos quais totalmente adere, o povo veio para a rua, em espontânea (esta sim) manifestação de adesão, de civismo, de patriotismo. Desde o Rossio ao Campo Grande, pelas Avenidas da Liberdade, Fontes Pereira de Melo e da República, indiferentes à chuva que a certa altura começou a cair, milhares de pessoas aclamavam os militares que, nas suas viaturas, regressavam, seguindo aquele percurso, aos respectivos quartéis. Tratava-se, na generalidade, de carros pertencentes a unidades da Região Militar de Tomar, na qual se integra a cidade de Santarém.

Largas centenas de automóveis particulares acompanhavam, buzinando festivamente, as viaturas militares. E havia inúmeros braços saindo das janelas: os dedos, hirtos, faziam o V da vitória.

Foi algo de único, que jamais poderá ser esquecido por quem o viveu, por quem o presenciou.

Aspecto da Rua Nova da Trindade

DL/NACIONAL

NO PORTO

Cerca de vinte feridos em recontros entre populares e elementos da P.S.P.

. PORTO, 26 — Em consequência de recontros verificados na tarde de ontem, entre elementos da P.S.P. e os populares, na Avenida dos Aliados e na Praça da Liberdade, ficaram feridas várias pessoas, entre os quais cinco elementos daquela corporação.

Por volta das 23 e 30 um grupo de cerca de três centenas de manifestantes dirigiu-se em direcção à sede no Porto da D.G.S., na Rua do Heroismo, a fim de se manifestarem contra quela Polícia. Foi então que soaram dois tiros de pistola e uma rajada de metralhadora, disparados por elementos da P.S.P., do posto existente junto à Escola Superior de Belas-Artes. Houve correrias, tendo sido atingido com uma coronhada na face, Joaquim da Silva Castro, de 17 anos, serralheiro, de Arcozelo, Gaia, que foi socorrido no Hospital de Santo António.

Entretanto, um destacamento das Forças Armadas rodeou o edifício e o oficial comandante aconselhou os civis a dispersar.

Desta forma, a cidade ficou praticamente deserta, tendo as pessoas recolhido a suas casas, atendendo assim à solicitação do Movimento das Forças Armadas. Apenas na Praça da Liberdade e na Avenida dos Aliados se verificaram ajuntamentos de populares que vitoriaram os elementos do Exército, quando estes aconselhavam que todos recolhessem a casa.

A quase totalidade dos restaurantes da cidade do Porto encerraram as suas portas ontem à noite. Também os cinemas anularam as suas sessões da noite.

OS FERIDOS

Nos recontros da tarde, ficaram feridos: Ilídio Queirós Mota, de 42 anos, comissário da P.S.P., da Rua da Ferraria, em Rio Tinto (ferido na cabeça); Augusto Martins Lobo, de 40 anos, 1.º subchefe da mesma corporação, da Rua Central de Francos, igualmente ferido na cabeça; Joaquim Pinto, de 52 anos, guarda da P.S.P., da Calçada da Corticeira, Bairro da Capela, (escoriações na face); Serafim Ribeiro Pinto, de 34 anos, guarda da P.S.P., da Rua General Torres, (Gaia); Adelino Freitas Ribeiro, de 39 anos, guarda da P.S.P., da Rua das Oliveiras, em Rio Tinto; Francisco Telmo Seabra do Amaral, de 18 anos, estudante, da Rua Aníbal Cunha, atingido a tiro na perna direita (foi operado para extracção da bala); António de Araújo Jesus, de 19 anos, da Rua 9 de Abril, (ferimentos pelo corpo); Aristides Meireles Aguiar, de 13 anos, da Obra do Padre Grilo, da Rua da Boavista (atingido com um tiro no rosto); Fernando de Jesus Trigo, de 14 anos, da Alameda do Cedro (Gaia) com várias escoriações; José Maria da Silva Azevedo Cardoso, de 16 anos, empregado de mesa, do Porto (escoriações várias); Augusto Afonso Pinheiro Pinheiro, de 39 anos, ajudante de motorista, do lugar do Marmeleiro (Guarda) com fractura exposta do braço esquerdo; José Luís Martins de Almeida, de 18 anos, técnico de contas, da Rua da Ranha, António Francisco Fernandes Moutinho, de 32 anos, padeiro, da Rua do Monte do Arco, Aguas Santas (Maia); Isaura Pereira Almeida, de 66 anos, da Rua Faria Guimarães, atingida com um tiro numa perna; Sérgio Valente, de 32 anos, fotógrafo, da Rua D. João de Deus, Gaia (ligeiros ferimentos); Rosa Magalhães, de 19 anos, operária, da Rua dos Pelmames (ligeiros ferimentos).

Todos foram conduzidos ao Hospital de Santo António, tendo ali ficado internados Francisco Telmo do Amaral, Adelino Freitas Ribeiro, José Maria Azevedo Cardoso, Augusto Afonso Pinheiro e José Luís Moutinho de Almeida.

No Hospital de S. João ficou também internado António José de Sousa, de 25 anos, empregado comercial, da Rua da Bouça, com uma ferida perfurante no tórax, atingido com um tiro na Avenida dos Aliados.

Repercussões em Macau

HONG-KONG, 26 — (R.) — O consul geral português, CA.A.Simões Coelho, partiu hoje para Macau menou menos de 24 horas depois da notícia do golpe de Estado militar em Lisboa ser ecebida nesta cidade.

O consulado informou que Simões Coelho partira para o território português vizinho, a fim de assistir a um banquete do corpo consular marcado para home.

Um informador desmentiu uma notícia da imprensa local dizendo que o cônsul fora a Macau para travar conversações urgentes com funcionários sobre o golpe de Estado de ontem.

O jornal da tarde «China Mail» afirma que a viagem de Simões Coelho se seguira a discussões durante toda a noite sobre o golpe de Estado militar entre o governador de Macau, general Nobre de Carvalho, e os seus principais colaboradores.

Anunciou-se que a vida em Macau era hoje normal quando o governo aguardava qualquer comunicação oficial de Lisboa.

Um dos feridos (em Lisboa) chega ao Hospital de S. José

HOSPITAIS: BALANÇO PROVISÓRIO

CINCO MORTOS E QUARENTA FERIDOS

Em consequência de vários incidentes ocorridos durante o dia de ontem em vários pontos da cidade, originados pelo Movimento das Forças Armadas, foram internados no Hospital de S. José cerca de quatro dezenas de feridos, alguns dos quais em estado desesperado.

Ontem, às 23 horas, contavam-se três mortos: Fernando Carvalho Gesteiro, de 18 anos, de Montalegre; António Lage, de 32, agente da D.G.S.; e um indivíduo de identidade desconhecida.

Os feridos eram os seguintes: Carlos Alberto Carvalhais Parreira, 35 anos, empregado comercial, morador na Calçadinha do Tijolo; Maria Emília Estrona Marques, 32, também empregada comercial, Praça Gil Vicente; Fernando José Venâncio Pereira, 25, estudante, Algés; Maria Fernanda de Jesus, 18, Vale de Cavalos; Arnaldo João Marques, 16, serralheiro, Almada; José Morgado Rodrigues, 21 anos, escriturário, Almada; Joaquim Silva Correia, 20 anos, escriturário, R. Filipe da Mata (todos feridos a tiro, nomeadamente na Rua António Maria Cardoso); Maria Afonso Santos Martins, 21 anos, Póvoa de Santo Adrião (seguiu para casa); Francisco José Silva Ramos, 20, R. Bernardino de Oliveira; Rui Eduardo Alves Morais, 19, R. Artur Lamas; Aarão de Almeida, 44, Travessa do Calado (casa); Maria da Conceição Neto, 20, Estrada da Luz; Armando Jesus Lopes Afonso, 17, R. dos Fanqueiros; António Maria Cruz, 18, R. Presidente Arriaga; Joaquim Inácio Cristo, morada desconhecida; Maria Manuela Cortes Flores, 23 (casa); António Ribeiro, 20; António José Santos Lima, 17; José Luís Gutierres Rosa, 19 (casa); Jorge Salgueiro Costa, 24; Fernando Simões Martins, 16; Armindo Fernandes de Oliveira, 16, (casa); Camélia Ferreira Pimenta, 23, Barreiro; Rogério Francisco dos Santos, 20, Av. de Roma; José Luís Bernardes Fernandes 19, Oeiras (casa); António Pereira Esteves, 35, R. José Falcão; Rogério Paulo Carvalho Osório, 18; Luís de Oliveira, 20 (casa); Manuel Pereira Alves, 24; Armando Nascimento Ferreira Reis, 26, empregado bancário; Agostinho Manuel Soares, 26 (casa) e Francisco José da Silva Barros, 20, Algés.

Foi também ferido o jornalista Adriano de Carvalho, de 37 anos, redactor do «O Tempo e o Modo».

Além destes feridos, encontra-se também internados no Hospital de S. José mais quatro indivíduos, de identidade desconhecida, cujas idades variam entre os 18 e os 25 anos.

EM PERIGO DE VIDA

Tendo havido tiroteio em muitos pontos da cidade, é forçosamente elevado o número de feridos, sendo tido como certo que muitos não receberam tratamento nos hospitais civis. Aí, entre várias dezenas de pessoas que seguiram para suas casas depois de tratadas, continuam em estado muito grave outras quinze, de idades compreendidas entre os 17 e os 37 anos.

Entretanto, continua por identificar um dos cinco mortos, vítimas, todos eles, dos processos de actuação da tenebrosa D. G. S.

A identidade conhecida, dos feridos graves é a seguinte:

Rui Eduardo Alves Morais, aparentando 19 anos, Rua Artur Canas, 40, 1.º dt.º; Maria da Conceição Neto, de 20, Estrada da Luz Lote 1; Armando de Jesus Lopes Afonso, de 17, Rua dos Fanqueiros, 39, 1.º esq.º; António Maria Cruz, de 18, Rua Presidente Arriaga, 112, 2.º; Joaquim Inácio Ruivães Cristo, de 19; António Ribeiro, aparentando 20; António José Santos Lima, aparentando 17; Jorge Salgueiro Costa, de 25; Camélia Ferreira Pimenta, de 23, do Barreiro; António Pereira Esteves, de 35, Rua José Falcão, 31, 3.º esq.º; Rogério Teixeira Figueira, de 21, repórter fotográfico da UPI, Trav. dos Poiais, 9, 2.º esq.º; Adriano de Carvalho, de 37, jornalistas; Rogério Paulo Carvalho Osório, de 18; Fernando Simão Martins, de 16; Francisco José da Silva Barros, de 20, Rua Bernardino de Oliveira, 9, r-c dt.º, Algés; e José Valente da Silva Mendes de 19, Almada Conde de Oeiras, 4, em Oeiras.

Situação normal na fronteira

MADRID, 26 — (FP) — Ao fim da tarde sabia-se em Madrid que a situação era normal nos postos fronteiriços luso-espanhóis.

Em Pontevedra a passagem de viajantes e veículos era normal. Do lado português reinava a calma mais completa: as lojas estavam abertas e as pessoas prosseguiam o seu trabalho normal.

Em Valença de Alcântara (Cáceres) reinava a calma igualmente. Todavia no sentido Portugal-Espanha o movimento de veículos era nulo.

A situação é também normal em Caia (Badajoz).

TELEVISÃO, ALEGRIA DO POVO

. A Rádio. A Rádio. A Rádio. preso a ela por um invisível cordão umbilical. A Rádio. As palavras sabidas de cor. As marchas. As músicas escolhidas de qualquer maneira. O telefone que não pára. Quero saber, querem saber. A pergunta sacramental: «Estás a ouvir o Rádio Clube Português?»

. Sim. Claro, a Rádio. Sento-me esfalfado, como se andasse a calcetar estradas durante um ano inteiro. Na minha frente, o televisor está apagado. Distante, um ar inocente. Ele, o monstro!

G Aproximo-me. Chego-lhe lume. Por nenhuma outra razão mais do que vê-lo agressivamente vazio de branco. Para me ciliciar. A rádio, sim. Mas para quando a televisão? Televisão, se alguma vez. Fico-me a pensar. A sonhar. Sonhos velhos, sonhos quase apodrecidos e pendurados da árvore. Sonhos de uma televisão viva, feita gente.

Quando, quando ó televisão, te levantarás do túmulo? Quando, Lázaro electrónico desta idade?

. ... E foi então que apareceu aquele rosto jovem, um pouco estranho no ambiente, desconhecido. Não, ah isso não, o Manoel Caetano não era. Nem o Clímaco. Nem a Maria Margarida. Talvez mesmo não fosse ninguém. Talvez não passasse de um fantasma. De uma criação do espírito. Um produto da imaginação. Calma. Talvez seja melhor beberes um café! Passa-te.

Ei-lo que regressa. Com uma extrema simplicidade a anunciar o *Daktari, o viver no campo e despois a Telescola.*

A partir daí, estou hipotnizado. As imagens vão e vêm. Há som, não há som. Reparo nisso mas só de muito longe. Como se nada disso fosse importante. E não era. Bem me importavam a mim as imagens e o som. Por debaixo de tudo isso se infiltrava realidade — e tudo o mais eram aparências. Dei por mim a dialogar com o leão Clarence, à trela como um lulu: «Coragem, meu velho, leão és e não rendeiro. Quebra a arreata, vamos.»

. Com o *Viver no Campo,* a cena repetiu-se. O episódio recomeçou não me lembro quantas vezes. Como se isso importasse muito... Como se a realidade não fosse outra... Anunciam, mais tarde, a sinfonia n.º 3 de Beethoven — e transmitiram o *Corsário* de Berlioz, após o que, num alarde de delicadeza, pedem desculpa: *Como decerto notaram, houve uma alteração em relação ao concerto que tínhamos anunciado...* Descanse amigo, ninguém reparara. Porque tudo estava a reparar noutra realidade mais convincente.

O primeiro *Telejomal* — às 18 e 40 — com a presença de Fernando Balsinha a abrir, marca a viragem. Chegámos ao Cabo da Boa Esperança.

O interesse ficou centrado o jogo que iria manter-se por longo tempo. O locutor que começava a falar, a imagem que desaparecia. Uma suspeita ancestral a infiltrar-se. A rádio explicava: a antena de Monsanto ainda nas mãos da G.N.R.

Será que o telejornal das nove e meia acabaria por vir?

Veio. Balsinha e Fialho Gouveia, descontraídos, lado a lado. Fialho:

. *Boletim de notícias das nove e meia. O Balsinha vai começar por recordar-lhes os comunicados que lemos quando entrámos em contacto convosco, faltavam vinte para as sete.*

Seguem-se as notícias. Assim:

. *Os acontecimentos verificados em Portugal desencadearam na bolsa de títulos da capital britânica uma vaga ordem de venda das acções de minas de ouro, a qual acelerou a descida dos valores verificados nos últimos dias, paralelamente à descida dos preços do lingote. A reacção reflete, segundo os especialistas, o receio de repercussões na África Austral. Alguns títulos desceram esta manhã mais de libra e meia...*

O Vaticano tem-se recusado a comentar os acontecimentos ocorridos em Portugal, embora as relações entre a Santa Sé e o ex-Governo de Marcelo Caetano se tenham tomado mais tensas nos últimos tempos, em consequência da recente expulsão de Moçambique de catorze missionários combonianos

A France Press informa de Paris que o levantamento militar em Portugal produziu o efeito de uma bomba na África Austral. Na África do Sul, a notícia foi conhecida logo a se*guir a uma eleição legislativa* que confirmou no poder John *Vorster.*

Na Rodésia o Governo de Ian Smith segue igualmente com atenção os efeitos possíveis da revolta.

Em Bruxelas a organização do Tratado do Atlântico Norte e as delegações dos países membros da Aliança Atlântica seguem atentamente a evo*lução da situação militar em Portugal. O Governo belga adoptou a mesma atitude.*

O Governo brasileiro adoptou uma atitude de esperar para ver, perante o levantamento militar.

As estações de rádio do Rio de Janeiro acompanharam o desenrolar dos acontecimentos de hoje em Lisboa em sucessivos jornais falados.

A Reuter informa de Zurique: «Em telegrama hoje enviado, o Instituto Internacional de Imprensa (I.I.I.) exigia a libertação imediata de cinco jornalistas portugueses presos pelo Governo de Marcelo Caetano, hoje deposto.

«O director do I.I.I. declarou que o Instituto estava a observar com ansiedade cada vez maior a continuação das prisões de jornalistas em Portugal. O I.I.I. insiste em nome dos seus 1900 membros em 63 países na libertação imediata dos jornalistas presos e internados.

Acrescenta os nomes dos detidos: Fernando Correia, Albano Lima, Mário Henrique Leiria, Mateus Branco e Lino de Carvalho.

NOTÍCIAS DO MUNDO NAS ÚLTIMAS HORAS

Os bispos católicos romanos manifestaram publicamente a sua preocupação devido bà falta de garantias legais que *reina no país desde o golpe do Estado de Setembro último. Os bispos criticaram nomeada*mente as detenções *arbitrárias, técnicas de interrogatório e a falta de protecção das pessoas presas.*

Esta manifestação de protesto da Igreja Chilena foi feita através de uma conferência de Imprensa pelo Cardeal-Primaz Raul Henriques, arcebispo de Santiago do Chile.

Nas Nações Unidas, o Conselho de Segurança censurou Israel pelo «raid» de represália a seis aldeias libanesas. Mas condenou também todos os actos de violência das quais resultam perdas de vidas inocentes.

Entretanto a luta prossegue na frente sírio-israelita. Esta manhã continuavam os duelos de artilharia.

No Cairo, um porta-voz oficial disse que o ataque ao Colégio de Engenharia Militar do Cairo fez parte de uma intentona para derrubar o presidente Sadat.

*Mais perto de nós, na França, a 10 dias de eleições. O candidato gaullista Chaban-Delmas perde terreno pe*rante o eleitorado. Na última *série de sondagens à opinião pública, Delmas baixou para 24 por cento, enquanto o seu rival das direitas, Giscard d'Estaing se mantém nos 28 por* cento. O candidato socialista *François Mitterrand viu no entanto aumentada a sua margem de adesão, passando para 42 por cento.*

Na Bélgica, dificuldades de última hora adiaram a comuni*cação de formação de um novo Governo de coligação.*

Em Bona, as duas Alemanhas vão assinar hoje um acordo nos termos do qual será permitido a indivíduos particulares, sob certas condições, a transferência de dinheiro entre os dois países.

Simultaneamente, foi preso o colaborador pessoal do chanceler Willy Brandt. Acusam-no de fazer espionagem a favor da República Democrática Alemã.

Meus Deus, que distância nos separava dos antigos *telejornais!* Mas então, como era? Não havia nenhum ministro a discursar? Não havia nenhum subsecretário a cortar fitinhas? Não havia ninguém a dar abraços aos velhinhos e a depor beijos programados nas bochechas dos meninos? Então como era! Onde estavam as reuniões e as sessões em que também esteve presente o nosso presidente de administração? Como era possível haver, debaixo deste rol que o nosso orgulho e o nosso pendão turístico, um telejornal sem a solenidade do Henrique Mendes nem os olhos frios do Pedro Moutinho?

. Belisco-me nos braços. Ainda cá tenho as marcas. Acorda, pá. Não sejas lunático. Andaste para aí uma data de anos a pastar o teu rebanho de sonhos de uma televisão com rosto humano, uma televisão com asas mínimas que lhe retirassem toda a configuração de verme. Andaste nisso e agora pensas que é verdade, o que estás vendo não é a projecção do real, mas a projecção do teu desejo. Aguenta aí um bocadinho e vais ver se não te aparece o José Augusto com o seu vómito maior que a Torre Eiffel, e o Dutra Faria a refocilar na chocarrice impune, e o Barradas a estoirar de cómica agressão...

r O tempo ia passando. Essas imagens constantes de há tantos anos não aparecem. Aparecem mais notícias. A rendição do quartel do Carmo, a P.S.P. que já diz que sim.

E de súbito aquela explosão popular...

TERRA DA FRATERNIDADE

Sinceramente: tudo começa a ser real a partir daí. O povo acotovela os soldados. Toca-lhes. Mira-os com um sorriso. Devora-os. A câmara mostra-o formigueiro no largo, no passeio, nas árvores. Fialho Gouveia chama-lhes «curiosos». Mas não há curiosidade: há participação. A vaga poderosa e tranquila começa a alastrar, a pisar todos os terrenos. Em breve, os próprios tanques desaparecem: estão vestidos de gente. Transformam-se em carne viva através da cidade. Vão como se fossem para a grande festa, para o encontro marcado há muito.

A Televisão, pela primeira vez na sua vida, respira. A mão treme-lhe, como a um ser humano. Nenhuma trucagem, montagem nenhuma. Nem sequer aquela marca em fundo para reforçar as emoções. Nem mesmo aquelas palmas, quando não havia ninguém para as bater. A câmara estremece. O operador João Rocha vai na onda, rola como um seixo. A multidão, nas lentes desfocadas, aparece como uma floresta. É um único rosto. Mal se adivinha: uma terrível força no equilíbrio da Hora.

Assim foi no Carmo. E na Televisão Portuguesa?

. Foi lá a primeira conferência de Imprensa. Presentes, Eduardo Guerra Carneiro, António Perucho, Teresa Monserrate e Joana Godinho, reunidos com o tenente Cerveira. Era a manhã nas suas primeiras horas. Novais Ribeiro, fotógrafo do *Século* conversa com o capitão Teófilo Bento que comandou *a operação TV.*

Referem-se os nomes doutros militares que ocuparam a Televisão: o aspirante Matos, o tenente Santos Silva, o capitão Gaspar, o aspirante Reis, o aspirante Costa, o alferes Geraldes ...

Do pessoal da Televisão, presentes por que quiseram e não por que fossem obrigados, Fialho Gouveia, Fernando Balsinha, Alfredo Tropa que comandou toda a emissão, António Esteves, assistente do *Telejornal,* Fernando Midões, Gomes Henriques, Monteiro, João Soares Louro, João Moreira, Jorge Teófilo, José Gomes, José Augusto Pinto, José Topa, Manuel Filipe, José Manuel Tudela e João Rocha, José Saraiva, Lucinda Gomes, Manuel dos Santos, Maria Teresa Barata, Norberto Santos, Ribeiro Soares, Simões Alberto, Virgílio Frazão, Restituto, Rio Tinto, Valdemar Marques, Armando Fernandes, Anacleto Lopes, Domingos Pimenta, José Viegas Esteves, Alberto Couto e Jorge Soromenho.

Palavras que se registam: *Triunfou o movimento das Forças Armadas e com ele, todos o sentimos, triunfou o povo, o povo, o nosso estóico povo que soube na hora da verdade manter o seu magnífico patriotismo conservando-se aparentemente afastado do movimento, mas apoiando-o pelo sentimento, com o seu enorme coração. Vitória do Movimento das Forças Armadas? Pois claro que sim. Mas a ela se sobrepõe, transbordante de alegria ainda mal contida, a grande vitória do povo. Foi para o dignificar que os nossos bravos militares actuaram. Para se tornarem dignos de preservar as* suas liberdades fundamentais.

A manhã do dia seguinte começara já. Anuncia-se a presença do General António de Spínola. Algum tempo ainda vai decorrer antes que tal aconteça. Há problemas com o estúdio. Sim, porque em dezassete anos a televisão portuguesa não tivera ocasião de alargar o cubículo estreito onde se encafuara.

Aí o temos, numa impressionante serenidade, a ele e aos seus companheiros da Junta. Ao ouvi-lo reafirmar solenemente a certeza de uma vida vivida na dignidade e na liberdade, ao ouvi-lo propor um futuro onde cada português se possa consciencializar e determinar e tomar sobre os seus ombros a sua quota parte de responsabilidade nos destinos da Pátria. Quantos nomes me povoaram a memória! Nomes de povo que, ao longo dos anos, se entregaram ao seu ideal: um futuro sem opressões e sem medos. Nomes de vários credos políticos ou religiosos, que tudo sacrificaram, incluindo a própria vida alguns deles: Bento Gonçalves Alex, Germano Vidigal, Catarina Eufémia, Ferreira Soares, general Humberto Delgado, José António Ribeiro Santos, Guilherme Costa Carvalho, Dias Coelho, Bento de Jesus Caraça, Soeiro Pereira Gomes, Daniel Teixeira, Abel Varzim, Padre Mário, José Magro, Rogério de Carvalho, Dias Lourenço, Angelo Veloso — e tantos, tantos outros que adquirem, à medida que passa o tempo, maior vitalidade e maior razão.

A madrugada passou, é manhã madura do dia seguinte. Abeiro-me das seis horas. José Afonso canta, na rádio uma vez mais *Grandola vila morena terra de fraternidade...*

Terra de fraternidade...

Três palavras: uma promessa e uma responsabilidade na primeira claridade deste segundo dia de criação do mundo.

DL/ESPECTÁCULOS

DIZEM OS LEITORES

O PROBLEMA DAS CARGAS EM CONTENTORES

Do nosso leitor sr. Manuel Rodrigues Cotta, de Lisboa, recebemos a seguinte carta:

«Muito se tem escrito sobre as inadmissíveis demoras com a descarga e armazenagem das cargas vindas pelos camiões TIR. Na verdade, não é assunto que nos ilustre e, para os de fora, não pode deixar de representar falta de organização e desleixo.

No entanto, há outro problema que se liga estreitamente a este. E o das cargas em contentores.

Certos importadores preferem deixar as suas cargas nos entrepostos da A.G.P.L. a terem de as levantar a tempo e horas.

E, como a taxa de aluguer é progressiva, é possível haver na A.G.P.L. quem julge ser muito útil tal processo. Contudo, verificam-se prazos de um mês e mais para se abrir os contentores, do que resultam dificuldades sem conta para quem encomendou as mercadorias para entregas a tempo de servir a sua clientela.

Sei de casas que, por vezes, já têm sido forçadas a mandar vir de avião algumas parcelas de indispensável urgência, e isto só para fugirem às tremendas demoras havidas pelo outro processo.

Bom seria que a A.G.P.L. obrigasse ao descongestionamento dos seus armazéns, além de um certo período de estacionamento, de forma a poder dar entrada às cargas que vão chegando em contentores e que actualmente nos sujeitam a vexames escusados.

Quando deveríamos proceder de forma a evitarmos toda a qualquer oportunidade de crítica, eis que damos o flanco a torto e a direito, até em casos de possível solução, através de boa vontade e estudo perfeito dos problemas.»

SERÃO CULTURAL

No sábado, pelas 21 horas, por iniciativa do Cenáculo Literário Marquesa de Valverde, a Casa do Concelho de Gouveia promove um serão cultural para todos os serranos e respectivas famílias residentes em Lisboa.

A estes convívios regionais está aberta a participação ao público que queira intervir colaborando com um tema do seu agrado: narrativa, música, poesia, teatro.

Desta vez a abertura constará de uma palestra evocativa da história da colectividade. Em seguida o serão será preenchido com a leitura de uma lenda, actuação de duas jovens em acordeão e recital de poetas beirões.

Crítica de teatro — Carlos Porto

TCHEKVOV À MANEIRA DE ARROIOS

UM PEDIDO DE CASAMENTO, O ANIVERSÁRIO NO BANCO, O URSO, de Anton Tchekhov. S/ind. de tradutor. Encenação e Direcção: Melo Cristóvão. Intérpretes: Fernando Sucena, Carlos Santos, Margarida Mega, João Caldeira, Paulo Filipe, Verena Manuela, Manuela Teotónio, José Ferreira, Palmira Carvalho, Grupo Cénico Paroquial de Arroios. Salão Paroquial. 20/4/74.

Convém de vez em quando lembrar que há um outro circuito lisboeta além daquele que passa pelo Monte Carlo-Brasileira-Opinião-Instituto Alemão-S.N.B.A.-Gulbnekian (e suas adjacências teatrais: Bonecreiros, Comuna, Campolide, T.E.L., Casa da Comédia, — falta alguém?). É o que passa, entre outros, aqui pelo meu bairro e que eu desconhecia apesar de estar a par de algumas virtudes dele: como, por exemplo, pregar o calote (provisório, claro) numa destas pequenaf lojas que estão ainda fora da sociedade de consumo. E é tal o meu (mau) hábito de participar na vida do circuito tracional que foi preciso o Avelino Rodrigues me ter dito que tinha visto um cartaz de teatro há entrada da nova (e horrível, benza-a deus) igreja de Arroios, para tomar conhecimento de que havia por aqui um grupo cénico e gente interessada em teatro.

Fiquei a saber que o grupo existe desde 1972 e que apresentou vários espectáculos a cujos títulos/autores torci o nariz. Tem ainda um grupo de jograis composto por jovens dos 9 aos 12 anos.

O Salão Paroquial estava cheio de gente viva, a tal que não passa pelo circuito assinalado, e que, embora seja certamente ouvinte do «Simplesmente Maria», trocou o programa da TV ou a sessão de cinema por esta «teatrada». Gente viva — dizia, que me fazia lembrar, pelo ruído e descontracção, as velhas sessões provincianas.

Gente de duas camadas: a da velhada (sem ofensa, claro) e a da malta muito jovem. No palco, quase todos os actores pertenciam à última camada e dois ou três nomes merecem outras oportunidades (Carlos Santos, Palmira Carvalho, Verena Manuela), o que não significa que os outros devam desistir.

Actores débeis, com as reservas feitas, mal dirigidos, desamparados por uma encenação inexistente. As peças de Tchekhov não serão as mais indicadas para eles, apesar de terem arrancado algumas gargalhadas.

Boas reacções do público «antigo» — enfado (com apupos) da malta nova. Compreende-se: não será aquele o teatro que mais pode interessar-lhes. vou ainda mais longe: o que interessa é fazer teatro de forma a permitir que esses jovens que ficaram de fora, saltem para dentro do espaço cénico que deverá, aliás, transpor a estreiteza do palco à italiana.

O espectáculo iniciou-se com um prólogo em que os actores surgiram pelas costas do público, empunhando velas acesas (como se o procurassem) e lendo, individualmente ou em coro, um texto bastante apologético sobre o teatro como meio de comunicação e de convívio. Entre outras coisas mais ou menos ingénuas — «o teatro é como um cacho de uvas: tem sumo» — dizia-se que o povo tem o teatro que merece. Ora, eu creio que o povo de Arroios (seria povo? Suponhamos) merece mais do que lhe deram.

Para já, proporia que o reportório fosse revisto, e a procura de uma técnica (que a palavra não assuste) levada mais longe.

CRÍTICA DE CINEMA

LAURO ANTÓNIO

A POESIA DOS VAMPIROS E MUITA BANALIDADE

Título: O CIRCO DOS VAMPIROS (Vampire's Circus)
Realização: Robert Young, 1972 (Inglaterra)
Intérpretes: Adrienne Corri, Laurence Payne, Thorley Walters, etc.
Distribuição: Filmes Castello Lopes;
Estreia: Cinema Olympia (15.4.1974)

Título: O HOMEM DAS SOLAS ROTAS (Steptoe e Son)
Realização: Peter Sykes, 1973 (Inglaterra)
Intérpretes: Wilfrid Brambell, Harry H. Corbett, Diana Dors, Milo O'Shea, Neil McCarthy, etc.
Distribuição: Sonoro Filme;
Estreia: Cinema Vox (18.4.1974)

Título: O GRITO DA FLORESTA (Tlhe Call of the Wild)
Realização: Ken Annakin, 1973 (EUA-Espanha)
Intérpretes: Charlton Heston, Raimund Harmstorf, Juan Luís Galiardo, Horst Heuck, etc.
Distribuição: Exclusivos Triunfo;
Estreia: Cinema Tivoli (16.4.1974)

Título: ATÉ AO AMANHECER (Straight on the Morning)
Realização: Peter Collinson, 1972 (Inglaterra)
Intérpretes: Rita Tushingham, Shane Briant, James Bolam, Katya Wyeth, Annie Rose, etc.
Distribuição: Filmes Lusomundo;
Estreia: Cinema Roxy (19.4.1974)

Título: ANTES DO FURACÃO (Battle Cry)
Realização: Raoul Walsh, 1955 (EUA)
Intérpretes: Van Heflin, Tab Hunter, Aldo Ray, Mona Freeman, Naney Olson, Raymond Massey, etc.
Distribuição: Astória Filme
Exibição: Cinema Coliseu (19.4.1974)

1. Uma cidadezinha sitiada, bloqueada por tropas que dela não deixam sair os seus habitantes. Dentro uma ameaça: para uns a cólera, para outros a persistência de um mal maior, **o vampiro**. O medo, portanto, só quebrado pela presença do «Circo das Noites», com panteras que se transformam em esbeltos rapazes de olhar traiçoeiro, inquietantes gémeos, tigres, anões, musculosos hércules, mulheres de rostos endemoninhados, chimpanzés o fascinante mistério da aventura e o «Espelho da Vida», onde os notáveis da cidade se vão mirar e morrer e por onde passam amantes trespassados pelo poder magnético da **troupe** de vampiros e da maldição do «Conde».

Um filme feito de trucagens que nos vêm dos imemoriais tempos de Méliès. A mais pura poesia no malabarismo do possível/impossível do circo. O peso de uma maldição e a atracção visceralmente erótica. O desejo. O sangue, como mancial de vida, absorvido pelo corpo «estacado» do vampiro. A pureza de uma criança, correndo para os braços apetecidos de um perigo ignorado, porém pressentido e querido. E de novo as trucagens, a montagem ingénua e sublime que tudo permite, que perante nada se detém. O verdadeiro poder libertador da imaginação, o cinema como fábrica de sonhos, mas de sonhos inquietantes, pesadelos de cores dolorosas, visões de perigo, turbilhões que nos conduzem «para além do espelho». Um filme belíssimo de um ignorado Robert Young, produzido pela **Hammer**, que passou episodicamente pelo Olympia. Um filme que desde já recomendamos aos leitores para quando de futuras passagens por **écrans** de Lisboa.

2. De resto, muito pouco haverá a dizer das restantes estreias da semana. **O Homem das Solas Rotas**, de Peter Sykes (também atribuído pela publicidade a Cliff Owen), historieta inconcebível de dois ferro-velhos e de uma «aventura» frustada; **O Grito da Floresta**, de Ken Annakin, um filme desinteressante sobre os primórdios da América, com Charlton Heston atulhado em neve; **Até ao Amanhecer**, de Peter Collinson, obra mediocre, dita de «terror psicológico», com um psicopata assassinando as serôdias «aventuras» em que aparece envolvido. Nada de novo, nada de exaltante. A rotina.

3. Finalmente a reposição (**em cópia velha**) de um filme de Raoul Walsh, um dos filmes predilectos deste cineasta americano. **Battle Cry**, em Portugal chamado **Antes do Furacão**, data de 1955, e é um dos primeiros filmes rodados em Cinemascope. Trata-se de uma película sobre o treino dos **marines** que irão partir para o Pacífico durante a II Guerra Mundial, treino esse intercortado por algumas escapadelas amorosas. Hoje em dia, **Antes do Furacão** surge como uma obra sem qualquer outro interesse que não seja o histórico (documentando um certo estádio psicológico, por exemplo), para além do habitual **métier**, próprio a Walsh.

DL/NACIONAL

O estacionamento em Alvalade:

A recente publicação de um artigo onde se chamava a atenção para a falta de espaço para estacionamento de viaturas na Praça de Alvalade, parece ter desencadeado uma forte repressão aos automobilistas que, trabalhando na zona, ali têm de deixar os seus carros. De facto, nos dias seguintes à notícia, dada na segunda-feira, muitos dos que trabalham em edifícios daquela praça — nomeadamente os funcionários da A.D.S.E, da Inspecção do Trabalho, da Caixa de Previdência dos Comerciantes, da Direcção-Geral das Construções Escolares, das «Páginas Amarelas», de várias empresas e bancos — presenciaram uma operação policial que aplicou muitas autuações e, utilizando um reboque, removeu carros indevidamente estacionados. E nada resolveu. Pelo contrário: veio juntar aborrecimentos aos incómodos de quem diariamente se vê obrigado à luta por um lugar difícil de aparcamento. E parece evidente que, como as coisas estão, nada mudará: quem trabalha no local continuará a ter carros, estes continuarão a vender-se e os espaços de estacionamento a rarear.

Certamente que não há a defender um estacionamento anárquico e maior indisciplina automóvel, numa cidade que cada vez menos pertence ao peão. Mas é igualmente claro, respondem os automobilistas que trabalham na Praça de Alvalade, que multar não é solução. A acção repressiva abrangeu os passeios centrais da Av. de Roma, placas não arborizadas junto da Praça, à falta de outros locais, utilizadas como espaços de estacionamento.

Uma das pessoas trabalhando na zona, com quem contactámos, o arq. Mendes Caiado, fez, entre outras, as seguintes observações: **não se justifica, urbanisticamente, a construção de edifícios do tipo dos que estão implantados nesta praça** — destinados a escritórios, departamentos de Estado, empresas, etc. — **sem a correspondente criação de infra-estruturas como sejam os parques de estacionamento destinados ao pessoal que aí trabalha. Esse é um dos motivos por que se encontra saturado o espaço de aparcamento automóvel neste local. Existem determinações legais no sentido de serem utilizadas para tal fim as caves de edifícios deste género que, se fossem seguidas, solucionariam o problema a muitos automobilistas. Aliás, existem, na própria praça, espaços que poderão ser utilizados para estacionamento, sem grandes inconvenientes, nomeadamente, no que toca a questões de visibilidade**

Na impossibilidade de continuar na situação descrita, há quem pense nas possibilidades de uma solução. Destas voltaremos a falar com dados mais concretos.

LEIRIA: CIDADE A PERDER A FACE

Aqui foi um jardim

LEIRIA — No Largo Cinco de Outubro, nesta cidade, onde havia relva e flores há agora pedras e vai passar a haver, dentro de algum tempo, automóveis.

Com efeito, o que era uma das cada vez mais raras zonas verdes da cidade, vai ser transformado em parque de estacionamento a utilizar mediante pagamento. Ele pretende substituir o actual aparcamento da Praça Rodrigues Lobo, cuja fisionomia secular alguns parecem estar empenhados em modificar.

Muitos leirienses estão em desacordo com estas medidas. Uma representação do comércio local dirigiu-se já à Câmara Municipal, protestando contra a vedação ao trânsito e ao estacionamento de veículos da Praça Rodrigues Lobo.

O rápido desaparecimento do trecho ajardinado do Largo Cinco de Outubro é comentado com descontentamento e apreensão.

Em Leiria, há muita gente que não acredita serem estas as transformações necessárias para melhorar a vida na cidade.

MANHÃ NA PRAÇA — Os desprazeres da carne

Vamos, vamos que é preço de revenda! Tenho aqui cachuchinho barato!

Nem assim. No mercado dito dos Prazeres nem a «preço de revenda» se consegue freguesia. Que não vai lá. Prefere as vendedeiras de rua ou o mercado de Campo de Ourique, ali perto. Ao que parece, — freguesia e vendedores são unânimes — aquele mercado foi um erro; não serve a ninguém.

Dizem-nos:

Aqui não se vende nada, que não há freguesia. Fizeram isto — um rectângulo de cimento, desabrigado sob uns pedaços de tecto préfabricado — **para nos tirar da rua, mas ainda foi pior. Na rua é que se vende, ali é que se faz o mercado. E nós, aqui, a empenhar a nossa vida e a dar dinheiro para as contribuições e para a Previdência!**

As bancas vazias, são escassas as ainda ocupadas, mostram a inutilidade de fazer vida no mercado dos Prazeres que abriu há cinco anos e meio e já é quase um deserto. Onde até se apanha frio e, quando chove, «freguesas e vendedeiras ficam ensopadas de cima a baixo».

O peixe, que até era bastante, tinha os preços que seguem: **carapau a 8$90, rabos de cherne a 16$90, dourada a 24$00, cantaril a 12$90, chocos a 26$00, faneca a 33$00. Talho não existe e, além das bancas do peixe apenas mais duas: a da fruta e das hortaliças. Bananas a 13$00, laranja comum a 6$00, da Baía entre 9 e 10$00, maçã a 6 e a 8$00; alface a 1$00 e 1$50 cada, cada nabo a 1$00 e a couve portuguesa a 4$00, além do quilo de favas por 4$00, de ervilhas por 8$00 ou da cenoura a 8$50.**

Quem quiser carne vai ao mercado de Campo de Ourique, praça farta onde até se pode comprar fora de portas, enquanto não vem o «chui». E não fosse o leitor ficar, de novo, sem carne, riscada do «menu» na última «Manhã na Praça», por lá demos um salto. A pirueta caiu sobre lombo a **99$80**, perna (porco) a 89$00, costoletas a 79$80, salsichas frescas a **68$00**, entrecosto de 49$80 a 56$00 e, vá lá!, chispe a 24$80, cabeça a 22$00, toucinho de 19$80 ou, se do entremeado, a 49$00.

De criação, ponha-se de lado o cabrito (80$00) e teremos preços (e carne) de menor «luxo»: frango limpo a 33$00, galinha a 25$00 e 30$00, «borrachos» a 20$00 cada e coelho vivo a 40$00.

Um prédio em ruínas à esquina de José Fontana

Existe na Praça José Fontana um prédio de cinco andares quase em ruínas. «Isto cai qualquer dia» — **dizem os inquilinos. E D. Maria José Dias, que habita no primeiro andar, lado direito, e ali nasceu e se criou, e tem amor àquilo tudo, vai ainda mais longe:** «A senhoria devia ter consciência. Devia pensar duas vezes nas pessoas que durante tantos e tantos anos lhe pagaram a renda...» **Verdade, verdade, o aspecto exterior do prédio é confrangedor: todo rachado, fendas do telhado ao solo, manchas de humidade por toda a parte...**

Aspecto do prédio em ruínas visto das traseiras

Tal é a situação do prédio que o 5.º andar já se encontra desabitado. Quando chove, a água deposita-se no soalho alto, passa as tábuas e escorrega depois pelas paredes dos outros andares.

Ouçamos D. Carmen Costa Pereira, moradora no segundo andar, esquerdo:

Bato nas paredes e as paredes soam a oco. Repare nesta sala: a melhor decoração é esta fenda... Quem vem cá, acredite, fica de boca aberta.

No quarto andar, habitado por D. Maria Joaquina Costa, «a viver nestas salas desde 1910», ouvimos também as mesmas lamentações. Fendas, manchas de humidade, o soalho a tremer todo...

Em coro, dizem todas as inquilinas (quer as mencionadas acima, quer outras ainda) que o prédio, abalado por sucessivos tremores de terra, sofreu um forte choque com a retirada de um muro que partia da empena e, em certa medida, a sustentava.

«Mas o muro foi retirado por que motivo?» Tudo, timtim por timtim, nos é explicado: o muro foi retirado para que pudesse ser construído um armazém destinado a uma firma de louça sanitária.

Repare no tecto, repare.» Desde a implantação da República que esta senhora vive neste andar. Agora, tudo em ruínas, que caminho vai ela tomar?

De quando em quando, os bombeiros vão até lá. «Mas já nada podem fazer.»

E a senhoria? A senhoria, D. Isménia Cesarina dos Reis Pereira Leite, «é apenas usufrutuária». Quando morrer, «o prédio passa para a Misericórdia.» Ora esta...

«Esta o quê?»

E todas as vizinhas:

«Esta é Misericórdia só de nome.»

Eis, em resumo, a história do prédio em ruínas da Praça José Fontana. Numa esquina. Porta número 39. E ninguém, dentro do prédio, sabe do seu futuro... Amanhã será o desastre? Amanhã será a rua? Amanhã será o quê?

DL/NACIONAL

Já libertados, alguns detidos da prisão da Pide de Caxias conversam com os jornalistas, autorizados a entrar no pátio. Entre eles, vê-se o nosso camarada de redacção Fernando Correia (de óculos).

Grande ma e criminos

Largas massas populares de Lisboa exprimiram as suas mais fundas pretensões políticas nas vibrantes manifestações saídas da explosão de entusiasmo que se segiu ao anúncio da vitória do movimento militar.

Milhares e milhares de jovens operários, empregados e estudantes marcharam do Largo do Carmo em direcção ao Terreiro do Paço onde se julgava que o novo regime apresentaria uma proclamação. A multidão desceu correndo as ladeiras e escadas que levam do Carmo aos Restauradores, gritando «Abaixo a Guerra Colonial», «Liberdade» e «Vitória» e arrastando consigo, além de muitos soldados que trabalharam na insurreição, as centenas de populares que se apinhavam nas varandas da estação do Rossio e nos passeios dos Restauradores.

À entrada da Rua do Ouro, cuja estreiteza favoreceu a concentração dos manifestantes, o grito «Guerra do Povo à Guerra Colonial» redobrou de vigor, seguindo-se-lhe o de «Socialismo» e depois os de «Liberdade, Pão, Paz, Terra, Democracia e Independência Nacional».

Quando o desfile chegou ao Terreiro do Paço, e verificando-se que não seria ali a proclamação do novo regime, dividiu-se em dois grandes grupos: o mais numeroso seguiu para o Cais do Sodré, enquanto alguns milhares de manifestantes tomavam o caminho de Santa Apolónia.

Centenas de pessoas que se encontravam entre a Praça do Comércio e o Cais do Sodré, e sobretudo nesta praça, foram contagiadas pelo entusiasmo da multidão e gritando com convicção que «os povos irmãos das colónicas vencerão». Ao mesmo tempo, os cartazes de Moçambique com os dizeres «Praias de sol, praias de sonho», eram arrancados com raiva das paredes dos prédios.

Subindo a Rua do Alecrim, a multidão continuou a gritar «Socialismo». O grito foi repetido até ao Chiado, para onde cerca de mil pessoas se dirigiram após passarem pelo Camões, e onde uma surpresa desagradável os esperava.

A D.G.S. AINDA MATOU

Com efeito, a sede da D.G.S. não tinha ainda sido tomada pelo Exército. Eram 19 horas. Uma multidão, composta por cerca de um milhar de jovens, desceu a Rua António Maria Cardoso e concentrou-se em volta do edifício da D.G.S. com ar ameaçador, embora não possuisse outras armas que não fos-

A rendição de Marcelo

Milhares de pessoas no Largo do Carmo aguardavam com ansiedade o desfecho do cerco ao Quartel da G.N.R. Sabia-se, há muitas horas, que Marcello Caetano se encontrava no interior. Quinze horas, dezasseis horas. Precisamente às 16 e 5, surge no recinto o director do Serviço de Informação e Turismo, dr. Feytor Pinto. Acompanha-o o dr. Nuno de Távora, chefe de gabinete do dr. Pedro Pinto.

Diz o dr. Feytor Pinto para um soldado:

«Quero falar com o comandante das tropas do cerco.»

É logo conduzido à presença do capitão Salgueiro Maia, da Escola Prática de Cavalaria.

«Sou portador de uma mensagem para o prof. Marcello Caetano — afirma — Talvez seja uma plataforma de entendimento.»

Os dois funcionários da SEIT são conduzidos ao Quartel.

Às 16 e 21 o dr. Feytor Pinto abandona a G.N.R. com o dr. Nuno de Távora.

Dirigem-se ao capitão Salgueiro Maia e dizem-lhe:

«Vamos a casa do general Spínola.»

Às 16 e 38, os dois homens estão perante o ex-governador da Guiné. Afirmam-lhe que são portadores de uma mensagem do prof. Marcello Caetano: o então ainda Presidente do Conselho entrega-lhe o comando das tropas para que o poder não caia na rua.

Telefonema entre Marcello e Spínola: o prof. Caetano garante ao general do monóculo que o Governo de sua chefia se lhe entregava.

É então que o general Spínola, num «Peugeot» negro, se dirige para o Quartel do Carmo. A multidão rompe com o cordão dos soldados e cai, aos aplausos, sobre o automóvel.

Logo a seguir ouve o Hino Nacional.

O tempo vai passando — e às 19 e 25 Marcello sai no blindado Chaimite, acompanhado, ao que parece, por três ministros do seu Governo.

A jornada do Largo do Carmo

Era meio-dia de ontem e havia já muitas horas que toda-a cidade se tinha dado conta do que estava a suceder: um golpe militar ia destituíndo, minuto a minuto, o Governo de Marcelo Caetano.

Assim, pois, quando três carrinhas cheias de fuzileiros navais subiram a Rua do Alecrim e se apossaram da Rua António Maria Cardoso, foi (pode dizer-se) um autêntico delírio.

Toda a multidão que se concentrava na zona de Chiado correu para as carrinhas, vitoriou os fuzileiros, e quais de imediato avançar para a DGS.

«Calma, calma» — aconselharam os fuzileiros.

«Mas vão assaltar a DGS?» — perguntava toda a gente.

Uma informação seca, mas sorridente:

«Estamos aqui a cumpri ordens.»

M9nutos depois, um grupo de fuzileiros entrava na DGS — e alguns agentes foram saindo sem, como dissemos ontem, «qualquer ar profissional.»

Entretanto, uma nova surpresa: blindados e outras viaturas militares cresciam pela Rua do Alecrim e tomaram a direcção do Largo do Carmo. Toda a população presente se «abraçou» às viaturas, dando vivas aos soldados e subindo para o aço blindado.

Foram quinze minutos de festa. Jovens e velhos dançavam, batiam palmas, dirigiam palavras amistosas aos soldados. Estes, extenuados, correspondiam estendendo as mãos e pedindo «alguma coisa para beber».

Mas todos os estabelecimentos estavam fechados. Era difícil arranjar de beber e de comer. A solidariedade, no entanto, concretizou-se: e em breve apareciam garrafas de sumos, de cerveja, de líquidos restauradores...

Todas essas viaturas se foram colocar, numa longa fila, e em posição de fogo, em frente ao Quartel do Carmo, onde a GNR, com o prof. Marcello Caetano sob asua protecção, se mantinha indiferente ao movimento exterior das tropas.

Um oficial, cuja patente não nos foi possível verificar, disse o que a coluna rebelde pretendia. Empunhava um megafone e repetia constantemente uma palavra de ordem. Mas...

Mas as portas do Quartel do Carmo mantinham-se cerradas. Nenhuma resposta vinha da GNR. «Ataquem» — pedia o povo. As tropas, sempre em posição de fogo, mantinham uma calma soberba. Assim estiveram cerca de uma hora.

Através das viaturas, a população tendo como fundo o Teatro da Trindade. Súbito — um arrepio. A Guarda Nacional Republicana surgiu, também muito calma, ao longo da parede do teatro.

«As tropas estão encurraladas!»

Este grito pôs a multidão em debanda. Todos os portais que se encontravam abertos foram inaudados, subidas as escadasaaté aos últimos andares. Com receio, os inquilinos mantinham as portas dos andares fechadas.

Que se estaria a passar?

As pessoas encurraladas nos portais e escadas não se atreviam a sair para a rua. Temiam a GNR.

Três quartos horas depois (seriam 13 e 45) um oficial das tropas rebeldes começou a percorrer os portais-esconderijos pronunciando as seguintes palavras:

«Saiam ordeiramente. Não insultem a GNR. Estamos em conversações.»

Quando as pessoas sairam dos portais, quatro a quatro, verificaram que as tropas e o corpo da GNR que tinha surgido junto do Teatro da Trindade se olhavam sem hostilidade. A resistência, portanto, existia no interior do Quartel e não no exterior.

NO CAMÕES

À mesma hora, a Praça de Camões e o início da Rua do Calhariz foram ocupadas por forças de Lanceiros 2 e da GNR fiéis ao governo de Marcelo Caetano.

No Largo da Misericordia, concentra-se outra força da GNR também fiel ao regime deposto ontem. Mas não tardam a abandonar o combate. Grande parte das praças resolve abandonar aquele largo e dirige-se para o Jardim de S. Pedro de Alcântara. São substituídos pouco depois por uma força da GNR, vinda da província, uma coluna de jeeps, que se encontrava na Rua das Gáveas. Outros soldados da GNR, também vindos da província, alinham-se ao longo das Escadinhas do Duque, até à rampa que conduz à estação do Rossio.

Em todas as ruas vizinhas do Quartel do Carmo sucedem-se, à distância apenas de alguns metros, as forças ainda fiéis ao governo de Marcelo Caetano e as tropas revoltadas contra o regime.

Cerca das 15 horas, a situação começa a clarificar-se. Torna-se evidente que a tentativa de encolver as unidades do Movimento das Forças Armadas com contingentes da GNR e de Lanceiros 2 falhara. O regime não tinha defensores.

O capitão Salgueiro Maia, que comandava as tropas que se encontravam no Largo do Carmo e nas ruas vizinhas, dirige um ultimatum ao prof. Marcelo Caetano e às forças da GNR que se encontravam no Quartel do Carmo. É repetidas vezes afirmado, através de megafones, que não se desejava o derramamento de sangue, mas que não se hesitaria em esmagar qualquer tentativa de resistência.

Os apelos à rendição ficam sem resposta. O prof. Marcelo Caetano parece alimentar ainda a ilusão de que há forças fiéis ao governo, que é possível dominar a situação. Ou não estaria convencido da firme decisão que animava o Movimento das Forças Armadas.

As forças militares que sitiavam o Quartel do Carmo abriram fogo eram 15 e 33. Rajadas de pistola metralhadora foram disparadas, simultaneamente, da Rua da Trindade e da Travessa do Carmo. A ressonância e o eco amplificaram o matraquear das pistolas metralhadoras, as vidraças estremeceram em todos os prédios vizinhos. Nos patamares e nas escadas em que se acumulam dezenas e dezenas de vivis, junto dos soldados que atiraram há um movimento de recuo. As balas atingiram as janelas e a parede do último andar do Quartel do Carmo. O estilhaçar dos vidros confundia-se com o ruído dos disparos.

Seguiu-se um longo silêncio. Talvez três minutos. Ouvem-se novas rajadas de metralhadora, agora só a partir da Travessa do Carmo. As forças da Guarda Nacional Republicana entrincheiradas no quartel não respondem. As janelas e as portas continuam fechadas. Os canhões dos dois carros blindados que se encontram no Largo do Carmo rodam lentamente, até ficarem apontados às portas principais do aquartelamento.

Através de megafones é repetido o ultimatum para a rendição. O Quartel do Carmo permanece silencioso. As forças sitiantes continuam em posição de fogo, protegidas pelos carros blindados e alojadas nos portões das ruas vizinhas. Aparecem também soldados nas varandas e balcões dos últimos andares da Rua da Trindade.

Finalmente há a certeza de que o Quartel do Carmo não resistirá. Soldados com pistolas metralhadora em posição de disparar alinham-se em frente das entradas do quartelamento.

Ainda o carro-fortaleza que se

...nifestação popular ...a reacção da PIDE

Entra no quartel do Carmo o carro blindado em que sairia, escondido, Marcelo Caetano

sem as mãos e os gritos de ódio contra aquela instituição: «Morte à P.I.D.E.», «Assassinos».

Foi então que de uma das janelas do edifício partiram várias rajadas de pistola-metralhadora. Muitos dos manifestantes não se aperceberam imediatamente do que se passava, acreditando que os tiros tinham sido disparados para o ar. Mas quando viram alguns dos seus companheiros tombarem no chão, compreenderam que a repressão e o assassínio por parte da D.G.S. continuaria até ao último momento de vida da instituição.

Retrocedendo alguns metros, para salvaguardar as suas vidas, os manifestantes não desistiram. Enquanto as ambulâncias se aproximavam do local para transportar os feridos ao hospital, onde dois jovens viriam a morrer, um esquadrão de Cavalaria 3, de Estremoz, aproximava-se do edifício, aclamado pela multidão, que exigia às tropas o assalto à D.G.S. O esquadrão, composto por duas colunas com dois tanques, tomou posição nas ruas de acesso à sede da D.G.S., apontando as armas ao edifício.

A multidão voltou a aproximar-se do local onde fora repelida a tiro, clamando aos soldados para que interviessem rapidamente. No entanto, o que se lhes deparou pouco depois, foi o aparecimento de um corpo de forças de choque da P.S.P. no Largo do Picadeiro, prontas a avançar. Um oficial anunciou, através do megafone, que a P.S.P. tinha aderido ao movimento militar e que o general Spínola a havia encarregado de 1limpar as ruas de Lisboa».

A multidão não aceitou a pretendida intervenção destes agentes. «A P.S.P. tem feito muitas mortes», gritava-se da Rua dos Duques de Bragança. A certa altura, acreditou-se que o capitão Maltês, sobejamente conhecido na repressão às manifestações anteriores, comandava as forças de choque. Gritos de «assassino» caíram, então, sobre o Largo do Picadeiro, onde a P.S.P. se manteve, não chegando a intervir.

As armas do Exército continuavam apontadas à sede da D.G.S. A situação parecia ser de impasse, quando um dos seus agentes saiu à rua, com as mão no ar, dirigindo-se aos soldados. Enquanto estes o revistagam, a multidão clamava pela sua morte. Apavorado, o agente tentou fugir, só se detendo quando uma bala do Exército o atingiu mortalmente.

Quando os bombeiros se aproximaram para retirar o corpo, a multidão formou uma barreira à sua passagem, gritando «Os PIDES morrem na rua». Eram perto das 21 e 30.

Dez minutos depois, outros três agentes da D.G.S. abandonaram o edifício com as mãos no ar, tendo sido imediatamente detidos e revistados pelos militaes. Enquanto permaneciam encostados à parede, vigiados pela tropa, alguns manifestantes tentaram arrancar pedras da calçada para as lançar sobre eles. Mas o Exército impediu qualquer represália popular.

Cerca das 21 e 50, outro indivíduo era detido enquanto se abrigava numa porta do antigo cinema Chiado-Terrasse, onde esboçou o movimento suspeito de sacar de uma arma. Revistado, verificou-se que efectivamente possuia uma arma de guerra. Depois de interrogado pelo comandante do esquadrão, foi preso.

A pedido dos militares, a multidão começava a recuar para os largos do Chiado e do Camões. Muitas pessoas ali permaneceram até depois das 23 horas, não obstante a chuva que engrossava. A certa altura, militares que formavam o cerco afirmaram que a D.G.S. começava render-se e que os seus agentes ficariam ali detidos. No entanto, muitas pessoas viram alguns agentes escaparem-se pela Rua Victor Cordon, que não se encontrava guardada por tropas. Perante o aviso dos populares, e depois de recebido reforço, o tanque que se encontrava à entrada dos Duques de Bragança avançou para a Rua Victor Cordon, fechando finalmente o cerco à D.G.S. Passava da uma e meia.

Durante toda a noite, centenas de pessoas permaneceram nas imediações do local, esperando a tão desejada rendição. Mas esta só viria a verificar-se pela manhã.

...viu a Marcelo Caetano para deixar o quartel do Carmo, após ...total rendição ao general Spínola

Um elemento da PIDE-DGS ao ser detido por militares do Movimento, no Chiado

As operações no Porto

A movimentação das forças militares começou a ser notada na cidade do Porto, logo às primeiras horas da manhã de ontem quando as pessoas se dirigiam para os seus empregos, verificaram que algo de anormal se passava, dado que em diversos pontos da urbe estacionavam tropas e viaturas, colocando-se estrategicamente. Pouco depois e através dos comunicados difundidos pela rádio, a população começou a aperceber-se da situação.

A partir das 3 horas da madrugada as tropas revoltosas começaram a convergir para o norte. Uma companhia do batalhão de Caçadores 5, de Viana do Castelo, chegou aos limites da cidade por volta das sete horas, passando desde logo a controlar as ligações para Braga e Viana do Castelo e ocupando o aeroporto de Pedras Rubras. As viaturas que se dirigiam para a cidade passaram a ser revistadas e os seus ocupantes identificados. No Aeroporto, as forças policiais ali em serviço foram desarmadas e identificados os respectivos elementos.

As entradas da cidade (pontes D. Luis e da Arrábida) passaram também a ser controladas pelas tropas. Para o quartel general, subindo a Rua da Boavista dirigiram-se tropas do M.I.C.A. 1, que o cercaram.

O general - comandante e o segundo comandante, respectivamente, general Martins Soares e brigadeiro Oliveira Barreto, ficaram sob vigilância daquela unidade. Entretanto as tropas comandadas por oficiais de unidades do Porto, ocuparam as instelações do Rádio Clube Português, na Rua Tenente Valadim (Estúdio) e em Miramar (emissor). Os estúdios do Monte da Virgem, da Rádio Televisão Portuguesa foram cercados por comandos vindos de Lamego. Tropas do Regimento de Cavalaria 6 saíram do quartel de manhã cedo e postaram-se na Avenida dos Aliados e Praça do Município, com auto-metralhadoras «Panhard», conservando-se ali algum tempo com um canhã apontado ao edifício da Câmara Municipal. Mais tarde este dispositivo retirou.

Segundo o oficial de dia do quartel general do Porto, esta manhã as tropas estão a retirar gradualmente dos sítios que ocupavam.

A situação na via pública é normal. Contudo a vigilância policial continua a ser feita pela Polícia Militar. O serviço de trânsito já está totalmente regularizado e é feito por agentes da secção de Trânsito da P.S.P.

Embora o comércio esteja hoje aberto, os bancos estão encerrados ao público.

Por sua vez, as forças de comando que fizeram a ocupação do Rádio Clube Português deixaram um pelotão de guarda àquelas instalações e a meio da tarde de ontem, marcharam para a Chenop a fim de reporem o abastecimento da energia eléctrica àquela estação uma vez que aquela empresa havia sido cortada a corrente. Essa interrupção verificou-se cerca das 10 horas, quando inesperadamente o Rádio Clube Português, porta-voz do Movimento se deixou de ouvir no Porto.

Por outro lado, sabe-se que o governador civil do Porto, recentemente empossado, o conselheiro Mário Valente Leal, havia partido para Lisboa. Por seu turno, o presidente da Câmara, eng. Vasconcelos Porto conservou-se nos Paços do Conselho trabalhando toda a manhã no despacho do expediente.

Às 19 horas de ontem um grupo de populares que se encontrava na Avenida da Liberdade arremessou pedras ao consulado da Africa do Sul, destruindo as vidraças do edifício da Embaixada. Também o «stand» da Fiat e o da Ford Lusitana, na mesma avenida, foram danificados. A delegação do Ministério da Economia, nesta cidade, foi igualmente alvejada com pedras por populares.

Da delegação da D.G.S. desta cidade, foram libertados quatro indivíduos presos por uma agitação em Matosinhos. Eram acusados de distribuição de panfletos. Saíram sob caução nos termos da lei.

MANIFESTAÇÃO DE APOIO

As Forças Armadas da Região Militar do Porto, estarionadas no quartel general, na Praça da República foram ontem, às 20 horas, alvo de uma entusiástica manifestação popular.

Constantemente vitoriados pela multidão, os oficiais que se encontravam no interior do edifício, vieram à varanda principal agradecer a manifestação, tendo em circunstância o coronel Passos Esmeriz proferido breves palavras. No final, a multidão entoou em coro o Hino Nacional.

SITUAÇÃO DOS HOSPITAIS

As medidas de prevenção adoptadas durante o dia de ontem, nos hospitais centrais da cidade, S. João e Santo António, com o recrutamento de médicos e enfermeiras, foram aliviadas ao princípio da madrugada de hoje, e esta manhã a situação era da maior normalidade.

No Algarve

FARO, 26 — A vida normalizou-se hoje nesta cidade, continuando a população a escutar com interesse as emissões da rádio. Entretanto, nos quartéis, as forças militares continuam de prevenção.

Na manhã de ontem, o Emissor Regional do Sul, que logo após a eclosão do Movimento, passou a retransmitir o noticiário de Lisboa, começou a dar apenas música, por intersecção das forças da reacção. O público privado de acompanhar o desenrolar dos acontecimentos da capital, recorreu avidamente às emissões do estrangeiro.

Os bancos, ontem e hoje, mantêm-se encerrados.

DL/NACIONAL

A "CALMA" DE MOÇAMBIQUE

JOANESBURGO, 26 — (R) — As autoridades de Moçambique anunciaram ontem à noite que reina a mais completa calma neste território da Africa Oriental depois do golpe militar ocorrido em Lisboa.

No primeiro comentário à rebelião militar que começou ontem de madrugada, o gabinete de Imprensa do Governo em Lourenço Marques publica um comunicado que dizia: «Reina a mais completa calma no Estado de Moçambique onde as autoridades militares e civis estão a assegurar a ordem e a estabilidade».

O comunicado, noticiado em Joanesburgo pela South African Press Association, reivindicava que o governo de Lisboa continuava ainda no controle da situação e estava a tentar dominar a revolta das Forças Armadas.

A South African Press Association anunciara anteriormente que não tem havido reação entre os 60.000 soldados brancos e africanos estacionados em Moçambique para combaterem as guerrilhas nacionalistas.

Círculos governamentais e civis dizem que residentes em Moçambique se sentem «assustados e preocupados» pelas notícias de Portugal — que lhes chegam ao conhecimento através de transmissões estrangeiras de noticiário.

Na Africa do Sul, que possui fronteira comum com Moçambique, o primeiro-ministro John Vorster disse que os acontecimentos em Portugal podem ter consequências tremendas para o seu país, mas acrescentou que as notícias de Lisboa continuam a ser confusas e que seria prematuro fazer mais comentários sobre o assunto.

Os acontecimentos em Portugal parecem ter colocado em segundo plano as eleições na Africa do Sul, tanto nas notícias dos jornais como no noticiário da Rádio.

Na Rodésia, onde as incursões de guerrilheiros partidos de território de Moçambique têm levado a uma guerra em pequena escala na fronteira nordeste do país com o território português, ministros do gabinete levaram a efeito medidas pouco habituais de telefonarem para as agências noticiosas a pedirem informações.

A Rodésia tem forjado fortes laços com a Africa portuguesa em face das sanções económicas das Nações Unidas depois de se ter declarado unilateralmente independente da Inglaterra, em 1965.

Cartazes de Moçambique em Lisboa

RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS ENTRE A R.D.A. E A GUINÉ-BISSAU

NAÇÕES UNIDAS, 26 (R) — A República Democrática Alemã e a autoproclamada República da Guiné-Bissau concordaram em estabelecer relações diplomáticas e permutar embaixadores — anunciou nas Nações Unidas a missão leste-alemã.

A organização para a independência de Guiné-Bissau (Guiné Portuguesa) proclamou a independência relativamente a Portugal em Setembro do ano passado, que foi reconhecida pela Assembleia Geral das Nações Unidas.

A autoproclamada República da Guiné-Bissau foi autorizada a abrir uma missão diplomática de observação nas Nações Unidas, mas até agora não pediu formalmente qualquer candidatura a país membro da ONU.

REACÇÕES EM ANGOLA

LUANDA, 26 (ANI) — Pelo Governo Geral de Angola foi, ontem distribuida aos orgãos de Informação a seguinte nota oficiosa:

«No Governo Geral, até às 20 horas e 30, não foi recebida qualquer informação oficial sobre os acontecimentos que hoje se registaram em Lisboa.

«Notícias de origem diversa dão, entretanto, indicação de que terá triunfado o Movimento Militar, tendo o prof Marcello Caetano renunciado às suas funções de Presidente do Conselho de Ministros.

«Teria assumido o poder uma Junta Militar, cuja composição se não conhece ainda completamente.

«O Governo Geral, como é do seu dever, procurará assegurar a completa normalidade da vida da província e recomenda a toda a população a maior tranquilidade e confiança».

A União Sul-Africana poderá intervir em Moçambique

LONDRES, 26 — (R.) — Os jornais ingleses voltados às direitas vaticinaram uma grande reviravolta na Africa Austral depois do golpe militar em Portugal.

O «Times» dizia que do ponto de vista da paz mundial o golpe está prenhe de perigos — uma retirada portuguesa da Africa Austral só poderá vir a desencadear uma escalada na guerra nos territórios da Africa Austral tal como a retirada dos franceses da Indochina constituiu apenas um preliminar para a escalada da Guerra do Vietname.

O «Daily Mail», um jornal conservador, dizia que o golpe em Portugal marcou o capítulo final da guerra colonial, frisando: «Esse golpe poderá ou não ser uma alavanca, mas o facto é que depois de ontem não podem subsistir dúvidas para que lado os portugueses se estão a dirigir em Angola e Moçambique — para o lado da saída».

O «Daily Mail» prosseguia: «Será na Africa Austral que o eco do golpe de Lisboa se propagará mais alto e com maior alcance e duração. A Rodésia está já abalada, Angola e Moçambique parecem agora estar a seguir para uma independência dentro de poucos anos e a Africa do Sul poderá muito em breve encontrar-se sozinha, e o primeiro-ministro Jonh Vorster sabe isso muito bem.

«Eis porque o Abril em Portugal dá uma promessa, embora ainda ténue, de uma primavera africana há tanto tempo demorada».

O «Times» dizia que a verdade por trás do golpe mostra que Portugal tinha, há muito, perdido a vontade de levar a efeito a última acção de retaguarda colonial por uma potência europeia em Africa e que a consequência mais importante será o que se irá passar em Moçambique. Poderá haver uma solução brasileira de um Moçambique ligado de certa maneira a Portugal sob os seus actuais governantes ou um regime nacionalista africano com base na Frelimo.

A esse propósito o jornal concluía: «Se o que vier for um Governo nacionalista em Moçambique, então a segurança da Rodésia estará em perigo, coisa que, no seu devido tempo, colocará o Governo sul-africano a defrontar-se com uma escolha histórica».

«Deverão os governantes sul-africanos brancos lançar-se para a frente com todo o seu poder para a Rodésia e possivelmente também para Moçambique, juntando-se à comunidade de colonos brancos de Lourenço Marques e incorporando essa área na sua esfera de segurança, ou deverão pura e simplesmente apagar a influência europeia a norte das actuais fronteiras da Africa do Sul?»

O Brasil reconhecerá o novo regime português

BRASÍLIA, 26 — (R) — O Brasil reconhecerá o novo Governo português logo que sejam recebidas notícias oficiais em Brasília de que esse governo se encontra a dominar por completo a situação e mantiver o respeito por todos os compromissos internacionais — anunciou esta noite na capital brasileira um porta-voz do palácio presidencial.

Anteriormente, o governo brasileiro adoptara uma atitude de «esperar para ver» perante o levantamento militar ocorrido ontem em Portugal.

O porta-voz do ministério dos Estrangeiros disse que o governo de Brasília esperará por um comunicado oficial «das autoridades portuguesas no controle da situação» antes de decidir qual o rumo da acção a seguir.

O porta-voz disse: «Esse comunicado será feito através da nossa embaixada em Lisboa e só então saberemos se a situação requer o reconhecimento de um novo governo».

Portugal e o Brasil — que foi governado pelos portugueses até 1822 — partilham uma língua comum e lavraram um acordo de nacionalidade dupla no âmbito do qual os súbditos de ambos os países têm automaticamente residência e direitos de trabalho nos dois territórios.

A REVOLUÇÃO NA IMPRENSA BRASILEIRA

RIO DE JANEIRO, 26 — (ANI) — As estações de rádio da cidade do Rio de Janeiro acompanharam o desenrolar dos acontecimentos de ontem, em Lisboa, em sucessivos jornais falados. A Rádio Globo emitia um jornal de meia em meia hora, sobre os acontecimentos revolucionários em Portugal.

O único jornal a noticiar a revolução foi o vespertino «A Notícia», de propriedade do governador do estado da Guanabara.

Disse aquele jornal, na primeira página, em subtítulo, «Presos os ministros militares». E num grande título, a toda a largura da primeira página, «Revolução em Portugal».

Também o Centro de Turismo de Portugal e a delegação da ANI no Rio de Janeiro divulgaram notícias do Movimento das Forças Armadas.

SARAIVA PEDE CALMA

BRASÍLIA, 26 — (R) — O embaixador de Portugal no Brasil, dr. José Hermano Saraiva, fez uma declaração pela rádio à numerosa comunidade lusitana, dizendo: «Estamos a viver um momento grave e crucial da nossa história. Peço aos portugueses que se mantenham calmos.»

O embaixador disse aos jornalistas estar crente de que as relações entre o Brasil e Portugal não sofrerão com os acontecimentos ocorridos na metrópole portuguesa.

Missionários expulsos de Moçambique criticam Paulo VI

BRUXELAS, 26 (R.) — Dois missionários espanhóis expulsos na semana passada de Moçambique, criticaram ontem o Papa Paulo VI por não se ter publicamente oposto à política de Portugal nos seus territórios ultramarinos de Moçambique e Angola.

Os sacerdotes, padres Alfonso Valverde e Júlio Moure, que passaram muitos anos na diocese de Nampula, Moçambique, disseram a jornalistas que cerca de 100 padres, principalmente não-portugueses, foram expulsos de Moçambique e que mais de 100 foram privados dos seus direitos cívicos e serão em breve expulsos.

Não obstante tais actos, o Sumo Pontífice continuou a tratar Moçambique e Angola como entidades separadas da Africa e reconheceu Lisboa como sede central a partir da qual o Núncio Apostólico administrava os dois territórios relativamente a assuntos eclesiásticos.

Comentando o golpe de Estado de ontem em Portugal, os dois missionários disseram que é ainda muito cedo para se saber se o regime militar tomará uma linha conduta mais branda relativamente aos territórios africanos.

Os padres disseram também que os colonialistas portugueses em Africa estão já preparados para declarar unilateralmente a independência com o apoio da Rodésia e da Africa do Sul.

A Rodésia manifesta-se interessadíssima em poder utilizar a rede de caminhos-de-ferro de Moçambique e destruir bases de guerrilheiros que atacam a Rodésia a partir de Moçambique.

Os padres acusam também que interesses económicos e financeiros estrangeiros estão por trás da aparente determinação portuguesa em manter os seus territórios ultramarinos de Moçambique e Angola.

A NATO face aos acontecimentos

CIDADE DO VATICANO, 26 (UPI-ANI-FP) — A Rádio Vaticano, comentando o Movimento das Forças Armadas ocorrido em Portugal, declarou ontem à noite:

«A Santa Sé está a seguir atentamente os acontecimentos registados em Portugal, desejando que a actual crise possa resolver-se por si própria sem ferir o povo português, e ser benéfica para o País, constituindo uma solução justa para os problemas que tem de enfrentar».

O VATICANO E A NATO

O Vaticano tem-se recusado a comentar os acontecimentos ocorridos em Portugal embora as relações entre a Santa Sé e o Governo de Caetano se tenham tornado mais tensas nos últimos tempos em consequência da recente expulsão de Moçambique de 14 missionários combonianos.

O «Osservatore Romano» de quinta-feira à noite anuncia na primeira página a duas colunas «Uma revolta de militares contra o Governo português» e a constituição de um «Governo provisório» pelos «rebeldes».

O Secretariado Geral da Organização do Tratado do Atlântico Norte, em Bruxelas, e as delegações dos países membros da Aliança Atlântica seguem atentamente a evolução da situação militar em Portugal. Indicam oficialmente quinta-feira na sede da organização.

Precisa a mesma fonte que não haverá qualquer reacção oficial, lembrando que se trata de um assunto interno.

O Governo belga, cuja composição foi anunciada hoje de manhã, adoptou a mesma atitude.

OS MOVIMENTOS DE LIBERTAÇÃO FACE AOS ACONTECIMENTOS EM PORTUGAL

..DAKAR, 26 (R) — O levantamento militar em Portugal é pouco provável que modifique a atitude dos Movimentos Africanos de Independência nos territórios portugueses — indicaram em Dakar observadores políticos.

Embora não houvesse reacção imediata do PAIGC aos acontecimentos de ontem, sente-se que a chefia do Partido Africano para a Independência da Guiné e arquipélago de Cabo Verde — a organização que recentemente declarou unilateralmente a independência na Guiné-Bissau — não vê o levantamento militar como provável de introduzir uma modificação fundamental no sistema colonial português.

Em Kinshasa, o presidente do Governo Angolano Revolucionário no exílio, Holden Roberto, recusou-se a fazer quaisquer comentários até que a situação em Portugal evolua.

Observadores consideravam o levantamento, assumindo que seja favorável ao antigo governador da Guiné Portuguesa, general António de Spínola, como uma situação que deve ser tratada com cautela ou indiferença pela chefia do PAIGC, porque este movimento não julga que a revolta militar possa levar a uma aceitação portuguesa da independência para os territórios ultramarinos.

O dirigente da Guiné-Bissau, Luís Cabral disse em Dakar no mês passado que o general Spínola — demitido após a publicação do seu livro instigando um sistema federal para Portugal e seus territórios — dedicou toda a sua vida ao serviço do fascismo e à repressão criminosa dos povos africanos que combatem pela sua liberdade.

Luís Cabral disse: «Não podemos acreditar na sinceridade de Spínola. Sabemos que se ele fala de autodeterminação para os povos colonizados, está a pensar acima de tudo no colonialismo português».

O dirigente da Guiné-Bissau disse também nessa altura que os nacionalistas africanos estariam preparados para aceitar uma federação sob a bandeira portuguesa, se esse sistema garantisse o direito de voto.

Mas Luís Cabral acrescentou: «Como os africanos estariam em maioria numa tal federação, poder-se-ia acabar por ver um Governo negro em Lisboa, e eu estou certo que Spínola não gostaria de ter um Governo negro a dirigir Portugal».

Em Salisbúria o Conselho Nacional Africano (ANC) disse ontem à noite que o levantamento militar torna ainda mais urgente uma solução entre negros e brancos na Rodésia.

O secretário dos serviços públicos do ANC, Edson Sithole, disse numa declaração que o levantamento afectará enormemente os países governados por brancos na Africa Austral, particularmente na Rodésia.

A Rodésia partilha uma fronteira comum com o território português de Moçambique, na Africa Oriental, e encontra-se correntemente a lutar numa guerra de guerrilhas na sua fronteira do nordeste.

A declaração do ANC dizia também ser suficientemente claro que o levantamento foi feito em apoio às ideias exprimidas pelo general Spínola.

A declaração frisava: «Se um general do calibre de Spínola acredita firmemente que os problemas na Rodésia poderão ser querem uma solução política e não militar, seria uma má política da parte das autoridades rodesianas pensarem que os problemas da Rodésia poderão ser solucionados através de uma fórmula militar».

Até agora, o Governo rodesiano ainda não manifestou qualquer reacção oficial ao levantamento militar português.

MOÇAMBIQUE

LUSAKA (Zâmbia), 26 (R) — Combatentes dos Movimentos de Libertação nos territórios africanos de Portugal não se sentem seguros sobre se o golpe militar em Lisboa virá a ajudar a luta que travam pela independência total das colónias.

Os combatentes de Movimentos de Libertação receiam que os colonos portugueses em Moçambique tentem estabelecer um Estado separado governado por brancos, possivelmente com o auxílio da Africa do Sul.

Os combatentes de Movimentos de Libertação nos territórios em Africa disseram ontem que não acreditam que o golpe militar de Lisboa venha necessariamente a ajudar as suas causas.

O dr. Faustino Kambeu, secretário da Informação da Comissão para a Revolução em Moçambique (Coremo), comentou: «Até agora, a chefia em Moçambique continuas nas mãos dos colonos brancos. Embora eles possam vir a necessitar de alguns africanos no seu gabinete, a verdade é que não nos podemos sentir muito optimistas a respeito da situação em geral».

A Coremo é um grupo separado formado por membros dissidentes da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo).

Entretanto, não foi possível contactar com membros da Frelimo para se obterem comentários sobre o golpe de Lisboa.

O dr. Kambeu disse que é difícil fazerem-se comentários sobre a situação em Portugal até que seja conhecido o programa político dos homens que realizaram o golpe, acrescentando: «Mas até agora o modo dos colonos brancos em Moçambique é de que têm todas as pretensões a apoderar-se do poder, afastando-nos a nós».

Membros da Frente Popular de Libertação de Angola (MPLA) exprimiram opiniões semelhantes ao serem contactados, mas aguarda-se uma declaração formal do porta-voz oficial do MPLA, que entretanto ainda não pôde ser publicado.

O dr. Kambeu, secretário de informação da Coremo, disse ainda que «pelo menos neste momento está fora de hipótese» que o golpe português venha a conduzir a um governo em Moçambique formado por combatentes do Movimento de Libertação.

O dr. Kambeu frisou: «Concerteza que eles não irão dizer que os combatentes da libertação podem vir e formar governo. Não, deverão tentar entrar num compromisso qualquer, mas não particularmente em qualquer coisa que os leve a darem de mão beijada o governo minoritário aos africanos».

Disse também que nem mesmo os colonos brancos em Moçambique querem a continuação da guerra de guerrilhas, mas que por outro lado também não desejam cortar inteiramente com Portugal, frisando: «é essa a diferença fundamental entre eles e nós».

A POSIÇÃO DA F. P. L. N.

«O levantamento das Forças Armadas, compreendido e aclamado pelo povo, pode abrir o caminho à participação do povo na construção de uma sociedade democrática e socialmente justa», salienta um comunicado publicado em Argel pela Frente Patriótica de Libertação Nacional (movimento da oposição revolucionária portuguesa no exílio).

O comunicado acentua ainda: «Portugal assistiu a um acontecimento de alcance nacional, pois a queda do Governo fascista de Caetano é a primeira condição a cumprir para uma transformação da sociedade portuguesa segundo uma orientação democrática e popular».

«O levantamento das Forças Armadas, cujo patriotismo e coragem cívica louvamos, deve agora dar uma resposta clara a certas exigências fundamentais», como seguem:

A) «Libertação dos presos políticos e livre regresso dos exilados.

B) «Fim para todas as formas de repressão».

C) «Supressão da censura e da polícia política».

D) «O fim da guerra colonial e reconhecimento do direito dos povos africanos à autodeterminação e à independência».

«Viva a liberdade» — conclui o FPLN.

Soldados em posição no elevador de Santa Justa

As anteriores tentativas de Golpe de Estado

PARIS, 26 (F.P.) — Eis a lista dos anteriores golpes de estado contra o regime português:

— 10 de Outubro de 1946: um grupo de oficiais do 6.º Regimento de cavalaria tentam um golpe de estado no Porto.

— 10 de Abril de 1947: cinco generais, seis oficiais superiores e 13 professores universitários são demitidos das suas funções por terem participado numa conjura que se manifestou através de greves e de uma tentativa de revolta na região de Tomar.

— 8 de Outubro de 1948: são presos vários oficiais superiores entre os quais o almirante Cabeçadas, acusados de terem fomentado uma terceira conjura.

— 31 de Março de 1953: o capitão Galvão, fundador do órgão cívico militar, é condenado a três anos de prisão por conjura.

— 1 de Janeiro de 1962: tentativa de golpe de estado do capitão Varela Gomes do 3.º Regimento de Infantaria de Beja, a 200 km de Lisboa. Balanço: 4 mortos, entre os quais o sub-secretário de Estado do Exército.

— 16 de Março de 1974: sublevação de uma companhia de infantaria nas Caldas da Rainha. O seu avanço foi parado à entrada de Lisboa.

Voos normais comunicam a TAP e a VARIG

..RIO DE JANEIRO, 26 — (ANI) — A Varig e os TAP anunciaram os seus voos normais para Lisboa, no dia de ontem.

Informadores das duas companhias dizem que não houve cancelamento de nehuma passagem. E os voos de anteontem também haviam sido normais, dois diários, tendo o último saído do Rio de Janeiro, às 20 horas e 30, sido desviado para Madrid.

As empresas de aviação e as empresas de turismo informaram ontem que não foi cancelada nenhuma passagem para Portugal, para os próximos dias, e que os aviões estão lotados nesta época, que é de Inverno no Brasil e de Verão em Portugal.

PORTUGUESES EM PARIS:

Espera-se maior liberdade de expressão

PARIS, 26 — A notícia do golpe de estado militar em Portugal foi acolhida, senão com indiferença, pelo menos com calma pelas comunidades portuguesas de Paris.

Um eclesiástico português que está constantemente em contacto com a população imigrada da região parisiense, declarou na quinta-feira à noite: **«Toda a gente esperava que sucedesse alguma coisa. Sabíamos que a situação estava tensa. Os portugueses jovens que trabalham em França são especialmente hostis à nossa presença em Africa. Também são contra a duração do serviço militar de quatro anos, quer seja feito nas nossas províncias do Ultramar ou na Metrópole. Acompanhamos, evidentemente, a situação com a maior atenção, mas sem angústia particular. Não somos 'à priori' hostis aos homens que tomaram o poder. Esperamos que autorizarão, nomeadamente, maior liberdade de expressão. É o voto que muitos fazem aqui».**

A OPOSIÇÃO DEMOCRATICA UNIDA E O POVO PORTUGUÊS DEVEM DESDE JA FAZER OUVIR E ACEITAR AS SUAS REIVINDICAÇÕES FUNDAMENTAIS

PARIS, 26 — (FP) — Um certo número de individualidades portuguesas residentes em França publicaram ontem um comunicado «saudando a acção corajosa do Movimento das Forças Armadas». O «derrubamento do governo ditatorial pode abrir o caminho à conquista da liberdade, da paz e do pão, sob a condição da oposição democrática unida e o povo português conseguirem desde já fazer ouvir e aceitar as suas reivindicações fundamentais», — declara o comunicado.

Reclamam os signatários «a libertação imediata de todos os presos e detidos políticos e militares, a abolição da censura, das leis e tribunais de excepção, a dissolução da Polícia Política, bem como da abertura de negociações imediatas com os movimentos de libertação de Angola, Guiné-Bissau, e Moçambique».

Os signatários: Joaquim Barradas de Carvalho, historiador, encarregado de investigações no centro científico CNRS; Victor de Carvalho, informático; Celestino de Castro, arquitecto, Silas Cerqueira, José Dias, sociólogo; Virgílio Fernandes, economista; prof. Vasco Magalhães — Vilhena, doutor de Letras, António Marquês dos Santos, funcionário internacional, dr.ª Maria Helena Neves, socióloga, assistente do Irfed, doutor Mário Pádua, médico-biologista, dr.ª Palma Féria, secretária; Tomás Rato, comerciante, doutor Carlos Plácido de Sousa, médico-biologista' V. Sousa, antigo comandante do exército português.

DL/GERAL

Bombeiros dos Estoris

Em assembleia geral realizada na sua sede, a Associaçao dos Bombeiros Voluntários dos Estoris elegeu os corpos gerentes para o corrente ano. Presidem, à assembleia-geral, dr. José Manuel de Sousa; à direcção, major Raul Jorge Pedroso Guerra; e ao conselho fiscal, Joaquim António Fernandes Abrantes.

ORA DIGA-NOS

COSTUMA COMPRAR A PRESTAÇÕES?

Consumo. A vertigem do consumo apodera-se lentamente das massas. Você pode ter frigoríficos, automóveis, casas... a prestações, dizem os «slogans» publicitários. Compre o seu funeral aos bocadinhos e depois morra tranquilo. Viaje, conheça o Mundo pagando por mês uma quantia irrisória. E assim por diante. A tentação do consumo entra nas casas através dos «mass-média». Só não compra coisas quem não quer. O consumo ao alcance de qualquer um. Basta uma assinatura para se rodear do conforto sonhado.

Albano Santos, contínuo de profissão, se não fosse o casamento talvez não se tivesse atirado para as compras a prestações, mas os compromissos familiares transformam as pessoas em escravos do consumo.

Desde que casei comprometi-me nas compras a prestações. É a única maneira de uma pessoa comprar qualquer coisa. Isso de juntar dinheiro não dá hipótese para nada. No entanto, nunca saio do limite das minhas possibilidades. As últimas compras que fiz foi uma máquina de lavar e um carro».

Maria de Fátima

Maria de Fátima Esteves

Albano Santos

Pelo contrário, Maria de Fátima Esteves (matemática) nunca utilizou esse sistema de compras.

Acho que pode ser importante para quem queira adquirir coisas... Porém eu não gosto do sistema. Prefiro comprar a pronto. E além de mais não tenho necessidade de pagar a prestações.

Maria de Fátima, empregada de restaurante professa a mesma opinião da anterior inquirida.

De facto há muitos anos que deixei de comprar a prestações. Prefiro juntar dinheiro e pagar a pronto porque assim tudo me fica mais barato.

STREAKING: Exibicionismo de Grupo

«Le Monde»-«DL»

Do Atlântico ao Pacífico, um estranho vírus parece ter colhido milhares de jovens americanos que estão a praticar com deleite e na exuberância uma espécie de exibicionismo de grupo. Esta febre primeiro localizada no ensino superior alastrou ao secundário e já não afecta apenas o sexo masculino uma vez que as raparigas (Oh, Virginia que preferiu despir-se da vida a despir a roupa!) parecem agora com igual pressa de se despirem para participar no fenómeno colectivo do **streaking**.

Na origem, com efeito, tratava-se de um simples exercício individual de rapidez: alguns jovens surgiam inteiramente nus, atravessavam a via pública, punham-se entre e à frente dos automóveis, sem deixar aos basbaques tempo para o menor esboço de reacção. De onde o nome **streaking** (de **to streak**: correr como um raio ou relâmpago), dado a este jogo, uma espécie de polícias e ladrões para adolescentes que corriam assim o risco de ser presos por atentado ao pudor público ou suspensos das respectivas universidades.

Mas esta blague de estudantes na tradição das Quatro Artes medievais mudou hoje de natureza e tomou uma nova também dimensão.

O gesto provocador de alguns isolados transformou-se em uma manifestação de massa; os «raids» individuais transformaram-se em manifestações colectivas. É às centenas que agora se contam os **streakers** que deixaram entretanto de correr e desfilam antes cerimoniosamente, bloqueando a circulação. Nisto jogou para alguma medida, por certo, o espírito de emulação e competição. De momento, o «record» é detido pela universidade de Colorado, que reune dois mil e duzentos **streakers**, batendo assim por escassa margem a da Geórgia e de mais longe a de Maryland que reuniram respectivamente mil, uma, e 530 participantes, a outra.

Estas multidões são pitorescas mas algo desembestadas na sua nudez. Porque a fantasia reina no des-vestuário. Alguns arvoram uma gravata, um chapéu, outros deixam a sua «pélerine» flutuar ao vento. Alguns trazem sandálias de ténis, outros mantêm os seus sapatos usuais. Para o penteado, todos os cuidados são poucos. Os disfarces vão desde simulações dos irmãos Marx ao presidente Nixon. Muitos pintam apenas o corpo com cores várias, mas alguns escrevem com «batôn» o número de turma no traseiro. Aqui, uma estudante esconde todo o seu pudor em um simples passa-montanha; uma outra cobriu a cabeça com uma meia de seda. Pretende não querer ser reconhecida.

UM REGRESSO ÀS TRADIÇÕES

Mesmo se perdeu um pouco da sua espontaneidade original («Eu sentia uma necessidade urgente de me despir», declarou um jovem à polícia), o **streaking** tem provocado algumas proezas individuais. Assim **quatro pára-quedistas nus tombaram** do céu no campo da Universidade de Illinois; motociclistas **completamente despidos** fizeram petardear as suas máquinas em Georgetown University.

Em Westpoint, o Saint-Cyr americano, uma dezena de cadetes sem uniforme correram em torno dos postos de guarda, perseguidos pelos seus superiores. Noutra parte, um estudante meio paralítico passou a toda a velocidade que era capaz de um extremo a outro do campus, nu também.

Aparentemente as autoridades universitárias e policiais resignaram-se a esta exibição de nudez e por vezes parecem acomodar-se bem com ela. O presidente de um colégio de raparigas aplaudiu, com o rosto radiante, a passagem-relâmpago perante a sua casa de cinquenta das suas alunas, nuas, enquanto que na Virginia Oidental fez dizer que os **streakers** não seriam perseguidos na condição de serem do sexo feminino e de passagem pelo seu escritório.

Bem entendido, os psicólogos, sociólogos e psiquiatras inclinam-se com outra seriedade sobre o problema. Para uns, o **streaking** é um rito da Primavera; para outros trata-se do regresso à grande tradição estudantil dos anos 50

«O **streaking** é uma forma de assalto», disse McLuhan, o grande especialista da comunicação. «É um desafio às normas culturais aceites», afirmou um psiquiatra da universidade de Colúmbia, enquanto que um dos seus colegas de Yale vê nele sobretudo «um desafio à autoridade e uma tentativa de a ridicularizar». Um outro especialista não receia ligar o fenómeno **à escassez da gasolina**. Porque já não podem utilizar os seus automóveis, lugar favorito para os seus esbates amorosos, os estudantes desrarregam assim, descomprimindo-a, a sua frustração. Outros, pelo contrário, acham que o **streaking** não tem qualquer conotação sexual.

«A segurança nacional não está ameaçada ainda», disse um professor de Yale. Todavia, alguns espíritos abatidos detectam no fenómeno um sinal irremediável de decadência. De facto, a sociedade fica antes reforçada por estas demonstrações que contrastam singularmente com o activismo político do decénio anterior. Os defensores da ordem estabelecida não se enganam aliás sobre este ponto...

O streaking assinalaria assim o fim de uma era, a da contestação e do protesto.

Não será significativo que os primeiros **streakings** tenham arrancado dos degraus da biblioteca da universidade de Colúmbia, um dos altos locais da contestação estudantil, cena de violentos afrontamentos **com a Polícia nos anos 60?**

HENRI PIERRE

Congresso de Publicidade

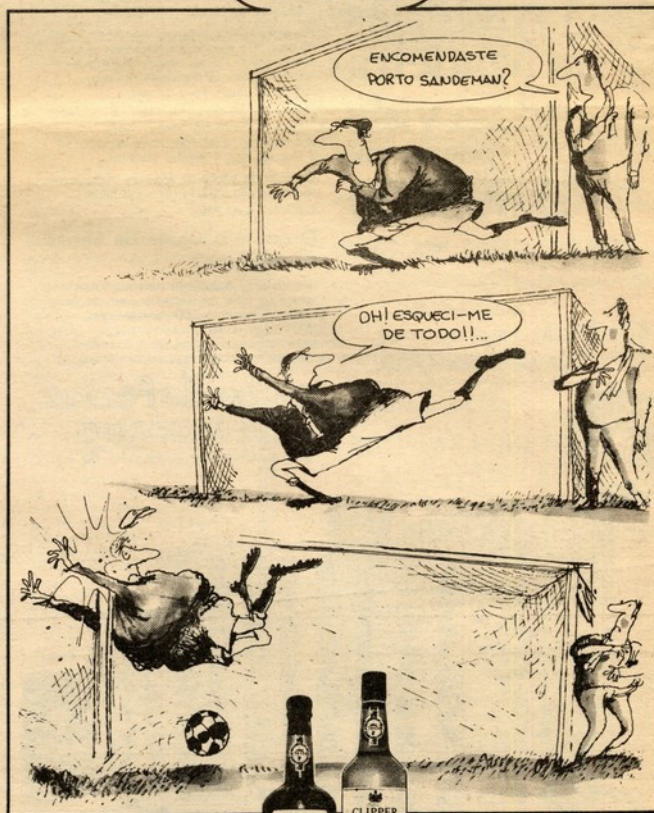
A Câmara Municipal oferece hoje às 18 e 30, na Casa do Leão do Castelo de S. Jorge, uma recepção em honra dos participantes no Congresso da Federação Europeia de Publicidade Exterior.

Feira Internacional da Moeda

No salão de exposições do Hotel Ritz, efectua-se nos dias **27 e 28, das 10 às 24 horas,** a III Feira Internacional da Moeda, da Medalha e do Selo de Lisboa.

As principais novidades deste certame são: uma colecção de moedas e notas do Ultramar; a edição de duas medalhas de bronze comemorativas, com uma série de temas sobre a história da numismática; e a saída do segundo volume do preçário de moedas.

Garraiada de estudantes

Os estudantes de Agronomia e Veterinária organizaram uma garraiada que se vai realizar às 16 e 30 do próximo sábado, na Praça do Campo Pequeno. Nos dois Institutos, que parecem ter regressado à boa amizade de outros tempos, a garraiada é esperada com bastante interesse, o mesmo acontecendo em outros meios académicos. Convites à disposição dos interessados, desde já, em Veterinária e em Agronomia e, no próprio dia, no Campo Pequeno.

DL/ESTRANGEIRO

Tindemans é o novo Chefe do Governo belga

BRUXELAS, 26 — (R) — Leo Tindemans, novo primeiro ministro belga, é há longo tempo um político social cristão mas um neófito, relativamente, no que se refere a posições governamentais de maior vulto.

Tindemans, de 51 anos, um flamengo, tem sido membro de gabinetes desde 1968, mas só no ano passado ascendeu à mais alta escala do gabinete ao ser nomeado vice-primeiro ministro na coligação tri-partida, formada por socialistas, sociais cristãos e liberais, que deixou o poder em Janeiro do ano corrente.

Membro da Câmara Baixa do Parlamento belga desde 1961, Leo Tindemans tem conseguido obter o respeito dos seus colegas como um trabalhador infatigável, e pela sua moderação e espírito aberto em frequentes e amargas disputas entre as facções de língua flamenga e francesa do seu Partido.

Leo Tindemans, nascido no dia 16 de Abril de 1922 em Zwijndrecht, nos arredores de Antuérpia, formou-se pela Universidade de Lovaina e logo a seguir tornou-se membro activo do Partido Social Cristão, após uma breve carreira como jornalista. De 1958 a 1966 foi secretário nacional do partido.

Embora membro da Assembleia Nacional, Tindemans foi eleito presidente do município de Edegem, a sul de Antuérpia, em 1965, cargo que ainda mantém.

Ingressou pela primeira vez o governo em 1968 como ministro dos Assuntos da Comunidade na administração chefiada por Gaston Eyskens. Em 1972, Eyskens nomeou Tindemans ministro da Agricultura, uma posição que manteve até à queda desse governo de coligação, em 1973, devido a uma violenta disputa sobre influência de linguagens.

No governo seguinte, chefiado pelo socialista Edmond Leburton, Leo Tindemans — como «leader» parlamentar da ala flamenga do seu partido — foi nomeado vice-primeiro ministro responsável pelo orçamento.

Tindemans é casado e tem quatro filhos.

Sadat fala das relações do Egipto com a U.R.S.S.

BEIRUTE, 26 (F.P.) — O jornal «Al Hawadess» publicou uma entrevista do presidente Sadate na qual o chefe do estado egípcio faz novas revelações sobre os incidentes que determinaram o agravamento das relações entre o seu país e a URSS, salientando ao mesmo tempo que «a franqueza é o melhor caminho para preservar a amizade».

Sadate começa por indicar que em Agosto de 1967, após a derrota de Junho, o presidente Nasser pediu à URSS para assumir ela própria a defesa do Egipto. O presidente Podgorny, então de visita ao Cairo, acedeu ao pedido egípcio ao meio-dia e rejeitou-o nessa mesma noite. Entretanto efectuava-se nos Estados Unidos um encontro Kossyguine-Johnson.

Por outro lado, para ripostar aos «raids» israelitas da «guerra de desgaste», Nasser visitou secretamente a URSS em Dezembro de 1969 para pedir mísseis «SAM-3» e «Aviões que permitissem ataques em profundidade». Obteve os misseis mas não os aviões.

O presidente Sadate acrescenta nesta entrevista que quando ele próprio visitou Moscovo pela primeira vez em Março de 1971 na qualidade de Chefe de Estado, os dirigentes soviéticos indicaram-lhe que estavam dispostos a fornecer esses aparelhos com a condição de a sua utilização ser submetida à aprovação expressa de Moscovo. «Era-nos difícil aceitar uma tal limitação à nossa soberania — salienta. Se o Egipto se dispunha em 1967 a confiar a sua defesa aérea à URSS é porque depositava uma confiança ilimitada nesse país, mas a situação já não era a mesma em Março de 1971».

O presidente Sadate indica, por outro lado, que o general Chazli, chefe do Esta-Maior, deixou-se impressionar demais com o desembarque israelita na margem ocidental do Canal de Suez, preconizando a retirada do Sinai e a aceitação do cessar-fogo. Para que a sua depressão não alastrasse, foi imediatamente substituído pelo seu adjunto, general Gamassi, mas a destituição só foi revelada dois meses depois. O chefe do Estado egípcio presta todavia homenagem ao general Chazli que conseguiu transpor a linha Bar Lev. Por essa razão resolveu nomeá-lo embaixador.

PETRÓLEO

No que respeita ao comportamento dos Estados Árabes durante a guerra de Outubro, o Chefe do Estado egípcio declara: «A Líbia, ignorando a natureza da luta que estavamos a travar, interrompeu os seus fornecimentos de petróleo sob pretexto que já não faziamos a guerra. Em contrapartida, a Arábia Saudita e a Argélia continuaram o seu abastecimento, fornecendo-nos mesmo quantidades superiores à que lhes competia».

Preso um colaborador íntimo de Willy Brandt

BONA, 26 — (ANI) — A polícia criminal federal prendeu um íntimo colaborador do chanceler Willy Brandt, e mais cinco pessoas, sob a acusação de espionagem a favor da Alemanha Oriental — anunciou um informador.

Trata-se — segundo o mesmo informador — de Guenther Guillaume, de 47 anos, que foi detido juntamente com a mulher na sua residência de Bona.

Guillaume admitiu ser oficial do Exército Nacional Popular da Alemanha Democrática.

A chancelaria anunciou que Guillaume estava desde 1970 encarregado da correspondência e das entrevistas do Partido Social Democrata de Brant.

O Chanceler Federal encontrava-se de regresso a Bona depois de inaugurar a feira comercial de Hanover, quando a notícia da prisão foi divulgada. Outros dirigentes sociais democratas abandonaram o Parlamento onde se realizava um debate sobre o aborto. A fim de conferenciarem, e dirigentes da Democracia Cristã, na oposição, pediram uma sessão extraordinária para debate daquilo que comentadores políticos classificam do maior caso de espionagem da Alemanha Federal.

Guillaume chegou a chefiar a campanha eleitoral de Georg Leber, o actual ministro da Defesa.

Herbert Schuling, informador do Ministério da Defesa, declarou que Guillaume estava sob vigilância há um ano.

«A espionagem da Alemanha Oriental sofreu um rude golpe com a sua detenção» — salientou.

As detenções minam todo o noticiário da rádio e da televisão sendo projectadas fotografias de Guillaume junto do chanceler Willy Brandt, durante uma viagem ao norte do país, no mês passado, integrado na campanha eleitoral.

NOVO GOVERNO EM MARROCOS

RABAT, 26 — (ANI) — O rei Hassan II de Marrocos procedeu ontem a uma reorganização ministerial do seu Governo, que continua a ser presidido por Ahmed Osman, cunhado do monarca.

O novo gabinete inclui quatro ministros de Estado, encarregados de assuntos culturais, da cooperação e da formação de quadros, de assuntos exteriores e da informação.

A reorganização limita-se quase exclusivamente a uma alteração de postos ministeriais, sendo o mais destacado o do anterior ministro de Assuntos Exteriores, Admed Taibi Benhima, que passa a ser ministro de Estado encarregado da Informação. Como ministro de Estado encarregado de Assuntos Exteriores foi nomeado Amed Laraki, antigo primeiro-ministro e antigo presidente do serviço de fosfatos.

Liz e Burton: divórcio ou rumores

NOVA IORQUE, 26 (FP) — De acordo com rumores que correm em Holywood, Richard Burton teria recomeçado a beber durante a recente rodagem de um filme no Norte da Califórnia e teria distribuído com largueza jóias às raparigas bonitas da região.

Esta atitude teria provocado a brusca partida de Lyz Taylor para as ilhas Haway, onde se teria juntado ao seu filho.

Ao fim da rodagem na Califórnia, Richard Burton tinha sido hospitalizado devido a perturbações de origem pulmonar. Sua mulher, que regressou de Honolulu na quarta-feira, ainda não teria ido vê-lo.

Entretanto, um representante do famoso casal anunciou quinta-feira em Nova Iorque que ele tinha pedido ao seu advogado que pusesse a acção de divórcio, no cantão de Berna, na Suíça, onde tem a sua morada oficial há anos.

Waldheim: situação de urgência da economia mundial

/ NAÇÕES UNIDAS, 26 — (ANI) — Kurt Waldheim encerrou ontem os debates gerais da Assembleia Extraordinária sobre matérias primas e desenvolvimento insistindo na amplitude e profundidade dos mesmos e na quantidade extraordinária das suas propostas construtivas.

O secretário geral da ONU recordou também que o mundo esperava agora «com ansiedade» as primeiras medidas concretas que a assembleia tomara para responder à situação de urgência da economia mundial, salientando que os destinos de milhões de pessoas dependerão de tais medidas.

Waldheim defendeu a necessidade de dar «imediatamente» uma ajuda financeira e de outros tipos, aos Estados membros mais duramente atingidos pelas transformações económicas violentas e de catástrofes, assim como levar a assistência necessária às nações mais necessitadas.

O secretário geral das Nações Unidas apoiou a necessidade de incremento dos lucros dos países em desenvolvimento por meio dos seus recursos naturais e de pagamento das suas importações, e concluiu fazendo votos para que esta Assembleia continue com a mesma força e que se cheguem a aplicar políticas internacionais realistas para resolver os problemas económicos apresentados.

Com as suas palavras, Waldheim coroava uma jornada em que tomaram parte 4 países latino-americanos; a Bolívia, o Chile, Cuba e Haiti.

O Chile manifestou-se por uma cooperação mais estreita entre os países produtores de cobre. O embaixador deste país na ONU, Raul Bazan, reafirmou a inclusão do seu país no Terceiro Mundo e nos não alinhados, e expressou a sua esperança de que a sessão especial da Assembleia sirva de base de partida para uma reconstrução da ordem económica internacional.

«Deve-se diagnosticar o mal de que a comunidade mundial sofre e de encontrar o seu remédio» — afirmou por seu lado o representante da Bolívia.

O embaixador deste país perante a ONU, Júlio de Zavala, disse, que a Bolívia desejava os investimentos estrangeiros e que estava aberta a eles «porém no estrito respeito dos direitos bolivianos e com vantagens recíprocas». Raul Roa, ministro das Relações Exteriores de Cuba considerou por seu lado que os países produtores de petróleo iniciaram uma luta que ultrapassa o simples confronto comercial para converter-se numa batalha a favor de todos os povos explorados.

Cuba declarou-se completamente de acordo com as medidas adoptadas pelos países produtores de petróleo, e criticou duramente o secretário de Estado norte-americano por querer favorecer o seu país e dividir assim o Terceiro Mundo.

Um dos maiores produtores de petróleo, a Líbia, convidou exactamente os demais países em desenvolvimento a seguir o exemplo líbio, nacionalizando todos os seus recursos naturais com o fim de criar indústrias nacionais baseadas neles.

O representante permanente da Líbia nas Nações Unidas, Kamel Maghur, pediu também o reconhecimento do direito dos países em vias de desenvolvimento que produzem matérias primas à ajustar e rectificar os preços actualmente injustos que lhes são pagos pelos seus produtos».

Chade, Omão e a Bielo-Rússia também intervieram. O ministro dos Negócios Estrangeiros do Chade, Djeraibe Doralta, insistiu em que a comunidade internacional fizesse uma operação de «sobrevivência», que se impõe devido ao «nosso universo estar ameaçado por uma catástrofe».

O Chade criticou a ajuda ao desenvolvimento, acusando as potências de ligar essa ajuda a condições de segurança e estratégica economica, em Africa sobretudo para o Omão «o poder de decisão económica deve ser compartilhado por todas as nações». O seu ministro de Estado encarregado dos assuntos exteriores, Cais Al Zawawi, pediu ainda que se estabelecesse um vínculo entre preços de matérias primas e preço de produtos manufacturados.

A Bielo-Rússia insistiu, como as demais nações da Europa Oriental na relação existente entre os problemas do desenvolvimento e a busca da paz mundial. Assim o afirmou o seu ministro dos Assuntos Exteriores, Anatoly Guirnovich.

Por último, a Suiça pediu a eliminação total de todas as barreiras aduaneiras. Foi o seu ministro da Indústria, Nxumalo, que o afirmou ante a assembleia extraordinária.

Outro governo no Egipto

..CAIRO, 26 (R) — O presidente Anwar Sadate remodelou o seu gabinete, embora continuando a manter o cargo de primeiro-ministro acumulado com a presidência — anunciou a agência noticiosa do Médio Oriente.

O novo gabinete inclui o dr. Abdel-Aziz Hegazi como primeiro vice primeiro-ministro — um novo cargo. O dr. Hjegazi era vice primeiro-ministro da Economia do anterior gabinete.

O dr. Mohammed Abdel Kader Hatem, vice primeiro-ministro e ministro da Informação na administração anterior, não foi incluído no novo gabinete, sendo nomeado assistente presidencial para o Conselho Nacional.

Os conselhos nacionais de ciências e tecnologia, produção e serviços foram formados há três meses, consistindo em técnicos para ajudarem a levar a efeito programas de desenvolvimento.

O marechal de campo Ahmed Ismail continua a ser o ministro da Guerra e Ismail Fahmi conserva o cargo de ministro dos Estrangeiros.

A remodelação governamental era já aguardada há algum tempo, principalmente na esperança do país ser dirigido para a difícil tarefa de reconstrução depois da Guerra de Outubro.

O SORRISO DE CHABAN

Chaban sorri (Telefoto UPI — Telimprensa —)

bolsa de LISBOA

COTAÇÃO DE 4.ª FEIRA

FUNDOS DE ESTADO	Efect.	Compra	Venda
Cons. 2 3/4 %	–	–	430$
Cons. 3 %	–	445$	–
Cons. 3 1/2 %	–	–	–
Centenários	1.320$	1.310$	1.330$
Tes. 5 % 57	1.010$	1.000$	–
Tes. 5 % 59	–	–	–
Extern. 1.ª-s.	–	–	–
Extern. 1.ª-c.	–	:	–
Extern. 3.ª-s.	–	–	–
Extern. 3.ª-c.	–	730$	–
Caut. 3.ª-s.	–	–	160$

FUNDOS PÚBLICOS	Efect.	Compra	Venda
A. Lx. 6 %	–	850$	–
C. M. L. 5 3/4 %	1.005$	1.005$	–
C. P. 5 1/2 % 67	820$	810$	–
C. P. 5 1/2 % 68	–	810$	–
C. P. 5 1/2 % 69	–	810$	–
Corr. 5 3/4 %	–	–	900$
Metr. 5 3/4 %	–	–	890$
Tur. 5 3/4 %	–	1.005$	–
C. P. 6 3/4 %	–	970$	980$

ELECTRICAS	Efect.	Compra	Venda
G. 5 % 58	820$	–	820$
G. 5 % 59	–	810$	–
G. 5 % 62	–	–	–
G. 5 % 63	–	–	–
G. 5 % 64	–	–	–
G. 5 % 65	–	–	–
G. 6 % 67	–	–	–
G. 6 % 69	90$	–	920$
G. 7 %	1.010$	1.010$	–
H. E. A. A. 5 %	–	700$	–
H. E. C. 5 %	–	730$	–
H. E. C. 6 %	855$	855$	–
H. E. D. 5 %	710$	710$	–
H. E. D. 6 %	–	850$	856$
H. E. N. P. 5 %	–	–	–
H. E. S. E. 5 %	–	–	–
H. E. S. E. 6 %	–	–	856$
H. E. Z. 5 % 57	–	–	890$
H. E. Zêz. 6 %	–	850$	855$
N. Elec. 5 %	–	–	690$
N. Elec. 6 %	–	–	850$
Termoel. 5 %	–	680$	–
U. E. P. 5 % 60	–	–	–
U. E. P. 5 % 63	–	–	–
U. E. P. 6 %	–	–	850$
U. E. P. 7 %	–	950$	–

DIVERSAS	Efect.	Compra	Venda
A. P. T. 5 % 56	–	–	780$
A. P. T. 5 % 58	835$	835$	840$
Lisnave 6 %	–	–	–
Nitratos 60	–	–	–
Pet. 2.ª e 3.ª	–	920$	–
Sacor 7 %	990$	990$	995$
Sacor 5 % 54	–	980$	–
Sacor 5 % 60	850$	850$	–
Sid. 5 % 2.ª	–	–	700$
Sid. 5 % 3.ª	–	–	710$
Sid. 5 % 4.ª	–	–	–
Socel 5 %	–	–	–
R. Fabril 67	850$	850$	855$
R. Fabril 68	–	850$	855$

ULTRAMARINAS	Efect.	Compra	Venda
Carbonif. 5 %	–	–	620$
Rev. 5 % 57	–	–	–
Rev. 5 % 59-60	–	–	610$
Moçambique 5 %	–	–	–
Sonefe 5 %	790$	–	790$

ACÇÕES

De Bancos	Efect.	Compra	Venda
Agricultura	–	–	5.050$
Algarve	3.580$	–	3.580$
Alentejo	2.400$	–	2.400$
Angola	5.650$	–	5.650$
Borges & Irmão	8.050$	8.050$	8.100$
Crédito Predial	4.940$	–	4.940$
Espírito Santo	9.700$	–	9.700$
Fomento	4.700$	–	4.700$
F. & Burnay	104.250$	104.250$	–
Intercontinental Português	–	–	9.500$
N. Ultramarino - m.	5.800$	7.750$	–
N. Ultramarino - c.	7.950$	–	7.950$
Pinto & Sotto Mayor	14.450$	14.450$	–
Portugal - n.	7.400$	–	7.500$
Portugal - p.	8.500$	8.400$	8.550$
P. Atlântico	15.850$	15.850$	16.000$
Totta & Açores	8.600$	8.600$	–
Pinto Magalhães	8.200$	–	8.200$
Fernandes de Magalhães	–	–	6.350$

Banco Borges & Irmão

Índice de cotação das acções (Base: Dez 65=100)

	17-4-74	22-4-74	24-4-74
GERAL	306,2	292,2	285,4
METROPOL	320,6	305,1	2974
ULTRAM	200,5	197,9	197,1

De Seguros	Efect.	Compra	Venda
Alentejo	–	–	550$
Bonança	–	–	14.200$
Império	54.600$	54.600$	–
Mundial	3.760$	–	3.760$
Soberana	5.550$	–	5.550$
Tranquilidade	10.300$	–	10.300$

Eléctricas	Efect.	Compra	Venda
C. P. E. - p.	1.220$	1.220$	–
C. P. E. - n.	–	1.200$	1.210$
E. Beiras	–	1.750$	1.770$
G. Electricidade - c.	352$	–	352$
H. E. A. A.	–	–	–
H. E. N. P.	–	280$	–
H. E. S. E.	1.650$	1.600$	1.650$
U. E. P.	200$	–	200$

Ultramarinas	Efect.	Compra	Venda
Ag. Cassequel	865$	–	865$
Ag. Incomati	–	–	1.650$
Ag. S. T. e P.	–	270$	–
Aç. Angola	1.330$	–	1.330$
Alg. Angola	–	–	270$
Ang. Agricultura	–	–	715$
Boror	410$	–	410$
Boror Com.	–	–	120$
Buzi	–	–	118$
Cabinda	190$	–	190$
Com. Lobito	410$	410$	–
D. A. T. 100	–	–	–
H. E. Revuê	–	550$	–
I. do Príncipe	–	660$	–
Moçambique	540$	535$	550$
Sonefe - n.	–	450$	–
Sonefe - p.	–	450$	–
Zambézia	91$	91$	–

Diversas	Efect.	Compra	Venda
Ag. Lx. - ant.	960$	950$	–
Ag. Lx. 34	–	–	940$
Ag. Lx. 36	–	–	800$
Cel. Guadiana	–	–	5.900$
C. Leiria - p.	–	–	20.450$
C. Tejo - p.	73.350$	–	73.350$
F. Ramada	1.870$	–	1.870$
Fornos Eléctricos	–	–	–
P. Celulose	8.550$	–	8.550$
Siderurgia - p.	14.050$	–	14.050$
Siderurgia - n.	–	–	9.500$
Socel	7.050$	7.050$	–
Cidla	3.760$	–	3.760$
C. U. F.	4.120$	4.120$	–
Intar	660$	660$	665$
Nitratos	1.350$	1.350$	1.360$
Petroquímica	–	–	1.620$
Sacor	5.550$	–	5.550$
Tab. Portugal	1.720$	1.700$	1.740$
Tabaqueira	12.700$	12.700$	–
U. F. Azoto	–	–	855$
Empor	–	–	–
Ind. Aliança	–	–	–
I. P. Colónias	1.810$	–	1.810$
Nacional Navegação	–	–	2.420$
Navegação (Col.)	–	–	–
P. Pesca	815$	815-	–
Matur	–	–	2.600$
R. Marconi	1.940$	–	1.940$
T. A. P.	–	–	1.630$
Compal	855$	–	855$
Salvor	2.300$	–	2.300$
Penina	–	–	3.800$
Grão-Pará	–	–	3.040$
Lisnave	11.550$	11.550$	–
Vidago, M. & P. Salgadas	2.460$	–	2.460$

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

	Efect.	Compra	Venda
Atlântico	–	450$00	463$50
F. I. D. E. S.	–	322$10	330$80

COTAÇÕES

PAÍSES	COMPRAS	VENDAS
África do Sul. Rands.	31$00	34$00
Alemanha. Marco	9$75	10$05
América		
Dollars de 1 e 2	23$80	24$80
Dollars de 5 a 20	24$30	25$30
Dollars de 50 a 1000	24$50	25$50
Austria. Schilling	1$34	1$40
Bélgica. Franco	$62	$65
Brasil. Cruzeiro.	3$20	4$00
Canadá		
Dollars de 1 e 2	24$60	25$60
Dollars de 5 a 1000	25$30	26$30
Dinamarca. Coroa	4$00	4$30
Espanha. Peseta	$43	$46
França. Franco	5$00	5$40
Holanda. Florim	9$20	9$50
Inglaterra. Libra	60$00	63$00
Itália. Lira	$03,5	$04
Japão. Yene	$07,5	$10
Marrocos. Dirham	$	$
Noruega. Coroa	4$40	4$70
Suécia. Coroa	5$50	5$85
Suíça. Franco	8$15	8$50
Ouro		
Inglaterra. Libra Isabel	1.350$00	1.500$00
Inglaterra. 1/2 libra	850$00	1.000$00
Ouro fino. grama	140$00	155$00

televisão

HOJE

1.º Programa
1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados «TV Funnes»
13.00 Saber não faz mal
13.15 «George»
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Fim-de-semana
14.20 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo Preparatório TV
19.25 «O Diário das Fábulas»
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 TV infantil
20.00 Cartaz TV
20.25 A marcha do mundo
21.00 Caminhos de Arraiolos
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Antologia «Um Pedido de Casamento»
22.30 Telejornal — 4.ª edição
23.40 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados
20.45 Saber não faz mal
21.00 «George»
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Variedades
22.55 «Randall e Hopkirk»
23.30 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa
1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados «O Feiticeiro de Oz»
13.00 O caso da semana
13.15 «Os Garotos do 47 A»
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Hoje pode ver
14.05 Dó Lá Si
14.35 TV Educativa
15.00 Sabe quem foi Amália Luazes?
16.10 Desenhos animados «Flintstones»
16.35 Estúdio sem marcação
17.15 «Os Waltons»
18.05 Motivos de poesia
18.15 Teledesporto
18.40 Skippy
19.05 A cozinha ao alcance de todos
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 E a vida continua ...
20.00 Ensaio
21.00 Se bem me lembro
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 «Julie Andrews Show»
22.50 «Pesquisa»
23.50 Telejornal — 4.ª edição
23.35 Fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados «O Feiticeiro de Oz»
20.45 O caso da semana
21.00 «Os Garotos do 47 A»
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 «Médicos de Hoje»
22.50 Museu do cinema
23.45 Fecho

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
CVP	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Águas	36 1361
P.S.P	36 6141	Combóios	32 6222

tempo

Situação do tempo
09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava em geral pouco nublado o vento era fraco e havia neblina em vários locais.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO 13º
P. DOURADAS 9º
COIMBRA 13º
PORTALEGRE 11º
LISBOA 13º
FARO 16º
FUNCHAL 15º

TEMPERATURAS EXTREMAS

RÉGUA
Máxima **23,0º**
MONTALEGRE
Mínima **1,0º**

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Agua do mar 14,2º
Atmosfera 12,2º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
6.39	3,6 m		
18.57	3,7 m	12.13	1,0 m
Dia 27			
7.31	3,5 m	0.47	1,0 m
19.51	3,6 m	13.05	1,2 m
Dia 28			
7.31	3,5 m	0.47	1,0 m
19.51	3,6 m	13.05	1,2 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu pouco nublado por vezes muito nublado, vento fraco de Norte, possibilidades de aguaceiros.

AMANHÃ

NASCER ÀS 6.46
OCASO ÀS 20.24

DIA 29 | DIA 6 | DIA 14 | DIA 21

rádio

EMISSORA 1.º Programa

16.00 Noticiário.
16.05 Melodias do cinema
16.30 «Convívio»
18.05 Ao encontro da melodia
18.30 «Forças Armadas»
19.05 Passatempo musical
19.30 «Recordar é viver» por Maria Natália Bispo
20.00 Jornal da noite
20.30 1.º episódio do folhetim «O Ourives do Rei» de Alexandre Dumas, numa adaptação de Alice Ogando
20.50 Solos de orgão
21.00 Momento 74
21.30 Música portuguesa
22.00 Noite de teatro: — «Maria Stuart» de Schiller.
23.32 De um dia para o outro por Fernando Correia
00.00 Sinal horário.

2.º Programa

16.00 Ciclo do Barroco Italiano
16.45 Música da vanguarda
17.00 Música de cravo
17.30 O compositor da semana: George Bizet
19.00 Música e músicos portugueses
20.00 Jornal da Noite
20.30 Concerto pelo grupo vogal feminino Harmonia
20.50 Filatelia, pelo dr. Silva-Gama
21.00 Música sinfónica pela orquestra nova filarmónica dirigida por Otto Klemperar
23.00 Emissão em línguas estrangeiras
01.15 Fecho.

Programa Estereofónico — MF 2

21.00 Música ligeira variada
22.00 Música de Alban Berg e Schostakovich
23.04 Canções italianas de Hugo Wolf interpretadas pelo barítono Fischer-Dieskau e pelo sopr. Elisabeth Scharwkoff. Ao piano Gerald Moore
23.28 Música de Câmara: a noite transfigurada op. 4 (Schonberg).
24.00 Música de piano de Beethoven e Brahms
01.00 Fecho.

RÁDIO CLUBE

Onda Média

16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC
18.02 Programa Movimento
21.03 Portugal além da Europa
21.15 Música para meditar
21.30 Quando o telefone toca.
22.05 Antiquário
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Rubrica policial do inspector Varatojo
23.19 Presença do fado
23.30 No mundo aconteceu
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário Rural
07.00 Talismã

Modulação de Frequência

16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC
18.02 O nosso programa
19.04 Em órbita 1
21.02 Boa noite em FM
22.02 Clube à Gô-Gô
00.02 Em órbita-dois
01.02 Banda sonora Sonipol
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

16.00 Noticiário
16.05 Radiorama
18.00 Diálogo
18.22 Palavra do dia No final — Terço e benção da Basílica dos Mártires
19.00 (Jornal do serviço de noticiários e reportagens de Rádio Renascença)
19.30 Página 1
21.04 Meditando
21.08 Programa dos sócios
22.00 Quando o telefone toca
23.30 Esquema,
13.05 A 23.ª Hora

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

RÁDIO GRAÇA
Das 6.00 às 10.00 das 14.30 às 17.00

RÁDIO PENINSULAR
Das 10.00 às 12.00 e 19.30 às 22.00

CLUBE RADIOFÓNICO DE PORTUGAL
Das 12.00 às 14.30

RÁDIO VOZ DE LISBOA
Das 17.00 às 19.30 e 22.00 às 02.00

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO B-1
ATÉ ÀS 22 HORAS

AJUDA
Boa Hora, Rua dos Quartéis, 25 (Telef. 637777).

ALVALADE
Paris, Reinaldo Ferreira, 5-A (ao Pote de Água) (Telef. 710131); **Ideal**, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (Telef. 712803); **Neoterápia**, Campo Grande, 138 (Telef. 774682).

AREEIRO
Vera Cruz, Praça Afrânio Peixoto, 2-B (à Avenida S. João de Deus) (Telef. 724941).

ARROIOS
Oriental de Lisboa, Rua de Arroios, 215 (Telef. 45079).

BAIRRO ALTO
Labor, Rua Diário de Notícias, 81 (Telef. 323428).

BAIRRO AMÉRICA
Martins, R. Fernão Magalhães, 33 (Telef. 849448).

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Zira, Praça das Casas Novas, lote 66 (Telef. 310172).

BAIXA
Estácio, Rossio, 63 (Telef. 327067-324224).

BENFICA
Benfica, Estrada de Benfica, 676-E (Telef. 702532).

CAMPOLIDE
Central de Campolide, R. General Taborda, 17 (Telef. 680304).

CAMPO DE OURIQUE
Portírio, Rua Francisco Metrass, 59 (Telef. 663349).

CARNIDE
Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33 (Telef. 780181).

CONDE REDONDO
Davi, Rua Conde Redondo, 68-72 (Telef. 54342).

ESTRELA
Soares, Av. Pedro Alvares Cabral, 1 (Telef. 684282).

GRAÇA
Morão, Largo da Graça, 63 (Telef. 860700).

INTENDENTE
Góis, Rua dos Anjos, 12-12D (Telef. 840101).

LUMIAR
S. Tomé, Estrada do Desvio, lote 12-C (Telef. 790704).

RESTELO
Ocidental, Rua D. Jerónimo Osório, J.M.P., 3 (Telef. 610256).

SANTOS-O-VELHO
Fonfoura de Carvalho, Rua Santos-o-Velho, 12 (Telef. 662075).

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Segres, Av. Luís Bivar, 69 (Telef. 47213).

XABREGAS
Romana, R. Actor Augusto de Melo, 7-A (Telef. 383800).

TURNO B-2
(TODA A NOITE)

AJUDA
Lopes Ribeiro, Rua do Cruzeiro, 117 (Telef. 633288).

ALFAMA
Arnali, Rua das Escolas Gerais, 88-A (Telef. 863940).

ALVALADE
Gasparinho, Rua Dr. Gama Barros, 45-A (Telef. 710465). **Alvalade**, Av. da Igreja, 18-A (Telef. 712070).

AREEIRO
Onilda, Av. João XXI, 13-A (Telef. 726848).

AVENIDAS NOVAS
Cosmos, Av. João Crisóstomo, 44-C (Telef. 40592). **Universal**, Rua Actor Taborda, 5 (Telef. 44158).

BAIRRO ACTORES
Nobel, Rua Actor Vale, 53 (à Fonte Monumental) (Telef. 842152).

BAIRRO DAS COLÓNIAS
Colonial, Rua Forno do Tijolo, 40 (Telef. 841122).

BAIXA
Morão, Rua da Assunção, 17 (Telef. 321289).

BENFICA
Sousa, Estrada de Benfica, 429 (Telef. 780027-789985).

CAMPO GRANDE
(Ver Alvalade e Lumiar).

CAMPO DE OURIQUE
Ivone, Rua Silva Carvalho, 232-C (Telef. 650760).

CAMPO PEQUENO
Miranda, Campo Pequeno, 36-B (à Av. Sacadura Cabral) (Telef. 770776).

ESTRELA
Paivas e Parente, Rua de Santo António à Estrela, 96 (Telef. 66*196).

LUMIAR
Alameda, Alameda das Linhas de Torres, 201-B (Telef. 790942).

MARVILA
Marvila, Rua Direita de Marvila, 25 (Telef. 381612).

OLIVAIS
Higiene, Rua Cidade Vila Cabral (ex-Rua B, 4), lote 43, zona Poente (Olivais Sul) (Telef. 310026).

PENHA DE FRANÇA
Nova Luz, Rua Domingos Jardo, 28-A (à Avenida D. Afonso III) (Telef. 843439).

PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B-C (Telef. 720703-728395).

REGO
Pratas e Mota, Rua da Beneficência, 91 (Telef. 773728).

RESTELO
Tanara, R. Rodrigo Rainel, 3-A (à encosta do Restelo-próximo dos Moinhos) (Telef. 611814).

SANTO AMARO
Lisbonense, Rua Leão de Oliveira, 2-B (Telef. 637020).

S. PAULO
Central, Rua de S. Paulo, 108 (Telef. 320383).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miraflores, R. António Granjo, 2 (Telef. 213161).

CAXIAS
Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef. 242839).

PAÇO DE ARCOS
Pargana, Av. Eng.º Bonneville Franco (Telef. 2435147).

OEIRAS
Alcântara Guerreiro, P. Residencial dr. Augusto de Castro, Lote 10 (Telef. 2430691).

PAREDE
Grincho, Av. da República, 87 (Telef. 2471204).

S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro, (Telef. 263052).

ESTORIL
Parque, Arcadas do Parque, 3 (Telef. 260191).

CASCAIS
Misericórdia, R. Regimento 19.41 (Telef. 280141). **Cascais**, R. Conde de Monte Real-B.º Caixas (Telef. 282407).

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo, P. D. João I -Lote 146-B.º Janeiro (Telef. 932756). **Central**, Av. Cardoso Lopes, 25 (Telef. 932210). **Igreja**, P. da Igreja, 22-A (Telef. 937740). **Jardim**, Av. Conde Oeiras, loja X-1 Reboleira (Telef. 938424).

DAMAIA
D. João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (Telef. 970461).

VENDA NOVA
Nova, R. Elias Garcia, 10 (Telef. 972530).

QUELUZ
André, Av. Elias Garcia, 15 (Telef. 950043). **Queluz**, Av. Miguel Bombarda, 123-A (Telef. 951841).

CACÉM
Araújo e Sá

MEM MARTINS
Quimia, Est. Mem Martins 285 (Telef. 2910012).

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (Telef. 980456).

SINTRA
Marrazes, L. Afonso Albuquerque (Telef. 980058).

COLARES
Abreja (Telef. 299088).

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Telef. 234100).

ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Telef. 224020).

ALMADA
Silva Júnior (Telef. 278030).

BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, Est. Nacional, 174 (Telef. 224302).

BARREIRO
Pimenta, R. Cons.º Joaquim António de Aguiar, 12 (Telef. 2073443).

COVA DA PIEDADE
Louro

MOITA
Silva Rocha, P. da República, 16 (Telef. 239029).

MONTIJO
Giraldes, R. Almirante Reis, 45 (Telef. 230008).

SESIMBRA
Leão, Av. Salazar, (Telef. 229471).

SETÚBAL
Costa, L. da Misericórdia, (Telef. 22760). **Brasil**, P. do Brasil, (Telef. 24788).

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Telef. 2218580).

PORTO

7.º TURNO

SUB TURNO A

Alírio de Barros, Suc., Rua de Costa Cabral, 240; **Central**, Rua Santo António, 203; **Gomes Carneiro**, Rua de Cedofeita, 348; **Magalhães**, Rua de Serralves, 566; **Nova de Monsanto**, Rua de Monsanto, 148; **Ribeiro Júnior, Sucr.ª**, Rua Firmeza, 99-A.

SUB TURNO B

Correia, P. M. de Albuquerque, 50; **Corujeira (da)**, R. S. Roque Lameira, 1473; **Couto**, L. S. Domingos, 106; **Lapa (da)**, R. Antero Quental, 211; **Luso-Francesa**, Rua Sá da Bandeira, 140.

COIMBRA

TURNO H

Montes Clares, R. Dr. António J. de Almeida, 69 (T. 25904); **Viegas e Coelho**, R. da Sofia, 19-21 (Tel. 22089).

EXPOSIÇÕES

ARCADAS DO PARQUE — Trabalhos de Vicente Besugo (das 10 às 22 h).

BELAS ARTES — Pinturas de Fernando Fernandes e Alberto Carneiro. (das 14 às 20 h.).

BUCHHOLZ — Trabalhos de Henrique Manuel (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.).

CASA DA IMPRENSA — Óleos de Jorge Ferreira (das 16 às 21 h., excepto sábados e domingos).

CASINO ESTORIL — Obras de Margarida Vigoço (das 15 às 3 h.).

COTA D'ARMAS — Trabalhos de José Maria Santos Zoio (das 15 às 22 h.).

DA VINCI — Pintura de Zal.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS — Óleos de Fernando Falpe (das 10 às 12.30 e das 14.30 às 19 h.).

DINASTIA — «Nove Pintores de Paris» (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.).

DIPROVE — Pinturas de Regina Alexandre (das 15 às 21 h, excepto aos domingos).

ESCOLA ANTÓNIO ARROIO — Exposição de pintura e artes gráficas (das 15 às 20 h.).

FUNDAÇÃO GULBENKIAN — Trabalhos de Etienne Hajdu (das 10 às 20 h).

FUTURA — Telas de Moita Macedo (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.).

GRAFIL — Objectos e guaches de Vitor Belém (Terças e quintas-feiras, das 15 às 24 h; restantes dias, das 10 às 13 e das 15 às 20 h.).

JUDITE DA CRUZ — Trabalhos de José Vaz Vieira (das 11 às 13 e das 15 às 19 h.).

OPINIÃO — Desenhos de Renato Cruz (das 10 às 20 h).

OTTOLINI — Pinturas de Lima de Carvalho (das 11 às 13 e das 15 às 19 h.).

PALÁCIO FOZ — Trabalhos de Turgut Zaim, Coralia Forster e Acácio Miranda.

PRISMA 73 — Trabalhos de Garizo do Carmo (das 15 às 20 h. excepto domingos e às quartas-feiras das 15 às 24 h).

QUADRANTE — Trabalhos de Natividade Corrêa (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.).

S. FRANCISCO — Exposição de Gravura Internacional (das 10 às 13 e das 15 às 19 h). Encerra aos domingos.

S. MAMEDE — Óleos de Carlos Botelho (das 10 às 13 e das 15 às 20 h.).

TÁVOLA — Aguarelas de Le Corbusier (das 11 às 20 h).

cinemas

ROXI (Tel. 48560)
21.45 Estreia
(Grupo D -18 anos)
Color de Luxe Reze para que não seja verdade! A LENDA DA CASA ASSOMBRADA com Palmbca Franklin, Roddy McDowal, Clive Revill e Cayle Hunnicutt

MUNDIAL (T. 538743)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
4.ª Semana! Colorido
Barbra Streisand e Robert Redford O NOSSO AMOR DE ONTEM

CONDES (Tel. 322523/326710)
21.45 Estreia
(Grupo D-18anos)
Color de luxe. Mete medo até aos proprios profissionais O ESQUADRÃO INDOMAVEL com Roy Scheider e Tony Lo Bianco

CASINO ESTORIL (Tel. 264621)
17.00 e 21.30
(Grupo D-18 anos)
Technicolor, Panavision
O PISTOLEIRO DO DIABO com Cleant Eastwood e Verna Bloom

ESTÚDIO APOLO 70 (T. 763319)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
5.ª Semana! Technicolor
Um dos 10 melhores filmes do ano! AMERICAN GRAFFIT (NOVA GERAÇÃO) de George Lucas
Hoje às 24.00 horas O Riso da Meia-Noite (Grupo D-18 anos)
SUITE EM HOTEL DE LUXO de Arthur Miller com Walter Mathau

LONDRES (T. 731313)
21.45
Grupo D (18 anos)
Estreia
HIROSHIMA MEU AMOR
14.15, 16.30 e 18.45
Grupo D (18 anos)
Últimas
O CONVITE

ALVALADE (Tel. 717480)
21.45 Estreia
(Grupo D-18 anos)
Mete medo até aos proprios profissionais O ESQUADRÃO INDOMAVEL com Roy Scheider e Tony Lo Bianco

EUROPA
21.30 Grupo D (18 anos)
VEM A OS CABELUDOS

RESTELO (T. 610275)
21.30
Grupo C (14 anos)
Technicolor
COBRAS VENENOSAS com Strother Martin e Dick Benedict

IMPÉRIO (T. 555134)
15.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
2.ª Semana! Technicolor
Malcolm McDowell UM HOMEM DE SORTE um filme de Lindsay Anderson
Hoje
Grupo C (14 anos)
«Os Bons Velhos Tempos»
Realização de George Stevens O GIGANTE com Rock Hudson, Elizabeth Taylor e James Dean
(Metro. alameda)

ROYAL (T. 865037)
15.00 e 21.45
Grupo D (18 anos)
MATAR OU NÃO MATAR, EIS A QUESTÃO. Em complemento BANANAS

CINEARTE
21.30 Grupo D (18 anos)
O ULTIMO COMBOIO

BERNA (T. 776098)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
20.ª semana! Technicolor
TOdd-AO 35 mm
O filme de Norman Jewison JESUS CRISTO SUPERSTAR
Hoje às 00.30 horas Meia-Noite Fantastica (Grupo D-18 anos)
O HOMEM SINISTRO de Alfred Vohrer com Joaquim Fuchsberger

ROMA
Estreia às 21.30 Grupo C (18 anos) OS HEROIS com Rod Stgiger e Rossana Schssissino

ESTÚDIO 444 (T. 779095)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
28.ª Semana! Eastmancolor
O PORTEIRO Bernard Le Coq, Maureen Karwin e Michel Calabru
Hoje e amanha
00.30
Grupo D (18 anos)
«Cinema Fora de Horas»
MALTESES, BURGUESES E ÀS VEZES

POLITEAMA (T. 326305)
15.15, 18.15 e 21.45
Grupo A (6 anos)
3.ª Semana! Eastmancolor
EUSEBIO A PANTERA NEGRA

CINEMA CASTIL (T. 530194)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
2.ª Semana! Eastmancolot
SEGREDOS PROIBIDOS Jacqueline Bisset
(Parque Castil)

PATHÉ (Tel. 821933)
21.45 Estreia
(Grupo D-18 anos)
Color de Luxe. Arranjem-lhe um sarilho e ele arranja-lhes um lindo enterro. A ESPREITA DO SARILHO com Robert Hooks e Paul Winfield

MONUMENTAL (T. 555131)
15.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
3.ª Semana! Panavision Technicolor
Clint Eastwood HARRY O DETECTIVE EM ACÇÃO
18.30
Grupo B (10 anos) (Excepcionalmente)
«O Homem No Seu Tempo»
Um filme de D. A. Pennbaker EU SOU BOB DYLAN com Bob Dylan, Joan Baez e Donovan
Amanhã
00.30
Grupo D (18 anos)
Ante-Estreia
Burt Lancastre e Robert Ryan ACÇÃO EXECUTIVA

ESTÚDIO (T. 555134/5)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
3.ª Semana!
A obra-prima de Ingmar Bergman RITUAL (RITEN) com Ingrid Thulin
(Metro: Alameda)

EDEN (T. 320768)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
10.ª Semana! Eastmancolor
Cantinflas AS ORDENS DE VOSSELÊNCIAS

ODEON (T. 326283)
15.15, 18.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
As artes marciais na máxima ferocidade CRUEL VINGADOR
15.15 e 18.15
Brupo B (10 anos)
O DELICADINHO NA MARINHA

AVIZ (T. 47163)
15.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
2.ª Semana! Eastmancolor
MALTESES, BURGUESES E ÀS VEZES Yola e Artur Semedo

SATÉLITE (T. 562632)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
6.ª Semana! Color
A obra-prima de Nagisa Oshima CERIMONIA SOLENE

VOX (T. 720808)
ENCERRADO TEMPORARIAMENTE PARA BENEFICIAÇÕES

TIVOLI (T. 50595)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Technicolor
Paul Newman, Robert Redford e Robert Shaw A GOLPADA (THE STING) premiado com 7 Oscares incluindo o do melhor filme e do melhor realizador!

S. JORGE (T. 54154)
15.15, 18.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
Richard Chamberlain e Glenda Jackson TCHAIKOVSKY DEL RIO DE AMOR o célebre filme de Ken Russell

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

MARIA MATOS
21.45 (14 anos)
«A morte de um caixeiro viajante»

VILLARET
21.45 (18 anos)
«A Dama de Copas e o Rei de Cuba»

MARIA VITÓRIA
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Ver, Ouvir e ... Calar»

CAPITÓLIO
21.45 (18 anos)
«A Menina Alice e o Inspector»

TEATRO MUNICIPAL DE S. LUIZ
21.45 (14 anos)
«Sábado, Domingo e Segunda»

CASA DA COMÉDIA
22.00 (18 anos)
«Doroteia»

A.B.C.
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Com Parra Nova»

VARIEDADES
21.45 (18 anos)
«Uma Rosa ao Pequeno Almoço»

LAURA ALVES
22.00 (18 anos)
«Zoo Story»

LISBOA/Cinemas

OLÍMPIA
19.00 (14 anos)
«O Fabricante de loiras explosivas»

PARIS
21.30 (10 anos)
«A Grande Bronca»

JARDIM CINEMA
21.00 (18 anos)
«As Borboletas são Livres»

CINE MOSCAVIDE
21.00 (10 anos)
«O As Vale Mais»

SACAVÉM
S. José
21.00 (18 anos)
«Os Detectives»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (14 anos)
«Sartana mata tudo»

ESTORIL
Casino
17.00 - 21.30 (18 anos)
«O Pistoleiro do Diabo»

CASCAIS
S. José
21.30 (18 anos)
«Mulheres é comigo»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João
21.30 (18 anos)
«Casei-me por engano»

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (18 anos)
«Snac, Snac, Snac»

SINTRA
Carlos Manuel
(10 anos)
«Tarzan e as amazonas»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (10 anos)
«A Túnica»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.45 (18 anos)
«Simplesmente Revista»

PORTO/Cinemas

ESTÚDIO FOCO
21.30 (18 anos)
«Jesus Cristo Superstar»

S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«Uma Mulher Perigosa»

JÚLIO DINIS
21.30 (18 anos)
«O Porteiro»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Quando passam as cegolhas»

BATALHA
21.30 (10 anos)
«Cantinflas às ordens de Vossência»

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«40 Idade Perigosa»

ÁGUIA D'OURO
21.30 (10 anos)
Jerry Enfermeiro Sem Diploma»

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«A Máscara»

OLÍMPIA
21.30 (18 anos)
«A Rapariga Invencível»

VALE FORMOSO
21.30 (14 anos)
«A Raiva do Tigre»

CARLOS ALBERTO
21.30 (10 anos)
«O Magnífico Robin Hood» e «Matar ou Não Matar»

RIVOLI
21.30 (18 anos)
«Zorba o Grego»

COLISEU
21.30 (14 anos)
«Paixão Cigana»

COIMBRA

GIL VICENTE
21.30 (18 anos)
«Autopsia de um Crime»

AVENIDA
21.00 (18 anos)
«Projecção Privada»

TIVOLI
21.30 (14 anos)
«Jesus Cristo Superstar»

BARS BOITES — restaurantes típicos

DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13. T. 34859/365167.

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. T. 26461/264526/264596/264621/264946.

ESPADARTE CLUB — SESIMBRA. Discoteca e acidentalmente fado ou música de folclore interp. por clientes e dedicado aos turistas presentes. Encer. domingos. T. 229189.

HIPOPÓTAMO — Com Mário Simões. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T. 48384.**

SOLAR DA HERMÍNIA — Hermínia Silva, hoje e sempre. **Largo Trindade Coelho, n.º 10-11.** Encerra aos domingos. **T. 320164.**

TAMILA — Marão e s/ conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. **Av. Fuque de Loulé, 69. T. 533117.**

CACO — Dancing com música ambiente com sibular quarteto. **Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.**

RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETÁRIO DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185 1.º 2.º E 4.º
TELEF. 654531/2 3 4
SERVIÇOS TÉCNICOS:
RUA LUZ SORIANO 44
RUA DA ROSA 57
END. TEL. DIBOA TELEX 2363
LISBOA PORTUGAL

PROCLAMAÇÃO DA JUNTA DE SALVAÇÃO NACIONAL

Apresentada à Junta de Salvação Nacional, nos estúdios da R.T.P., pelo locutor Fialho Gouveia, seguiu-se a leitura ao País, pelo general António de Spínola, da seguinte proclamação:

«Em obediência ao mandato que me acaba de ser confiado pelas Forças Armadas, após o triunfo do Movimento em boa hora levado a cabo, pela sobrevivência nacional e pelo bem-estar do Povo Português, a Junta de Salvação Nacional a que presido, constituída pelo imperativo de assegurar a ordem e de dirigir o País para a definição e consecução de verdadeiros objectivos nacionais, assume perante o mesmo o compromisso de:

— Garantir a sobrevivência da Nação como Pátria soberana no seu todo pluricontinental;

— Promover desde já a consciencialização dos Portugueses, permitindo plena expressão a todas as correntes de opinião em ordem a acelerar a constituição das associações cívicas e a regularizar tendências e facilitar a livre eleição por sufrágio directo de uma Assembleia Nacional constituinte, e a sequente eleição do Presidente da República;

— Garantir a liberdade de expressão e pensamento;

— Abster-se de qualquer atitude política que possa condicionar a liberdade de eleição, e a tarefa da futura Assembleia Constituinte, evitar por todos os meios que outras forças possam interferir no processo que se deseja iminentemente nacional;

— Pautar a sua acção pelas normas elementares da moral e da justiça, assegurando a cada cidadão os direitos fundamentais estatuídos em declarações universais e fazer respeitar a paz cívica, limitando o exercício da autoridade à garantia da liberdade dos cidadãos:

— Respeitar os compromissos internacionais decorrentes dos tratados celebrados;

— Dinamizar as suas tarefas, em ordem a que, no mais curto prazo, o País venha a governar-se pelas instituições de sua livre escolha;

— Devolver o Poder às instituições constitucionais, logo que o Presidente da República eleito entre no exercício das suas funções.»

Marcelo e Tomás estão na Madeira

Marcelo Caetano e Américo Tomás estão exilados na Madeira. O último foi levado de helicóptero para a Pontinha, dali tendo seguido em automóvel para a Portela. Um avião militar transportou-o, então, ao Funchal.

Igualmente dois ex-ministros, Moreira Baptista e Silva Cunha, se encontram naquela ilha.

Spínola às Forças Armadas

O general António de Spínola, presidente da Junta de Salvação Nacional, dirigiu a seguinte mensagem às Forças Armadas:

«Aos bravos militares dos três ramos das Forças Armadas, expresso o meu agradecimento por mais este sublime acto de patriotismo a juntar a tantos outros praticados na defesa do Ultramar português e ainda pela exemplar disciplina e alta eficiência demonstradas no cumprimento da transcendente missão de que foram incumbidos a bem da Pátria. Bem hajam! Viva Portugal!»

REACÇÃO FAVORÁVEL DO TERCEIRO MUNDO

NAÇÕES UNIDAS, 26 — (R.) — Delegados das Nações Unidas seguem com grande interesse os acontecimentos de ontem em Portugal — há muito tempo alvo de várias resoluções a pedirem o termo da sua política africana e a concessão de independência aos povos em sujeição.

Não foi feito qualquer comentário por parte do embaixador de Portugal dr. António Patrício, irmão mais velho do dr. Rui Patrício que era ministro dos Negócios Estrangeiros do Governo de Lisboa. Por outro lado, nenhum dos outros membros da missão portuguesa fez qualquer comentário ao levantamento militar em Portugal continental.

Diplomatas do Terceiro Mundo acolheram geralmente com manifestações favoráveis o levantamento militar, ao mesmo tempo que permanecem cautelosos a respeito dos futuros acontecimentos na Africa portuguesa.

Alguns diplomatas exprimiram receios de que os aconteci-

WASHINGTON ATENTA

WASHINGTON, 26 — (F.P.) — O Governo americano segue de perto o levantamento militar que derrubou o Governo de Caetano. O porta-voz do Departamento de Estado, John King, indicou que o Governo se mantém em contacto frequente, por telefone, com a sua embaixada em Lisboa. Precisou que, ao que sabe, os acontecimentos em Portugal não causaram qualquer dano aos cidadãos americanos que vivem nesse país nem às instalações americanas, designadamente as da base das Lajes.

A particular atenção que o Governo americano dá ao que se passa em Portugal compreende-se melhor se notarmos que o Governo de Lisboa foi o único que se aliou aos Estados Unidos durante a última guerra do Médio Oriente, permitindo aos aviões americanos, que auxiliavam Israel, a utilização da Base das Lajes.

COMENTÁRIO DA TASS

MOSCOVO, 26 — (F.P.) — A Agência Tass deu ao fim da manhã de ontem a notícia do levantamento militar em Portugal e da intenção dos insurrectos de criar um «Conselho de Salvação Nacional».

«A crise profunda que Portugal vive — disse a agência — tem como causa principal a falência da política africana de Lisboa».

Era fácil de prever

RIO DE JANEIRO, 26 — (ANI) — O antigo governador do Estado da Guanabara, Carlos Lacerda, disse ontem à UPI que o ocorrido em Portugal era fácil de prever por qualquer pessoa que tivesse lido o livro do general António de Spínola «Portugal e o Futuro».

No dito livro — observou Lacerda — o general Spínola «delineou claramente qual será o seu programa de governo porque a comunidade mundial amante da paz e da liberdade não pode senão regozijar-se ante o fim de quase cinquenta anos de ditadura que privou de todo o direito o povo português».

Deve ser esclarecido — acrescentou o político e jornalista brasileiro, muito ligado à vida portuguesa — que o general Spínola de maneira alguma propugnou a liquidação das províncias portuguesas na África, «tendo porém prometido dar a todos os habitantes das mesmas o direito de decidir, com inteira liberdade, se desejam ou não continuar a ser parte de Portugal».

«O novo Governo português — prosseguiu o antigo governador da Guanabara — deve receber o máximo apoio de todas as democracias do mundo, por quanto significa o regresso da liberdade a essa nação tiranizada há meio século».

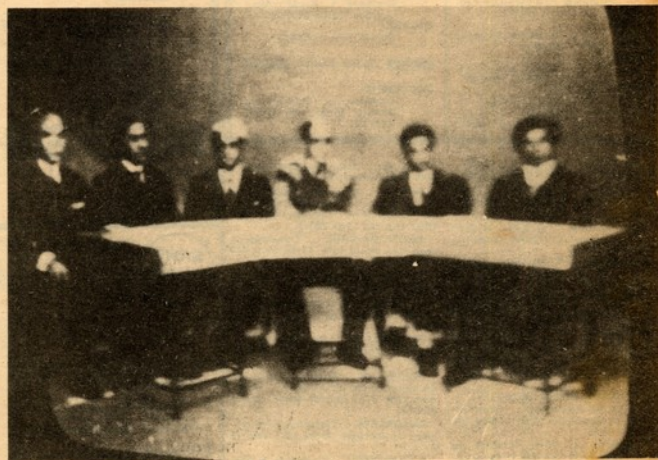
Referindo-se ao seu país, Lacerda disse que, mais do que nunca, o Brasil deve agora apoiar Portugal na construção de uma comunidade democrática mundial de fala portuguesa».

Indagado sobre se o novo gogerno português chamaria o povo às eleições, o antigo governador brasileiro destacou que «seguramente o fará quando o puder. O mais importante é que tratará de criar as condições necessárias para a livre expressão da vontade popular».

Finalmente, Lacerda desmentiu que tenha tido parte alguma na redação do livro do general Spínola, apesar dos rumores existentes.

«Infortunadamente não é assim» — afirmou Lacerda à Imprensa.

Muitos jornalistas bloqueados na fronteira

BADAJOZ, 26 (F.P.) — Muitos jornalistas estrangeiros desejando seguir para Portugal ficaram bloqueados ontem à noite na fronteira hispano-portuguesa situada entre as cidades de Badajoz (Espanha e Elvas (Portugal). A fronteira foi encerrada pelas autoridades portuguesas ao princípio da noite às 19 e 30, enquanto durante o dia todo o tráfego no sentido Portugal-Espanha decorreu de forma normal.

A Junta Militar tal como apareceu esta madrugada nos «écrans» da televisão, vendo-se da esquerda para a direita: o capitão de fragata António Alva Coutinho, o capitão de mar-e-guerra José Baptista Pinheiro Azevedo, general Francisco da Costa Gomes, General António de Spínola, brigadeiro Jaime Silvério Marques e coronel Carlos Galvão de Melo. O sétimo elemento da Junta, general Diogo Neto não se vê na foto

MUITOS SINDICATOS SÃO PESOS MORTOS - NA PÁG. CINCO

PROFESSORES MAUS NÃO SERVEM

Façam as reformas que quiserem Espalhem as escolas de norte a sul, de leste a oeste, de Lisboa a Quadrazais Construam edifícios modernos, cantinas, planos de estudo, organizem transportes fáceis, fomentem os audiovisuais e as bolsas de estudo Mandem mesmo que se democratize o ensino e tudo, que nós estaremos aqui para congratular-nos e prometemos aplaudir Ao mesmo tempo, esqueçam-se de estimular a preparação dos professores, obriguem-nos a entregar os nossos filhos a «agentes de ensino» sem qualificação real que nós estaremos aqui para contar a história do homem rico que levantou um palácio em cima da areia.

Diga-se o que se disser, é impossível fechar os olhos ao progresso dos últimos anos em matéria de investimento escolar, o que, ao contrário do que muitos sustentam não revela apenas o fosso anterior que nos envergonhava mas também o resultado de uma política educativa ao serviço do desenvolvimento do país, cada vez mais necessitado de agentes de trabalho produtivo. Como é que se vai depois distribuir o fruto dessa produção — isso é outro problema, que talvez já não seja da competência do Ministério da Educação. Isto para dizer que ao nível oficial alguma coisa se tem feito, embora se possam apontar defeitos, alguns graves até, sobretudo na maneira como não se desentopem nem se criam canais da participação.

Mas, ao nível particular, também se tenta fazer muito coisa e, quantas vezes, com uma generosidade só explicável pelo profissionalismo persistente

Convite ao debate

O ANO MUNDIAL DA POPULAÇÃO

O Ano Mundial da População está a passar quase totalmente despercebido entre nós. Parece, efectivamente, aceite que, sendo Portugal um dos países a braços com o perigo real do despovoamento, não nos atingem os riscos de degradação das condições naturais da sobrevivência humana pela iminência da superpopulação mundial.

Trata-se de pura ilusão. Primeiro, porque as causas do saldo demográfico negativo que temos vindo a registar nos últimos anos, poderão a todo o tempo, ser corrigidas pelo regresso da massa emigrada, quer devido à deterioração das condições de trabalho nas diversas partes do mundo onde se encpntra espalhada, quer pela melhoria desejável dessas mesmas condições entre nós. Segundo, porque, sendo real o ritmo de crescimento da população mundial e certo que os recursos da Terra não são inesgotáveis, só por misantropia nos poderemos considerar alheados dos problemas da Humanidade.

A convicção de que os recursos mundiais de subsistência não aumentarão em ritmo suficiente para as necessidades da humanidade que cresce, aliada à certeza de que, sem processos rigorosamente estudados, não haverá hipótese de suster o crescimento da população de forma a manterem-se inalteradas as possibilidades de vida na Terra, levou a O.N.U. a propor esta ano, ao mundo a meditação sobre a necessidade de se atingir o crescimento zero, ou seja, uma taxa de natalidade correspondente à da mortalidade.

O tema tem servido às mais desencontradas opiniões: uns crêem que qualquer tentativa de limitaçao da natalidade é reflexo de egoísmo, porquanto se procura assim impedir que «novos comensais se sentem à mesa da vida», em vez de se conjugarem esforços para aumentar as iguarias e reparti-las equitativamente; outros pensam que, a manter-se o actual ritmo de crescimento, nenhuma panaceia livrará o mundo da autodestruição próxima.

São posições extremadas, claro. Porque, se é desejável o «contrôle» científico dos nascimentos, não o é menos a equitativa distribuição das riquezas, de forma a dar-se a cada homem a possibilidade de realização total pela igualdade de oportunidades de acesso aos bens da civilização.

Estes os temas cujo debate, sempre oportuno, se nos afigura não dever ser escamoteado, minimizado ou iludido neste Ano Mundial da População, a entrar no quinto mês sem que em Portugal se tenha dado por ele.

TORQUATO DA LUZ

UM FALSO DILEMA: PRODUZIR TRIGO OU CARNE

Se o plano de fomento frutícola, como dizíamos em artigo anterior («DL» 19-4-74) teve um grande sucesso, deve-se substancialmente a três factores: aptidão natural, mercados seguros e preços compensadores e uma base de investigação e experimentação.

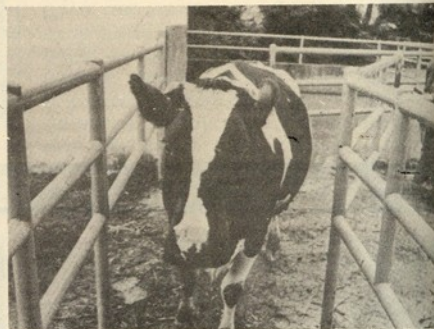
A actividade pecuária, ao contrário, conheceu diversos planos de fomento, uns promulgados, outros que voltaram para as gavetas sem grandes resultados práticos. Se há mercados assegurados, a aptidão natural para a criação de gado, como em todas as regiões mediterrânicas é fraca relativamente à densidade pecuária que se consegue obter em outros climas com chuvas bem distribuidas todo o ano e durante a estação quente.

PORQUE HOUVE UM INCREMENTO DE PRODUÇÃO

Todavia apenas uma medida foi capaz de incrementar a nossa produção de bovinos, a carne mais em falta: a elevação de preços e os subsídios à carne de melhor qualidade dos novilhos entregues nos talhos (subsídio é afinal um preço melhor ao agricultor que não pesa no consumidor e melhor se poderia chamar subsídio ao consumidor).

Desta forma evitou-se a «matança dos inocentes» como judiciosamente se chamava à entrega maciça dos vitelos aos talhos. Estes desmamados e engordados constituiam aos dezoito meses ou dois anos (consoante a precocidade das diversas raças) uma tonelagem de carne só por si quase suficiente, sem aumento dos efectivos, para acorrer ao aumento do consumo que a melhoria do nível de vida determinara. **Assim, de 1964 a 1970, o consumo duplicou, mas a produção pecuária, como resultado dessas disposições, sofreu aumento mais rápido sobretudo entre 1968 e 1970.** As importações de carne bovina que em 1967 atingiram um máximo de cerca de 32 por cento do consumo total em 1970 desceram para cerca de 6,6 por cento desse consumo, dispensando quase as importações. Mas em 1971 e seguintes, o incremento da produção caíu e o consumo aumentou voltando-se às grandes importações.

Como eram engordados esses vitelos até se transformarem em novilhos, com as vantagens indicadas acrescidas ainda de melhor qualidade e sabor da carne de novilho em relação à vitela?

Fundamentalmente com produtos e suprodutos da produção de cereais, rações concentradas e alguma pastagem natural que era possível surripiar ao outro gado. Palhas e restolhos de trigo, de milho e de outros cereais, alguns cereais e sementes imprópria para o consumo humano e como elemento forhecedor da maior parte das unidades forrageiras (as calorias nos animais) as rações concentradas cujo fabrico aumentou enormente nesse período. Ora as rações concentradas são fabricadas fundamentalmente com

cereais, (e de algumas partidas imprórias para o consumo humano), melaços, touteaux e outros subprodutos da indústria de alimentos. E aliás a forma utilizada em todos os países quando necessitam de aumentar rapidamente a produção de carne. Todavia conduz a preços de custo muito altos, dependentes das cotações internacionais dos cereais e outros componentes das rações e por isso se o preço da carne não é actualizado consoante o aumento de custo das rações, os agricultores desinteressam-se da operação e desfazem-se das vitelas directamente para os talhos.

PORQUE É POSSÍVEL PRODUZIR CARNE

Não temos suficientes contas àcerca do custo de produção de carne obtida por este processo. Conhecemos algumas que indicavam em 1968 lucros muito pequenos, se a grande empresa contabilizasse todos os encargos. Razão que talvez explique o facto dessas engordas de novilhos terem sido feitas, mesmo no Sul, em pequenas explorações de um ou dois animais apensos à casa de habitação do rural como é a engorda dos procos domésticos, sem contabilizar despesas do trabalho humano e de instalações.

Por outro lado a produção de carne se está ligada à produção de cereais própria ou alheia, está também fortemente ligada à produção do leite. São as vacas leiteiras as maiores fornecedoras de vitelos para essa engorda, como «subproduto» do leite. Fica muito caro criar vitelas de outra forma a não ser nas explorações de manadio do Sul desde que as manadas não sejam inferiores a duzentas cabeças. Em muitos países a maioria das vacas leiteiras são cruzadas com touros especializados em carne, para conseguir vitelos com melhor rendimento na engorda, reservando-se o renovo dos efectivos leiteiros às explorações especializadas em gado de boa estirpe.

OUTRAS SOLUÇÕES

Todavia não deixa de haver quem com razão, procure outras soluções para o problema. Um agrónomo dizia, com graça, em reunião recente, que importar cereais e leguminosas para fazer rações para engordar gado é quase a mesma coisa que importar carne. Importar a fazenda ou já o pronto a vestir. Ora, a procura de outras soluções data pelo menos de há um século sem que no entanto se tenha resolvido o problema na prática. Consiste em criar gado com forragens de regadio (algumas áreas dos regadios estão por aproveitar) e semear forragens nos pousios dos cereais em vez da erva nascidiça, ou nos campos em que a impossibilidade da mecanização ou as baixas produções daquelas levou ao abandono da sua cultura.

Temos assim um grande **potencial da produção pecuária.** Desde Alexandre Herculano, Oliveira Martins e Ezequiel de Campos que o problema é formulado, atribuindo-se ao não aproveitamento desse potencial às mais diversas (e disparatadas) causas e não aquela que é a real: os custos de produção são demasiado elevados para os preços praticados entre nós e no mundo.

A nossa investigação agronómica tinha antes de tudo de encontrar um esquema de exploração pecuária com essas bases (cultivo de forragens de sequeiro e regadio) que fosse económico. A partir daí poder-se-ia pensar então em fomento pecuário. Pensamos já ter dado ideia aos leitores há tempos e em pormenor, dos erros de palmatória que se tem vindo a cometer desde o cultivo e estabelecimento de campos e divulgação de forragens sem o apuramento de resultados económicos até à elaboração de sucessivos planos (?) de fomento pecuário. Com essas falsas bases são mais «desejos» de fomento pecuário de que outra coisa. Havia até um que apelava para os bons sentimentos dos agricultores no sentido de produzirem carne que fazia tanta falta a Portugal.

OUTRO «DESEJO» DE FOMENTO PECUÁRIO

O mais recente desses planos em projecto já divulgado pelos agricultores mais evoluídos não deixa de os alarmar. Datado de 1972 (enquanto o seu corolário, o plano de investigação é datado de 1973, mostrando só por isso o erro de planeamento) começa pela afirmação disparatada de que não há incremento da pecuária por causa da protecção à cultura do trigo o que desvia a atenção dos agricultores dos «benefícios» daquela actividade. Se ao menos as pessoas que redigem planos de fomento pecuário tivessem um elementar conhecimento do campo, verificariam que a nossa pecuária existe com a expressão actual porque se pratica a cultura cerealífera.

Sem ela as terras eram matagais só próprios para cabradas ou vacadas bravas com pouca densidade por unidade de superfície.

Apenas conhecemos dois esforços meritórios para determinar preços de custo de gado criado com forragens de regadio e sequeiro. Um de uma em-

FORMAÇÃO PROFISSIONAL AGRÍCOLA

A Junta de Colonização Interna continua a fazer cursos de agricultura. Ora os Cursos de Empresários Agrícolas (C.E.A.) são absolutamente necessários mas em outros moldes. Aprende-se muita doutrina, muita teoria, mas que não assenta sobre bases sólidas, sobre um resquício de formação profissional e sequer de formação humana. Nos outros cursos ainda se aprendem algumas coisas proveitosas para o progresso da exploração, se bem que, teimamos em dizer, se devessem aprender muitas mais. Estes cursos deviam decorrer nas próprias explorações e em zonas restritas com características comuns de solo, clima e potencialidades. Assim os cursos seriam autênticas missões junto dos mais interessados e do meio onde estivessem inseridos. Estes cursos deveriam ser precedidos por um estudo sério, na região de influência, de tudo o que facilitasse no futuro, a dimensão das explorações, as opções culturais a fazer, os estudos de irrigação ou de drenagem aconselháveis, as vias de acesso necessárias e muitas mais coisas.

Os cursos de formação agrícola têm falhado porque não têm sensibilização prévia nem são acompanhados de apoio técnico posterior

É imperioso encontrar-se uma política agrícola regionalizada para se saber as metas a atingir, nas diferentes regiões, e dar um objectivo concreto aos empresários que frequentassem tais cursos. Claro que, neste momento, não se pensa nisso nem se topam quaisquer experimentações que mostrem seguramente o que fazer no futuro. Atacar as coisas pela rama é normal e ser-se paladino do futuro com alicerce real custa e exige muito saber, disponibilidade e doacção total à causa rural esquecendo o risco da previsão. O argumento de que os cursos realizados no próprio local saem mais caros não convence. Basta termos em conta as despesas efectuadas com deslocações e estadias em hotéis. O argumento só pode ser outro: **dificuldade em conseguir técnicos que se disponham a sair da cidade para irem fazer cursos por esse Portugal além.** Ora, entendem os lavradores que a **iniciação e até os novos graus devem ser feitos nas terras deles, na ecologia própria.**
Porque teimam os chefes dos respectivos serviços em remar contra esta corrente? Por outro lado cremos ver uma preocupação demasiada em justificar as estruturas existentes (os Centros) e apresentar números de cursos e de estagiários.

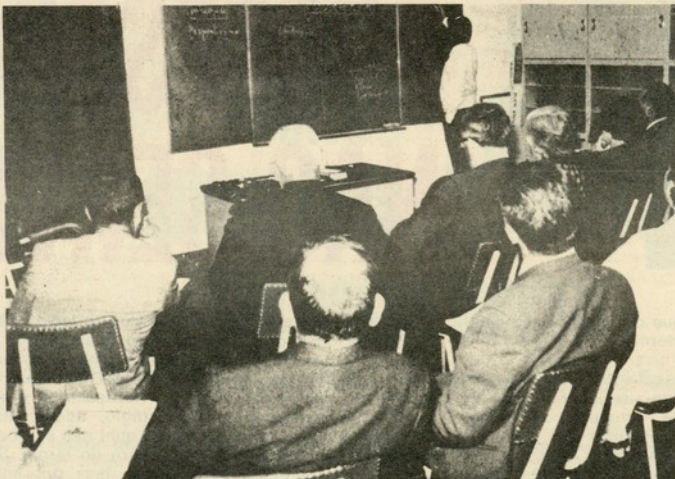
CURSOS DESADAPTADOS

Nestes cursos quiseram aplicar, sem mais delongas, a metodologia francesa, mas não tiveram o cuidado de fazer as devidas adaptações, de acordo com o nível da massa empresarial de lá e de cá... Qual será a rentabilidade da aprendizagem nos Cursos de Empresários? Que inovações fizeram nas explorações? Qual a produtividade do capital investido nesses cursos? E esse capital não é tão pouco como isso...

Qualquer dos cursos exige este conjunto de princípios base: prémentalização, recrutamento criterioso, adaptação do programa ao caso específico, acompanhamento no pós-curso, localização na região do estagiário e usando tanto quanto possível a própria exploração.

A condição essencial, ainda anterior a qualquer destas, é a preparação adequada do pessoal docente. Para dar **formação** não bastam técnicos quaisquer. Além de **profissionalmente sabedores**, exigem-se **pessoas integralmente válidas**, que saibam ensinar, que se devotem ao ensino, com forte sentido dos outros e do bem comum, sendo os centros dirigidos por técnicos superiores.

Os Cursos de Telepromoção Rural, foram uma falência de tal ordem que tiveram que acabar. Também se tentou transplantá-los da versão francesa mas não se soube. Estive em França e vi como se faz telepromoção rural. O maior número de centros de telepromoção era dominado pela Jeunesse Agricole Catholique, e a «coisa» andava, funcionava.

Cá, esses cursos nasceram, nem se sabe bem se na J.C.I. se na telescola, mas a colaboração deteriorou-se e findou. Enfim, findaram, porque tinham que findar mesmo. Depois do que vi, nas cartas que me endereçaram alguns dos frequentadores desses cursos, e do que ouvi deles, creio que foi melhor acabá-los. Nada daquilo que devia ser feito a tempo e horas estava a ser respeitado, e foi pena, pois que pela sua essência podiam ser uma interessante forma de formação dos nossos lavradores. Mas nasceu no signo da confusão. Para além do método não ter sido aplicado, aconteciam demoras escusadas na entrega aos lavradores da documentação escrita e preparatória das sessões. Como remate a preparação dos animadores não satisfez. Mas os cursos acabaram e, portanto, deixemo-los em paz.

Ainda que aparentemente nada tenha a ver com a Formação Profissional Agrícola, não se pode separar da actuação desses cursos o aparecimento e trabalho das chamadas **Brigadas de Sensibilização das Populações Rurais**, com uma das quais trabalhámos durante algum tempo. Só um trabalho em profundidade interessa iniciar, encontrando os problemas, sensibilizando as pessoas para eles, fazendo-as reflectir e encontrar soluções a contento das populações. Mais uma vez fazemos notar a preparação dos seus constituintes, lembrando que a admissão de pessoal é da responsabilidade dos chefes e se ele não presta...

Uma coisa é certa, não vale a pena que saiam brigadas para trabalharem com tempo limitado como foi o caso daquela que esteve na Murtosa e a que dei apoio. Estiveram horas junto dos ex-estagiários dos Cursos de Iniciação Agrícola, mas isso não adiantou nada ao seu saber ou à resolução de problemas. De tudo isto deram conhecimento ao chefe da Brigada, (um homem competente, isso não estivesse em causa).

UM «AVISO PRÉVIO»

É do conhecimento público que vai ser posto um «aviso prévio» à Assembleia Nacional sobre este assunto. Para quê um «aviso prévio» sobre uma actividade que está a nascer (não falamos nos cursos feitos desde longa data e estritamente técnicos) e de que só lamentamos tão deficiente princípio? O problema está a nível executório e não achamos necessidade de ocupar os parlamentares com essa questão. O que interessava era que o Governo fizesse crescer entre boas mãos esta importante actividade, pondo nos lugares de chefia os técnicos competentes, que os tem com toda a certeza. Quanto à alínea em que o sr. Deputado afirma «que os quadros não sejam constituídos por técnicos de serviços já existentes», só perguntamos: um bom técnico, sabendo o que quer e o que está a fazer, faz-se numas poucas horas? Porque não tirar partido da experiência de alguns experimentaods e conscientes que estão naqueles serviços?

SÉRGIO FONSECA

PROFESSORES MAUS NÃO SERVEM

Continuação da página um

de grupos de professores que deste modo redimem o prestígio de uma classe adormecida e já descrente da sua fundamental missão na sociedade. Os exemplos vêm dos mais variados sectores. No últim número da «Revista de Pedagogia» lança-se a ideia da fundação de uma Sociedade Portuguesa de Professores (sic), «em moldes semelhantes à já existente Sociedade Portuguesa de Escritores». No mesmo número a revista notícia os esforços empreendidos por um grupo já numeroso de educadores (pais, encarregados de educação, e professores) que se propõe criar uma «Associação Portuguesa de Educação» com o objectivo de estudar problemas relativos ao ensino e educação em Portugal. Outra revista mais conhecida, «O Professor», dedicava também o seu número de Dezembro passado ao debate sobre a criação de uma eventual «Associação dos Professores» que os representasse colectivamente. Conhecem-se também os esforços dos professores do ensino particular e até de elementos do próprio Grémio no sentido da promoção docente, perante problemas tão graves que não se sabe quais sejam os mais urgentes.

Tanta associação... mas o que é isto? Afinal não existem associações a mais, existem dificuldades a mais e força a menos.

Não nos cabe enunciar sequer todas as questões que importa resolver para que o ensino em Portugal esteja à altura das suas responsabilidades. Que o faça quem para isso tem mais competência, a começar pelos próprios professores que são aqueles que mais experiência colheram dos problemas e das necessidades. Limitamo-nos por isso a apresentar algumas transcrições de trabalhos publicados no último número da revista «O Professor» abordando a formação dos professores e os estágios pedagógicos.

COMPETIR E ESPIAR

Logo no primeiro depoimento, um professor provisório do Ensino Técnico fala do medo dos estágios, que afastaria muitos de a ele se lançarem. Sacrifícios monetários, cansaço físico, desgaste psíquico e frustração perante a impossibilidade de aplicar novidades aprendidas, «violências de personalidade com tendência para reduzi-la a autómato» e «numerosas assistências de juízes construtores mas também destrutores».

Significativo, por ser da autoria de uma metodóloga, é o depoimento da professora D. Maria Helena Albergaria, que reconhecendo o estágio como «um passo no caminho de formação profissionalizante», aponta as suas limitações, sobretudo a pressa com que eles se processam (oito meses e alguns dias, seguidos do precipitado Exame de Estado, um mês depois) tornando-se deste modo impossível a criação de quatro momentos psicológicos fundamentais, a saber: o da documentação e informação, o da opção, o do exercício e o da conclusão.

Para o professor Boaventura Reis, o estagiário está sujeito a uma contradição flagrante, na medida em que a missão de professor implica iniciativa, responsabilização e criatividade, valores estes que se encontram ameaçados pela orgânica do estágio. Efectivamente, na mira de conseguir uma classificação suficiente (que vai ser definitiva), o professor estagiário é levado a cair na tentação de integrar a sua lição dentro dos planos (entenda-se também: dentro dos princípios) que sabe serem importantes para as entidades que o vão fiscalizar (o assistente pedagógico, o metodólogo, o reitor, os metodólogos itinerantes, todos investidos na missão de juízes do trabalho do espiado estagiário).

As razões de queixa vêm de todos os lados, não há dúvida, mas o que se põe em questão não é o princípio do estágio mas a forma como se encontra estruturado. Assim, a professora Ofélia Duarte Carvalhão, depois de vincar a necessidade e as finalidades pedagógicas do estágio, acrescenta: «Os estágios são condição sem a qual não se pode ser professor, no sentido verdadeiro do termo. Se têm falhado, não é por existirem, mas por falta de estruturação adequada. É esta estruturação que deverá a meu ver ser revista, estudada e organizada, de molde a poderem ser alcançadas as finalidades expostas».

Por sua vez, três professores estagiários do liceu acentuam o vício do espírito competitivo e a completa ausência de cooperação entre estagiários e metodólogos.

CONTRA A MARÉ

Sem negar estas falhas, antes pelo contrário, um grupo de estagiários de Coimbra procurou soluções possíveis durante o estágio de 1972/73, convencidos de que **«as condições que enformam o estágio, não sendo um fruto directo da vontade dos estagiários, encontram todavia neles, individualmente tomados, a melhor base para a sua legitimação».** Vale a pena assinalar um pouco da sua experiência relatada no mesmo número da revista a que nos referimos. Através da reflexão em grupo, os estagiários procuravam evitar que o estágio correspondesse a uma lavagem ao cérebro e que fosse vencida a fatalidade implícita em reacções muito comuns e que se resumem no desabafo «o que é precio é chegar ao fim».

Assim, a partir de um primeiro encontro aberto, em que participaram 30 estagiários, foram organizados quatro grupos de trabalho. Num segundo encontro, foi possível reunir 88 participantes (incluindo alguns assistentes pedagógicos e metodólogos). Das conclusões aprovadas salientamos as seguintes: **«A manter-se a estrutura do estágio dentro da perspectiva que os indicadores consagram, dificilmente se evitará percorrer caminhos cujo único sentido seja a base se soluções meramente administrativas, perante as quais o estagiário, burocraticamente dirigido, mal chega a aperceber-se do seu papel de agente e vítima do processo».**

Sobre a mecânica da classificação e as suas consequências antipedagógicas, diz o grupo: **«O nosso depoimento sobre os reflexos negativos do estágio pode e deve ir mais além. Deve ir até ao desmascaramento do seu estilo competitivo, que nos aparece como um dos grandes factores de desagregação da classe docente».**

No final da reunião foi aprovada uma proposta, de que se deu conhecimento ao M.E.N. e aos directores-gerais, nestes termos:

«Discordando em absoluto do estágio nos moldes actuais, pelo que de negativo ele possibilita, nomeadamente:

1 — **espírito competitivo que distorce a verdadeira natureza do esforço;**

2 — **incidência desastrosa sobre o corpo de professores, enquanto comunidade;**

Propomos — **aliás dentro de uma visão repetidamente invocada pelo Ministério da Educação Nacional** — que:

1 — **o estágio seja substituído por uma estrutura efectivamente humanizada, consagrando-se nela expressamente o trabalho de grupo;**

2 — **a classificação quantitativa seja substituída por uma de tipo qualitativa, traduzida em termos de «apto» e «não apto»;**

3 — **seja abolido o Exame de Estado;**

Sem participação activa de professores e de alunos, não há educação possível

4 — **sejam criadas condições de reciclage[m] no sentido de uma valorização permanente do pro[fessor];**

5 — **sejam alargados os quadros».**

Referem-se depois as diligências infrutífera[s] que o grupo efectuou junto das instâncias superio[res] e, finalmente, aponta-se uma reflexão sobre a[s] condições que devem presidir ao funcionament[o] dos grupos de trabalho, para que deles possa resul[tar] o proveito desejado.

ESTÁGIO E FORMAÇÃO PERMANENTE

Para quem analisa de fora esta questão do[s] estágios e do Exame de Estado, há umas tanta[s] verdades que ninguém contesta. Em primeiro luga[r] o professor, como outro qualquer profissional, preci[]sa de estar preparado para conduzir aulas participa[]das e criativas. Ora isto não está assegurado pel[a] simples passagem pela Universidade, ainda por ci[]ma nas circunstâncias que se conhecem. Um bo[m] universitário não será necessariamente um bom pro[]fessor, precisa de preparação profissional e de u[m] desenvolvimento humano que a Universidade po[r] si só não pode dar. Daí reconhecer-se a necessida[de] de absoluta de uma formação permanente, que facul[]te aos professores a aprendizagem (não apena[s]

ógica, pois não se percebe como se se pode
r a pedagogia a uma espécie de tecnocracia
sino...) e a possibilidade de analisarem cons-
nente o seu papel e as suas actuações em
nto com a realidade (a escola, a sociedade
lunos).
arece portanto que em princípio os estágios
ecessários. O ponto que se discute é a maneira
eles se processam e o feixe de questões
s estágios não resolvem. Ainda que os oito
de estágio fossem estruturados da melhor
ra, subsistiria sempre a dura realidade do
dia na escola: como aplicar as técnicas ade-
s de aprendizagem pernnte turmas amontoa-
m salas sem condições, sem material, sem
pação livre dos alunos sem tempo para prepa-
conveniente, etc, etc?
depoimentos dos professores, retira-se além
desejo de consciência profissional, a firme
ção de que só uma formação continuada, em
liberdade e em clima de exigência, assegura-
ssibilidades de aperfeiçoamento mínimo dos
ssores. Mas nada disto é suficiente. Mantêm-se
oblemas fundamentais, à volta do papel do
sor na Sociedade e nesta sociedade. Probel-
que não podem resolver-se através de uma
a mas por todos os cidadãos, a começar
professores, pelos alunos e pelos pais.

A. R.

"MUITOS SINDICATOS São pesos-mortos"

Afirma o Secretário da Corporação da Indústria

O secretário-geral da Corporação da Indústria afirma, num artigo publicado no Boletim da Federação Nacional dos Industriais de Moagem, que há em Portugal um número exagerado de sindicatos, «muitos dos quais, impedidos por manifesta falta de meios de exercerem a sua acção, constituem verdadeiros pesos mortos sem qualquer utilidade».

Em 1969, havia 325 sindicatos. O número médio de trabalhadores por sindicato era de cerca de 4300. Mas apenas 76 sindicatos possuíam um número de sócios igual ou superior àquela média. A reduzidíssima massa associativa da grande maioria dos sindicatos é ainda evidenciada pelo facto de 8 sindicatos, ou cerca de 2,5 por cento do total, abrangerem 36,4 por cento dos trabalhadores susceptíveis de serem sindicalizados.

O secretário-geral da Corporação da Indústria, dr. Basílio Horta, considera que este estado de coisas não é saudável para a contratação colectiva, «pois que ele está na base da pulverização das convenções, geradora de graves anomalias na gestão das empresas e fonte de injustificáveis desigualdades no tratamento dos regimes de prestação de trabalho».

Será legítimo inferir que a excessiva pulverização da estrutura sindical, além de lesar a defesa dos interesses dos trabalhadores, começa a causar prejuízos às próprias empresas,

O alargamento do âmbito sindical pela via administrativa, através da emissão de portarias, não se afigura ao secretário-geral da Corporação da Indústria processo de solucionar este problema. E também se mostra céptico quanto ao alcance real do Decreto-Lei n.º 390/72, primeiro estatuto iurídico das federações e uniões dos sectores secundário e terciário e tentativa de correcção das distorções da estrutura corporativa de base, através do melhor dimensionamento das organizações intermédias.

No dizer do secretário-geral da Corporação da Indústria, a alteração da actual situação, em tempo útil, exigirá um trabalho de base que ponha em causa os princípios informadores da estrutura sindical portuguesa: «Seria um campo de eleição para uma colaboração íntima e actuante da administração com os interessados, que são os trabalhadores, mas também com as entidades patronais que igualmente são afectadas pelo actual sistema de organização sindical».

Do trabalho conjunto da administração, dos trabalhadores e das entidades patronais resultaria a fixação de critérios verticais ou horizontais de integração sindical, consoante a natureza dos sectores, as características das profissões e a vontade dos interessados. Definidos os critérios da integração sindical, seria estudada a sua dimensão territorial, tendo em conta a importância das actividades, sua localização e critérios de desenvolvimento regional e de ordenamento do território.

Por fim, o secretário-geral da Corporação da Indústria afirma que «a transposição para sede legislativa das orientações assim traçadas não poderia ser encarada como uma ingerência do poder estatal na vida dos corpos intermédios», pois se trataria apenas «de os dotar de estruturas e consequentemente de meios que os tornassem aptos a prosseguirem com autenticidade as finalidades que lhes estão cometidas».

A CONTRATAÇÃO COLECTIVA

No mesmo artigo, o secretário-geral da Corporação da Indústria fornece algumas informações pertinentes sobre o atraso da regulamentação do trabalho em Portugal. A nossa primeira convenção colectiva foi celebrada em 1919, entre as empresas jornalísticas e a Federação Portuguesa de Trabalhadores do Livro e do Jornal, após numerosas greves.

Em 1913, a Alemanha já contava 12.369 convenções colectivas, abrangendo 1 milhão e 800 mil trabalhadores.

O Estatuto do Trabalho Nacional, fundamento da organização corporativa, foi promulgado em 1933, Mas só catorze anos depois, em 1947, as convenções colectivas foram dotadas de um estatuto legal específico, estatuto que já existia na Holanda desde 1907, na Alemanha desde 1918 e em França desde 1919. E só depois de 1969, com a publicação do Decreto-Lei 49.212, viria a verificar-se uma dinamização na celebração das convenções colectivas, cujo número sobe de 43 em 1968, para 146 em 1971.

O secretário-geral da Corporação da Indústria afirma que até 1960 as organizações sindicais estavam dispostas, na maior parte dos países, a agir em comum com o Estado e, frequentemente, com as entidades patronais, no sentido de se obterem taxas satisfatórias de crescimento económico através do mútuo comprometimento dos factores produtivos. Porém, a partir de 1960, por todo o lado se multiplicam os conflitos de trabalho e se modifica a estratégia sindical. As próprias entidades patronais são afectadas pela modificação do clima social: «Os empresários, objecto de ataques constantes no plano ideológico como representantes do sistema capitalista, já não se encontram tão srguros como há alguns anos do papel que lhes cabe desempenhar na sociedade. Frequentemente, nas mesas de contratação colectiva eles não sabem como reagir e defender a sua posição. Assim, por exemplo, constata-se uma enorme relutância em utilizar a expressão «lucro» e em raciocinar com base neste critério ainda que sob uma óptica distributiva. Prefere-se sistematicamente falar em «custos» e não há qualquer esforço em convencer os representantes dos trabalhadores e o público de que as empresas devem realizar lucros, pois estes, desde que lícitos, são garantia do progresso económico e social no futuro».

Desta modificação do clima das relações entre o capital e o trabalho infere o secretário-geral da Corporação da Indústria, o que não deixará de surpreender, que «o andamento corporativo se poderá mostrar apto a enfrentar, agora e no futuro, a melindrosa problemática que no vasto campo das relações laborais se lhe depara, desde que aceite, em tempo útil as modificações de estrutura e os ajustamentos de acção que as necessidades sociais em permanente movimento, lhe hão-de impor.»

UM FALSO DILEMA: PRODUZIR TRIGO OU CARNE?

Continuação da página dois

presa privada ligada ao comércio de produtos agrícolas e outro de um organismo oficial constituído por um grupo de agrónomos portugueses e alemães o CEATA (Centro de Experimentação e Ajuda Técnica à Agricultura) que recentemente conseguiu determinar preços de custo dos novilhos engordados com forragens de regadio. Esses preços embora superiores, já se aproximavam dos preços praticados no mercado o ano passado e estão abaixo dos preços actualmente praticados embora entretanto os custos se tenham agravado. Trabalho meritório, feito com poucos meios, com áreas muito reduzidas cedidas numa propriedade da Junta de Colonização Interna, não se sabendo porque um organismo tão útil não dispunha ao menos de toda a restante área dessa propriedade, onde não se faz positivamente nada.

Na cultura do sequeiro, fomos todos «intoxicados» por uma forragem importada da Austrália (o trevo subterrâneo) ao que dizem de origem portuguesa e levada de cá pelos australianos.

Há cerca de oito anos que dura a sua divulgação sem que, no entanto, os seus divulgadores tivessem feito aquilo que realmente interessava: o estudo da rendabilidade do seu estabelecimento nos solos mais pobres para que ele está teoricamente destinado.

Se este trabalho tivesse sido começado, há anos, bem como os trabalhos do CEATA que deveriam ter sido iniciados logo que há cerca de 18 anos se programaram os novos regadios do Sul para a exploração pecuária, já dispunhamos de elementos seguros. Mesmo que se tivesse chegado às mesmas conclusões — preços de custo superiores aos preços praticados — o resultado já era positivo, e permitiria estudos posteriores de aperfeiçoamento das técnicas de maneio e cultura de forragens no sentido de baixar os custos e ao mesmo tempo chegar a conclusões acerca dos preços de garantia a práticas e da sua vantagem ou não consoante o seu montante.

UM NOVO «PLANO»

Que tem este novo plano (?) de especial para alarmar alguns agricultores além da inversão de termos, isto é, a investigação depois do fomento?

Substancialmente parte do princípio de que é viável economicamente a cultura de forragens em vez do pousio alternando com o trigo nos bons solos e em exclusivo nos solos maus, combinado com cultivo de regadio até se voltar à introdução de cultura cerealífera depois de aumentado o nível de fertilidade.

E prevê o estabelecimento de um «Projecto de Produção Animal» com financiamento aos agricultores que voluntariamente adiram a esse projecto em número calculado em 792, cobrindo uma área de 300 000 hectares ou sejam cerca de 17 por cento da área potencial, todos a sul do Tejo. Prevê-se também para o Noroeste (Minho) a «adesão» de 34 explorações abrangendo uma área de 1014 hectares.

Os modelos de exploração bem como os rendimentos foram estabelecidos teoricamente, sem qualquer base experimental

O plano de investigação de pastagens, forragens e produção animal, vindo um ano depois da mesma origem que o plano de fomento (o Gabinete de Planeamento de Secretaria de Estado da Agricultura), projecta por assim dizer, a unificação num só organismo deste tipo de investigação (o que não estaria mal) prevendo em vinte anos um dispendio de cerca de 800 mil contos, perfeitamente compatível, aliás, com as nossas possibilidades financeiras.

Todavia o principal defeito desse plano, quanto a nós é a sua excessiva ambição. Quer saber «tudo» desde as adubações de pastagens até à comparação das diversas raças nos seus diversos comportamentos e vocações e talvez por isso não se chegue a saber nada, porque assusta a nossa administração pública. Os agricultores, estamos certos, apreciaram mais um programa de investigação menos ambicioso — em muitos casos bastaria o reforço de verbas e outros meios aos poucos organismos que trabalham bem — que não «assustasse» tanto a nossa administração e trouxesse ensinamentos e elementos verdadeiramente úteis.

JOSÉ HIPOLITO RAPOSO

...ses desenvolvidos não fizeram suficiente investimento ...gico na produção de alimentos, ao contrário do que ...ceu com o progresso industrial. Daí a redução dos «stoks» ... alimentos em todo o mundo e o alastramento da fome

— Se queres acompanhar a taxa de inflação tens de trabalhar mais depressa!

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10766

...ZONTAIS:

1 ...ssoa perversa, bárbara ...orante ou sovina. Passa ...da em jejum (Gír. Bras.).
2 ...imai. Artigo definido. Desordem (fig).
3 ...uto da nogueira. Médico ...namarquês que recebeu o ...émio Nobel da Medicina ... 1943. Larva das feridas ...s animais.
4 ...nhor. Loucas. Crómio (s.q.).
5 ...dade da Suíça. Colhei.
6 ...urros.
7 ...ntão. Forma antiga de ...ra (deserto).
8 ...avidade (fig). Olé.
9 ...gora. Prefixo que designa ... Ente.
10 ...me de flor. Prefixo de negação.
11 ...tigo definido. Despido. ...rmonia.

VERTICAIS:

1 Fatigas. Habito.
2 Nome de fruto. Simples.
3 Arranja. Vielas.
4 Zomba. Lento. Prefixo de privação.
5 Da côr do ouro.
6 Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho. Artigo definido. Unidade monetária do Japão.
7 Colorir.
8 Língua antigamente falada ao sul do rio Loire. Nota musical. Rado (s.q.).
9 Título honorífico na Índia. Singulares. (fig).
10 Energia. Renque de árvores.
11 Guarneceria de asas. Rio da Toscana.

...lveu completamente este problema? ...ure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6924

...ZONTAIS:

1 ...ultas. Cabelos brancos.
2 ...chara as asas para des... mais depressa. Palavra ...na pela qual começam ...itos documentos pontifí...os de interesse para Portugal. Estrépito de desmoronamento.
3 ...sis. Uma das cinco partes do Mundo.
4 ...minha aos saltinhos.
5 ...esse lugar. Cidade do antigo Egipto. Aqui.
6 ...gora. Abaixas.
7 ...tiga capital da Birmânia. ...ete.
8 ...loração. Antes do meio ...a.
9 ...a santidade. Xaile das mulheres indias e parses.
10 ...recção. Cálcio (s.q.). ...a!
11 ...carquilharam.

VERTICAIS:

1 Césio (s.q.). Animal doméstico. Um dos estados do Pará.
2 Camareira. A Pérsia. Grande ribeira da Ásia Russa.
3 Ponta de verga. Alcança com a vista.
4 Cidade de França. Tostar.
5 Freguesia do concelho de Ponte de Lima. Uma das esposas de Jacob.
6 Prendam. Fértil.
7 Apura (fig). Átomo.
8 Manhosos.
9 Seguia. Neon (s.q.). Prefixo que designa ar.
10 Arcaico. Uniria por casamento.
11 Transpiraras. Dão mios.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10765

HORIZONTAIS.

1 Cantar. Cabe.
2 Abais. Lapas.
3 Piores. Naus.
4 Rã. Ar. At. Sa.
5 Tristes.
6 Cr. Arasse.
7 Chias. Sim.
8 Copo. Eça. Só.
9 Rara. ATA.
10 Cascata. ONDE.
11 Em. Serrai.

VERTICAIS.

1 Capri. Cc. Ce.
2 Abia. CHORAM.
3 NÃO. Tripas.
4 Tirar. Aoros.
5 Asarias. Até.
6 Sr. Ar.
7 Atasca.
8 CANTES. Atoa.
9 Apa. SSS. Ani.
10 Baús. Eis.
11 Essas. Morem.

...vérbio: ONDE CHORAM NÃO CANTES.

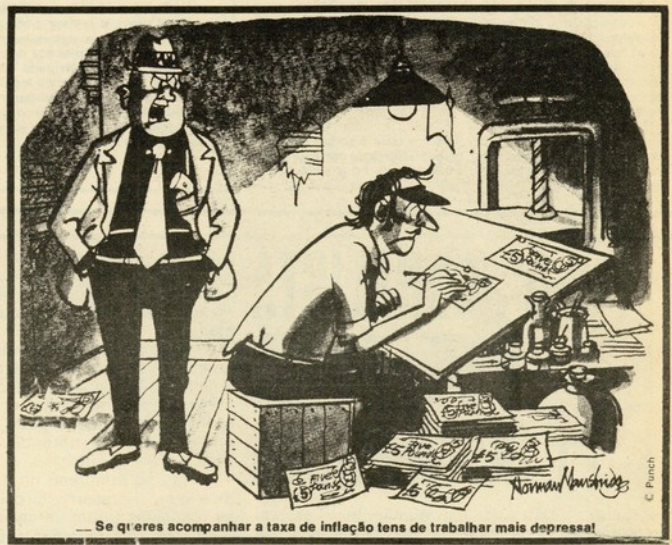
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6923

HORIZONTAIS:

1 Masca. Cassa.
2 Arei. Sias.
3 Nem. Cem. Mós.
4 Ha. Carmo. Sa.
5 Ramalho.
6 Sairas. Mit.
7 Mar. Coo.
8 Sm. Samos. Br.
9 Um. Dor. Moi.
10 Agora. Trela.
11 Ceres. Sãs.

VERTICAIS:

1 Manhosas. AC.
2 Área. Muge.
3 Sem. Rim. Mor.
4 Cl. Caras. Re.
5 Camaradas.
6 Geras. Mo.
7 MML. Corta.
8 Ás. Oh! Os.
9 Sim. Omo. Mês.
10 Sãos. Bola.
11 Assaltarias.

— Eis o meu pequeno paraíso: as minhas rosas, as minhas túlipas, a minha vizinha.

A FUNÇÃO DOS REVISORES DE CONTAS

Com a portaria n.º 83/74, de 6 de Fevereiro, dos Ministérios da Justiças e das Finanças, veio, finalmene, a declarar-se constituída a Câmara dos Revisores Oficiais de Contas.

Poderá agora dar-se execução ao decreto-lei n.º 1/72, de 3 de Janeiro, que regulamentou a actividade destes novos profissionais que, além do exercício de outras funções específicas, completam ou suprem a actuação dos actuais conselhos fiscais.

Quando se publicou este decreto-lei afirmámos que embora se admitisse preferível sacrificar a perfeição das primeiras soluções a continuar delas carecidos (1), conviria ao máximo despender esforços de modo a que quer as soluções legais quer as práticas a adoptar fossem as mais adequadas.

Na verdade de há muito se vinha clamando contra as insuficiências dos conselhos fiscais e se enunciavam males derivados de as sociedades anónimas portuguesas não sofrerem qualquer censura válida e consequente quanto à incorrecta divulgação (ou omissão) da valorimetria patrimonial ou do apuramento dos resultados ou quanto à insuficiente ou deturpada apresentação das actuações gestivas.

Ora a comunidade nacional terá de empenhar-se no conhecimento e crítica da maneira como marcham e são geridas as mais importantes unidades económicas do País. E quem nas mesmas trabalha ou investe capitais, quem a elas compra ou vende bens e serviços tem legítimo direito de ser correctamente informado dos dados que a lei obriga a divulgar.

A ausência de tradições e de sãos hábitos de muitos empresários, as insuficiências várias que nas matérias de gestão, contabilidade e revisão de contas ainda existem no País e as inevitáveis dificuldades da criação de um profissionalismo em novos moldes serão obstáculos sérios e de não fácil transposição... Para os revisores oficiais removerem os escolhos que se lhes depararão torna-se necessário constituam um corpo de peritos bem apetrechado e organizado. Para isso a actuação do conselho directivo da Câmara dos Revisores Oficiais de Contas, poderá assumir extrema relevância.

DIFICULDADES E RISCOS

Do empenhomento e inteligência daquele conselho na acção, do apoio que receber das entidades oficiais, da compreensão que obtiver das empresas, dependerá em muito o reconhecimento público e o prestígio da nova classe profissional. Porém, o que mais contará para a informação dos revisores oficiais de contas será o somatório dos seus esforços e correctas actuações, o bom desempenho dos seus deveres, o

Por
ROGÉRIO FERREIRA FERNANDES

adequado uso das suas prerrogativas, a devida atenção às limitações, etc.

O conhecimento que a vida nos vai dando das realidades e das motivações em que as pessoas se encontram inseridas preocupa-nos quanto à correcta institucionalização das acções a empreender. Actuações que se reputam justas para a comunidade exigem ainda assim precauções na sua concretização, em face de interesses individuais ou classitas poderosos. Estes, sentido-se ameaçados, usam vias de ataque, mesmo ilegítimas, preocupados como estão em manter privilégios abusivos ou em minimizar efeitos contrários.

Por isso se dirá que a actuação dos revisores oficiais carecerá, nesta fase inicial, de redobradas cautelas. Daí justificarem-se exigências de probidade moral, adequada formação profissional, extremo bomsenso... Sem estes predicados será difícil levar a bom termo os trabalhos de análise e os juízos de síntese (que serão solicitados aos revisores e a que eventualmente terá de dar-se publicidade) sobre a veracidade e correcção dos elementos patrimoniais e resultados apurados e sobre a actuação gestiva de cada empresa em apreciação.

O PROBLEMA DAS REMUNERAÇÕES

A remuneração e forma de actuação dos revisores terá de encarar-se diferentemente do que tem sucedido até agora com a generalidade dos membros dos conselhos fiscais. O cometimento de exclusividade oficial da revisão (cf. art.ºs 3.º e 57.º do Decreto-Lei n.º 1/72) e as responsabilidades e sanções a que ficam sujeitos os revisores (cf. art.ºs 46.º a 58.º) terão de corresponder a adequadas remunerações e exigir equivalentes prestações de trabalho sistemático.

A esperada fixação de honorários, prevista aliás no art.º 44.º do citado Decreto-Lei n.º 1/72, suscitou-nos a questão de averiguar o número de conselhos fiscais que poderão ou deverão ser atribuídos a cada revisor ou sociedade de revisores. Não se considerava muito líquido o resultado da interpretação conjunta do disposto no art.º 2.º, alínea g do Decreto-Lei n.º 49 381, de 15 de Novembro (que limita indistintamente o número dos conselhos fiscais atribuíveis a cada pessoa) com o n.º 1 do art.º 39.º do decreto-lei n.º 1/72, que indica constituirem incompatibilidades relativas para os revisores as causas de incompatibilidade previstas nas alíneas a) a f) (somente) do referido art.º 2.º do primeiro decreto-lei.

A interpretação oficial que acabou por vir a público, pela Portaria n.º 192/74, de 12 de Marco, corresponde à aceitação da existência do limite legal de cinco cargos de membro efectivo de conselho fiscal **por cada revisor,** quer actuando a título individual quer agrupado em sociedade.

Julga-se convir salientar que uma limitação simplesmente assente no número de conselhos fiscais revestirá por certo caracter transitório, pois pode traduzir-se em medida injusta e constituir eventual fonte de ressentimentos nefastos, atentando nos honorários a cobrar. Na fixação destes, mais tarde ou mais cedo, terão que atender-se às reais diversidades das sociedades a revisar (dimensão, património, movimento, complexidade da gestão, organização dos serviços, validade dos directores, chefias e executantes das tarefas gestivas e contabilísticas da empresa, instrumental por esta utilizado, etc.).

Com a questão anterior prende-se o facto de ser reduzido o número de revisores já inscritos, alguns dos quais se admite não possam dar o seu concurso devido a incompatibilidades ou por carência de tempo para se dedicarem à função como a mesma requer (cf. art.ºs 38.º e 39.º do Decreto-Lei n.º 1/72). Considera-se, por conseguinte, salutar o escalonamento da sujeição das empresas a revisão oficial prevenido nos n.ºs 3.º e 4.º da aludida Portaria n.º 83/74 e reputam-se úteis quaisquer outras ressalvas enquanto não houver em funcionamento efectivo um corpo de revisores mais numeroso e especializado.

Um ponto que poderá eventualmente suscitar certo tipo de dúvidas é o de saber se os actuais empregados de sociedades anónimas deverão ou poderão constituir-se seus revisores oficiais (ou das suas associadas), em resultado de ilações que poderão decorrer da interpretação do verdadeiro alcance e extensão do disposto no art.º 39.º do citado Decreto-Lei n.º 1/72. E esta norma exige que decorra um prazo de três anos para um revisor que prestou serviços a uma entidade poder vir a desempenhar posteriormente funções nessa mesma entidade.

Um outro ponto que igualmente carecerá de atenção especial consiste no facto de os revisores serem pagos pelas empresas. Isto porque o seu trabalho assume também relevância externa que, pela lógica da função oficial de revisor, poderá sobrepor-se aos interesses reais da empresa (quando estes não forem legítimos ou, ao menos, chocarem com outros interesses que concorram com os primeiros e legalmente se lhes sobreponham).

Concluindo: Os revisores oficiais de contas estarão perante desafio a que deverá ser dada muita atenção, convindo alertar a opinião pública para a importância da actividade nascente que, bem exercida e cumprida, teria reflexos sociais altamente benéficos.

(1) De facto a perfeição foi sacrificada em aspectos importantes — ver nossos artigos nos n.ºs 154 e 156 da revista de **Contabilidade e Comércio.**

O que é um revisor oficial de contas

O revisor de contas não é um funcionário público nem um fiscal do Governo dentro dos conselhos fiscais das sociedades anónimas. Ele é apenas um profissional a quem compete defender interesses da colectividade, quer velando pela aplicação das leis e princípios contabilísticos, quer acautelando os direitos particulares dos accionistas. Por seu lado, a Câmara dos Revisores Oficiais de Contas também não é um organismo público, embora todas as sociedades anónimas, a partir de certa dimensão, sejam obrigadas a ter, entre os membros dos do seu conselho fiscal, um revisor oficial que podem escolher da lista dos inscritos na Câmara.

Não tendo os seus pareceres direito de veto dentro dos conselhos fiscais, a opinião dos revisores é no entanto determinante da política das empresas na medida em que pode representar a denúncia de irregularidades quer perante os accionistas e o público quer perante a Câmara dos Revisores. Neste caso, o revisor pode sentir-se levado a renunciar às suas funções em determinada empresa. Por aqui se vê que é importante a presença do revisor dentro dos conselhos fiscais pois a sua actividade pode representar uma forma de pressão. Mas as normas legais que regulam esta actividades não bastam para assegurar-lhe a necessária insenção. E do seu estatuto híbrido decorrem as principais dificuldades deontológicas de um revisor de contas que pretenda manter a coerência e a idoneidade.

(N. da R.)

O JORNALISTA E AS FONTES DE INFORMACÃO

Estar [illegible] não estar em reunião, eis o grande problema. [illegible] depende da pessoa que procura e de quem se procura. De qualquer modo é nesta vida de contra-relógio do fazer de um jornal, que mais se dá pela **coisa** a **coisa**, absurda, mesquinha, infeliz, perdulária, que é **estar em reunião.**

Não vamos escrever sobre exemplos cheios de simbolismos, mas sobre casos concretos. E quando falamos em **casos** usando do plural, nem sequer exageramos.

Comecemos por dizer que na agenda de trabalho da redacção nos coube, durante os últimas dias, a incumbência de realizar dois apontamentos de reportagem. E lá fomos em busca dos elementos necessários, procurando pessoas responsáveis, que nos pudessem fornecer os tais elementos uma vez que o que se dá a público não pode submeter-se ao risco da pura adivinhação por parte de quem escreve.

Saímos do jornal a correr, a correr apanhámos o primeiro táxi disponível e a correr chegámos ao primeiro ponto de encontro com um dos tais responsáveis. E aí todo o nosso entusiasmo esfriou: embora já tivessemos marcado telefonicamente o dia e a hora da entrevista possível, eis que um solícito contínuo nos informa: **O sr. dr. está em reunião.**

Um ponto perdido não quer dizer que não ganhe o campeonato, se nos permitem esta gíria futebolistica. **Tinhamos mais dois sítios onde ir.** Apressados, com a promessa de que no dia seguinte «o senhor-doutor em-reunião» nos receberia sem falta, disparámos para outro local. Também aí se nos deparou «a coisa» **o sr. engenheiro manda pedir muita desculpa mas está em reunião.**

Tínhamos desperdiçado quase hora e meia de espera. Pronto, nada fazer senão tentar reconquistar noutro sítio o tempo esbanjado. Mas não tivemos sorte nenhuma: **o sr. fulano de tal está em reunião e não o pode receber.** E isto após uma longa meia hora de espera. Tudo adiado para o dia seguinte.

Não se admirem, no entanto, se lhe dissermos que, no mesmo circuito e no dia seguinte, as respostas foram as mesmas, o tempo perdido **o mesmo e as reuniões exactamente as mesmas** nos mesmos sítios e mandadas dizer pelas mesmas pessoas. O pior foi quando nós insistimos, diante do gabinete do sr. engenheiro. Muito direito, um riso azulado na face olheirenta, o contínuo respondeu assim à teimosia do repórter:

Sabe: cada minuto perdido pelo sr engenheiro vale ouro.

Já sabiamos. Só o **tempo deles** é que tem importância. Só o tempo de certas pessoas é que conta, é que vale rios de dinheiro, é que é primordial para a vida do mundo. O tempo dos outros não passa duma chuchadeira, não contabiliza cifras, não determina cumprimento de horários, de missões, de trabalhos para a comunidade, enfim. **Há, porém, um aspecto ainda mais grave a comendar dentro do tema: se o repórter** desiste, devido às **intensivas reuniões** das suas fontes de informação e procura outras fontes menos responsáveis mas menos irredutíveis, na ânsia de apresentar o serviço no jornal a tempo e horas, respeitando a actualidade e utilidade, «aqui del-rei» que o repórter falseou a verdade, não tentou falar com autênticos responsáveis e que é preciso desmentir que vem escrito no jornal. Claro vão ser precisas não sei quantas reuniões para redigir o desmentido que será enviado com urgência ao abrigo da lei de imprensa ao «jornal que V. Excelência superiormente dirige».

JOSÉ HIPÓLITO RAPOSO